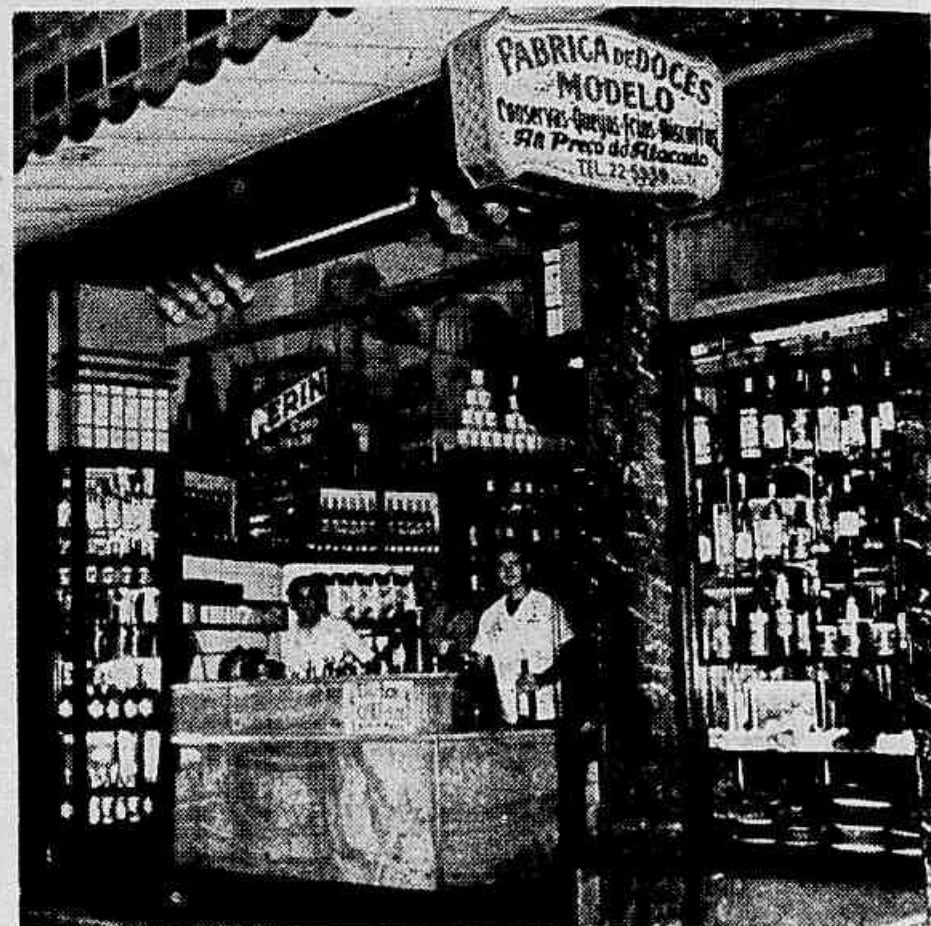
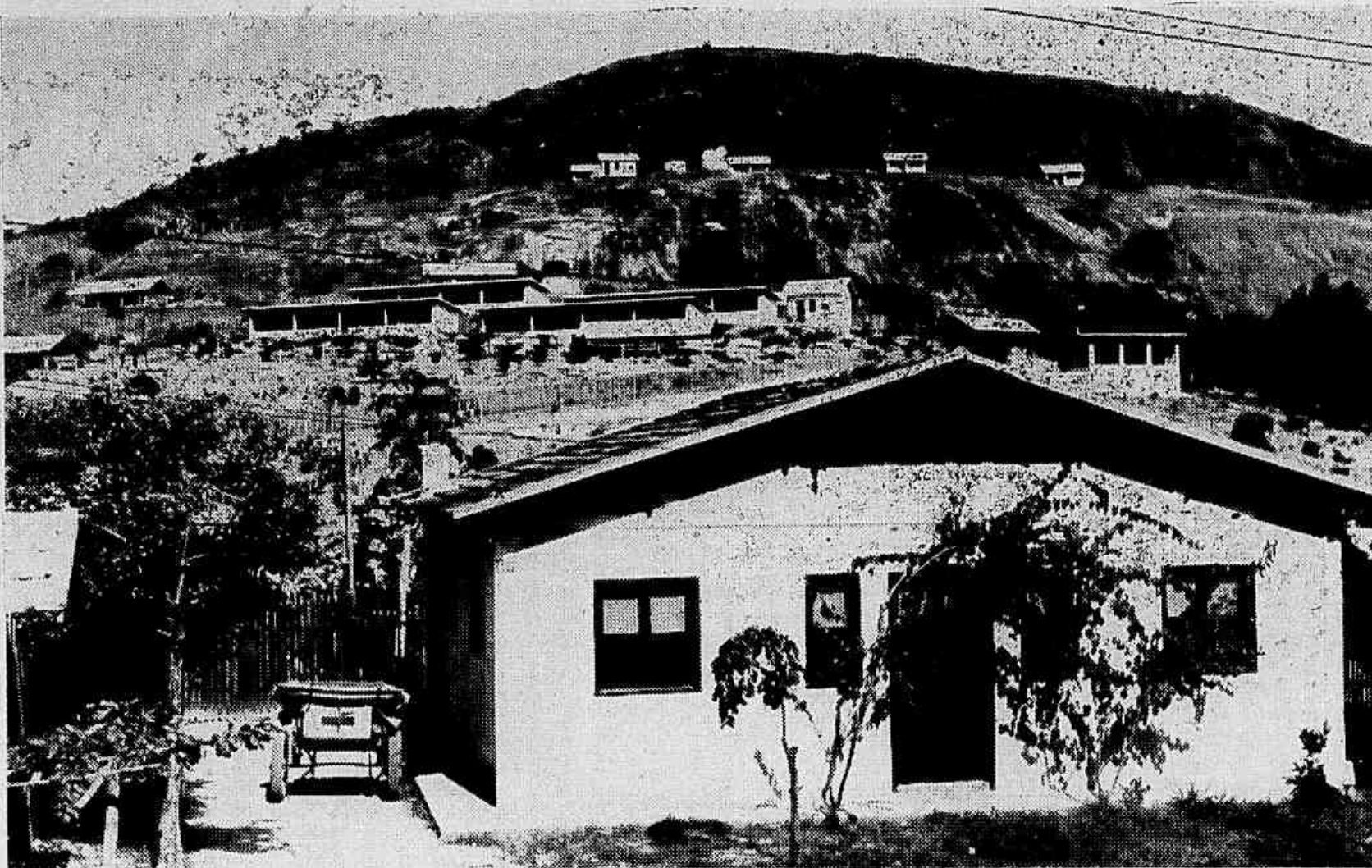


Revista da Semana

ANO XLIV —:— N.º 25 —:— 19 DE JUNHO DE 1943 —:— CR\$ 1,50 EM TODO O BRASIL

GRANJA "MODELO" (JACARÉ PAGUÁ)

Propriedade
da
FABRICA de DOCEs "MODELO"



Em cima, á esquerda: vista panorâmica da granja. A' direita: fachada da fábrica de doces "Modêlo"; ao lado: uma bandeija com os deliciosos produtos, já tão conhecidos do publico.

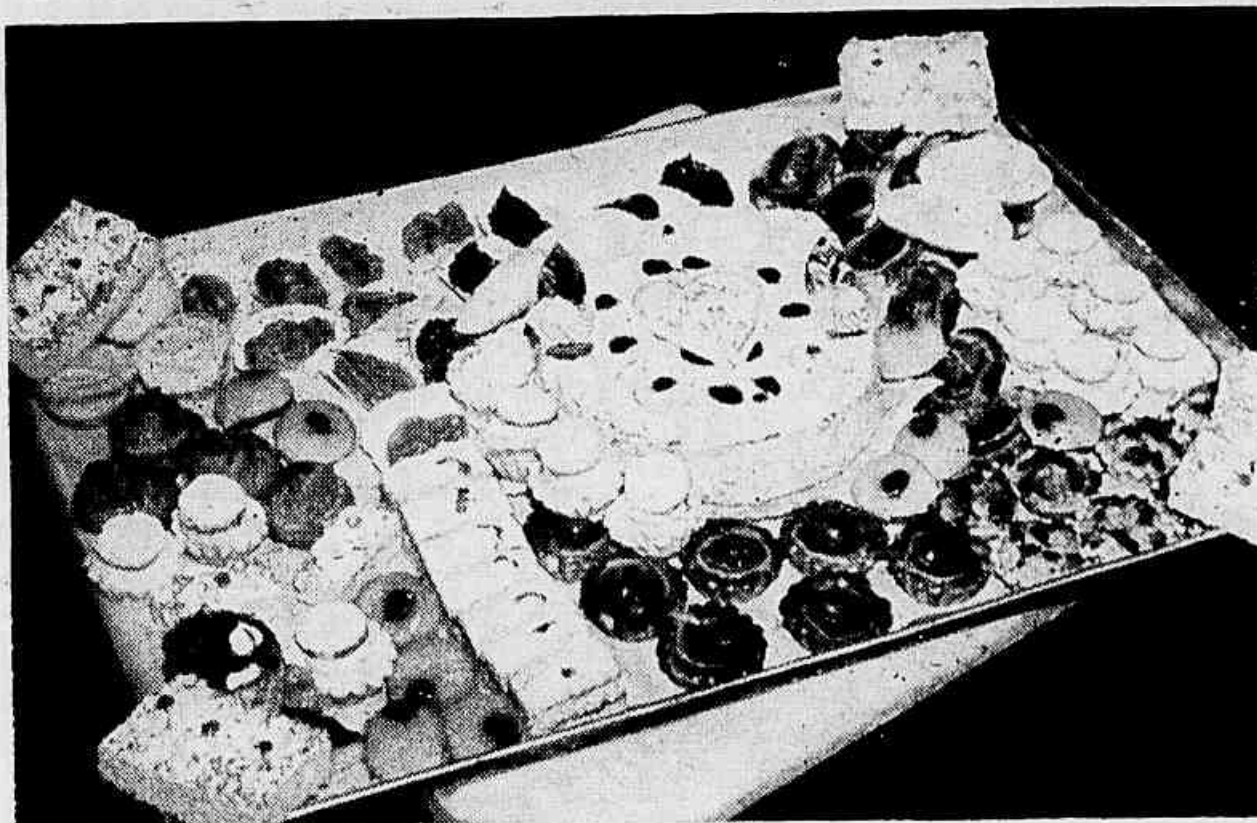
Entre as inumeras fabricas de doces existentes no Brasil, destaca-se, indiscutivelmente, pelas modernas instalações e preferencia do publico a tradicional Fabrica de Doces "MODELO" da firma A. Rebello, Irmão & Cia. Lda., situada á Praça da Republica, 54/56.

Funcionando ha longos anos e fornecendo doces finos para os principais restaurantes cafés e bares do Rio de Janeiro, Estado do Rio e São Paulo, a fabrica que tem a sabia direção de portugueses, constitue hoje uma garantia á quantos negociam com os produtos da marca "MODELO".

O que nos levou a fazer esta reportagem em Jacarépaguá, na "Granja" de propriedade da fabrica de doces "MODELO", foi o intuito desinteressado de mostrar ao publico que existe no Rio de Janeiro uma fabrica de doces que mantem com elevada despesa a sua propria granja de onde obtem os ovos frescos tão necessarios para o fabrico de doces de todas as especies. Ha uma velha teoria de que os ovos frescos só teem utilidade para os doces finos. Porem, a firma A. Rebello, Irmão & Cia. Lda., não pensa assim. Para eles o lema é: tudo fresco e tudo de primeira para a fabricação de doces de todas as qualidades.

E assim, na Estrada do Pau Ferro, 580 em Jacarépaguá, organizaram a granja nos moldes mais modernos na tecnica de avicultura, onde dentro em breve estarão produzindo a quantidade necessaria para o consumo diario que é de 450 duzias de ovos. Localizada em uma grande area, com todos os requisitos de higiene, sob a administração direta dos proprietarios e de auxiliares especializados, a Granja Modelo é uma organização que se impõe pela qualidade e seleção dos seus produtos.

Ao lado e em baixo, três detalhes que atestam a boa qualidade dos doces da Fábrica "Modêlo": galinhas de raça e ovos de primeira qualidade. Nas fotos vêem-se ao fundo os proprietários, snrs. Rebêlo e Barbosa.



SÃO JOÃO E AS BOMBAS

Revista da Semana

ANO XLIV ... N.º 25
19 de Junho de 1943

Iokanã, amigo :

PRESSINTO o vosso espanto, quando atendes para este planeta hostil e lhe dividas os fogarêus a subirem pelos castelos das nuvens, como as chamas sobem, no reino do Averno, pelos corpos ressequidos dos precitos. Desta vez, as graças pirotécnicas dos homens, transmudam-se em incêndios, e as inocentes "bichas" de salão, em cataclismos de fogo. Desta vez, os fogos joaninos abrasam o mundo e ameaçam, nos seus alicerces, a ordem e estrutura dêle. Que idéia, Senhor, podereis fazer de uma Terra infinitamente mais louca e pagã do que a do tempo de Herodes, Tetrarca da Galiléia? Naqueles tempos, já os profetas sofriam violências dos que não acreditam nas revelações do Alto — e purgastes, nas masmorras de Maqueros, o crime de anunciar a doce vinda de Jesus Cristo... Recordai-vos, Senhor, de como vos mostravam aos emissários de Roma, a vós, barbudo e triste, em quem os incrêus não reconheciam o selo da missão divina? Ainda vos lembra o festim histórico, em que Herodiade vos pedia a cabeça como premio á leveza dos pés de Salomé?

Desde essa época, senhor Iokanã, que as mulheres se conjugam, com homens sem juízo, para perderem a cabeça a quem lhes desdenha a formosura — ou lhes combate a falta de sizo...

Pois, Senhor São João (que assim vos conhecemos e amamos os que vivemos na lei de Cristo), muito vos magoaria a alma o saber o quanto nos abrasamos em dores, neste ano do Senhor de 1943! Jamais foram tão duras as condições da vida terrena, porque, outrora, as calamidades se faziam com um só elemento e, se havia enchente, os montes salvavam os inundados, e se havia fogo, as águas mitigavam os feridos das chamas... Hoje, a um só tempo, afogamo-nos nas águas do mar, queimamo-nos no fogo da terra, e nos asfixiamos no seio das nuvens. De todas as formas a Morte nos assalta, surpreende e destrói. As cidades são braseiros; os impérios, ruínas; os continentes, pastos de corvos... O vosso culto, Senhor São João, deixa de ser um mimo das almas, para se transmutar numa devoção dos mundos... Quem nos garante que, amanhã, os incêndios deste planeta não contagiem outros seres astrais? E que a loucura dos homens, estendendo-se, como uma peste, pelos espaços inter-planetários, se transforme num motivo cósmico de calamidades universais?

Outrora, o Vosso mês, São João, era propício ás ansiosas consultas do amor e da amizade... Uma clara de ovo, sobposta numa bacia de água, revelava destinos certos e aquietava almas incertas... Agulhas, embebidas do magnetismo do mês, apontavam o rumo e o destino das criaturas... E a própria chama das fogueiras não queimava mais do que o hálito doce da rosa ou o beijo matinal da brisa... As brasas de São João, há quem as toque sem dano e pisem sem malefício... E' que, nestas noites cristãs, a Natureza suspende as suas leis, e Deus derroga os eleitos comuns das causas físicas...

Os balões de São João, que hão de ser senão mensagens da alma humana dirigidas para o Céu, por entre os incertos ventos da Terra? Pois que têm luz, são como círios votivos, e, pois que sobem — como orações eficazes e leves... Muita vez, eles incendeiam-se, antes de galgar as nuvens e caem, como um borrão de fogo, na longa mensagem da esperança humana... Que importa isso,

se outros balões hão de subir e chegar até vós, doce amigo dos humildes, precursor de Cristo, clamador possante do deserto da Galiléia e do desampado das almas?... Subir é próprio das orações — que são a aeronáutica misteriosa da Fé, o vôo sentimental das almas... Balões que caem são preces que morrem no silêncio da atmosfera terrestre — sem terem tido a graça de alcançar a maior altura do Pensamento, e o cume superior da Imortalidade...

De todas as artes químicas e luminosas com que vos celebram os homens, nenhuma é mais ruidosa, Iokanã, do que a das bombas joaninas. Soltam-nas os garotos ás centenas, por estas claras noites de Junho, cujo silêncio tem, ás vezes, a profundidade insondável de uma confidência... Estas bombas são parênteses de rumor na longa meditação da treva. São hiatos sonoros, reticências de som, numa página de silêncio...

Frequentemente, soltam-nas os petizes, e deliciam-se com o espanto dos transeantes e a indignação dos descuidados... Elas são os símbolos dessas deflagrações de ambição e ódio com que os meninos grandes perturbam, a espaços, o repouso da espécie humana. Não há século sem chorrilho de bombas e chuva de granadas. A História da Civilização é, a muitos títulos, a cronica universal das guerras e conflitos que se hão travado na face da Terra. Mudemos os nomes aos reis e saltemos o lugar das batalhas, e a História é um só capítulo de competições e choques de armas, de tratados de paz e trovões de guerra... Este mesmo mês romântico, que é vosso e da poesia cristã, escolhem-no os exércitos, na Europa, para fazerem a ofensiva do verão, isto é, para abrirem milhares de covas e semearem milhões de desenganos... Outrora, cuidavam os homens de saber a época do ano em que convinha semear este ou aquele grão: a sementeira que fazem, hoje, é de lágrimas, e a colheita, de desesperos... A esta hora, Iokanã, amigo, estareis vendo subirem fogos coloridos — que não são brincedos infantis, mas avisos para a artilharia... Os estampidos e vozes roucas que ouvís, são as muitas bocas da Morte que se abrem, no imenso bocejo da fome universal... E tudo o que luz, e brilha, neste planeta triste, são incêndios e devastações, cidades que se comburem em chamas e países que se desfazem em ruínas...

Eis por que, ó doce precursor de Cristo, está tão animado de estrondos e florido de chamas este mês de Junho de 1943... Não é a vossa devoção que aumenta: é a loucura dos homens que se dilata. Não são meninos em folga e riso: são homens adultos, em mortal conflito. A maior fogueira deste mês é a da Europa, cuja conquista para o Cristianismo custou tanto sangue de mártir e tantas pregações de apóstolo.

Melhor fôra, áquele continente desventurado, que o subvertesse um cataclisma — porque, então, era um decreto de Deus que se cumpria, e não uma insanía dos homens que se exercitava...

Melhor fôra, a esta geração, o não ter nascido — condenada que estava á destruição sistemática. E, pois, Senhor, que batizastes ao Messias nas águas do rio Jordão, fazei que estes pagãos em fúria recebam o sacramento da iniciação, e com ele voltem a Jesus, á humanidade e a si mesmos!

Beija-vos as mãos, sem ruido, o devoto

Jerônimo

A fantástica captura de Eben-Emael

Do Capitão Pierre Jansen.

O autor deste relato era oficial do Exército Holandês. Por 20 anos viveu na cidade holandesa de Maastricht, a menos de quatro milhas da fortaleza belga de Eben-Emael. Observadores militares norte-americanos dizem que sua descrição é a que melhor explica até hoje a rápida queda do Forte Eben-Emael.

O Forte de Eben-Emael era o eixo de toda a linha de defesa belga. Ficava situado no ponto em que o Canal Alberto entrava nos vales do Jeker e do Mosa para formar a principal barreira contra o ataque alemão. Guardado por 7.000 homens, esperava-se que Eben-Emael resistisse por meses. Caía em dois dias. Várias explicações foram dadas: tropas paraquedistas, gases de nervos, desembarque da infantaria em planadores aos flancos do forte. Entretanto a história real é mais fantástica que qualquer destas.

A história data de 1929, quando os belgas decidiram construir o Canal Alberto e abriram concorrência. Um dos preços era absurdamente baixo. Veiu de uma firma alemã de Dusseldorf. Os economicos ministros belgas deram-lhe o trabalho.

Com exceção de alguns italianos que dirigiram as pás de ferro movidas a vapor, quasi todos os operários eram de sangue alemão. Alguns deles desposaram moças belgas. Pequenas lojas alemãs foram construídas para satisfazer a suas necessidades. Os belgas ressentiram-se desta invasão germânica em miniatura, mas quando o canal ficou terminado a maioria dos alemães voltou a seu país e ninguém mais pensou nisso. Os operários que haviam desposado moças belgas, contudo, instalaram-se nas vizinhanças. Na maior parte eles se tornaram agricultores.

Dedicaram-se a uma cultura especializada que se faz em covas talhadas na mole pedra calcária das colinas que cercam o vale do Jeker. Estas covas que abrigaram outrora foragidos do terror napoleônico, formam um labirinto subterrâneo onde se pôde andar cerca de 20 milhas numa só direção. Aqui os pacientes agricultores alemães ocuparam grande parte de seu tempo. Numa pedra tão friável que podia ser cortada com uma faca a construção de tuneis é uma tarefa silenciosa e fácil. Os incontáveis compartimentos escavados pelos primitivos pedreiros serviram para ocultar os resíduos das novas passagens. Durante anos os alemães cavaram tuneis em torno do forte de Eben-Emael e por baixo dele.

Sem dúvida suas culturas necessitavam alimento. Toneladas de "adubo" foram levadas para as covas. E muito antes de Setembro de 1939 tudo estava pronto.

Na ultima primavera chegou o grande

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilla e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones:—Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensas" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas

Outros riram...



— Seu filho, minha senhora, está muito desenvolvido na corpulência, mas não na instrução.

— Com certeza isso resulta de ser eu que o alimento e o senhor que o instrue.



— Pelo amor de Deus! Ha tres dias que não consigo comer!
— Um conselho, amigo: faça um pouco de exercício antes das refeições.



— Sabes quando faço ano?
— Sei. No dia 10.
— E o dia 20 é o da santa do meu nome.
— Está bem... Dar-te-hei um presente no dia 15.



— Uma desgraça, patrão! Perdi o menino na rua!
— Eu lh'ó descontarei do ordenado. Pode se retirar.

A nossa capa

O AÇO, NERVO DA GUERRA

Apresentamos hoje, em nossa capa, o verdadeiro vencedor da guerra: o aço com o qual se forjam as armas vitoriosas da Liberdade. Ai vemos o precioso minério indo receber a tempera. O cenário é fantástico, trás ao espirito visões dantescas em que o rubro da chãma contrasta violentamente com o fundo fuliginoso. O homem aí parece aniquilar-se, presa inerme no mundo das forças elementares. Na realidade é quem preside a essa visão de pesadelo, movendo a complexa maquinaria e jogando com os poderes terríveis que desencadeou.

Por toda a parte a metalurgia vem desempenhando um papel saliente na guerra atual. Os grandes centros metalúrgicos da Inglaterra e dos Estados Unidos lutam noite e dia para manter a produção num nível constante afim de que os valentes soldados da liberdade não crusem os braços à falta de armas. Essa batalha que se trava cotidianamente na frente interna contra a inércia da matéria, não é inferior a que se pugna à distância com o inimigo de carne e osso. Nesta batalha ingente da produção esperamos que o Brasil venha assumir em breve uma posição de relevo. No quadro titânico da forja esboça-se uma visão do futuro. Orae hoje se fabrica a matéria prima dos canhões, das granadas e dos tanques, hão de voltar a produzir-se os instrumentos da paz, o arado que sulca o seio fecundo da terra e o navio que trilha os interminos caminhos do oceano.

PRISÃO de VENTRE?



dia para o qual todos estes trabalhadores pacientes tinham trabalhado. O exercito alemão invadira a Bélgica. Repentinamente o "adubo" detonou e partes inteiras do forte voaram pelos ares. Tropas de assalto introduziram-se nas covas e explodiram pequenas cargas de T N T para ligar as cavernas com as passagens do forte, e assim penetraram em Eben-Emael. Já atacado de frente, da retaguarda, pelos flancos e pelos ares, os defensores viram-se paralizados por este ataque de baixo. O Forte Eben-Emael se entregou.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendencia para o pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

DÔR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



"MENTHOLATUM
MATOU NA CABEÇA
O MEU
RESFRIADO!"



MENTHOLATUM
É usado por
multidões contra
RESFRIADOS
que atacam a
cabeça e o nariz.

PROPORCIONA ALIVIO RAPIDO



“Não quero ser um desses generais que morrem na cama”

A profética intuição do general Andrews --- Grande perda para o Exército Norte-americano e as Nações Unidas

WASHINGTON, MAIO (*Inter-Americana*) — Com o desaparecimento do general Frank Maxwell Andrews, morto num desastre de aviação na Islandia, perde o exército norte-americano um dos seus mais brilhantes oficiais. Esse acontecimento trágico atinge igualmente todas as Nações Unidas, de vez que o ilustre militar, na sua qualidade de comandante geral das forças norte-americanas no teatro de guerra da Europa, estava destinado a desempenhar papel



Tenente-general Frank M. Andrews.

relevante nas próximas operações que desfecharão o golpe decisivo contra a “Fortaleza Européia” do nazismo.

A carreira do tenente-general Andrews é das mais brilhantes. Nascido há 59 anos em Nashville, Texas, ele se graduou em 1906 pela Academia Militar de West Point, como tenente de cavalaria. Tomou parte na força expedicionária dos Estados Unidos enviada à Europa durante a primeira Guerra Mundial. Desde então, como membro do Corpo de Aviação, resolveu encaminhar a sua carreira nesse sentido e tornou-se um precursor do desenvolvimento das forças aéreas norte-americanas. Piloto destemido, bateu vários records mundiais em vôo de distancia, e foi um pioneiro do vôo cego.

Em 1935, organizou e comandou o Quartel General da Aviação Militar do seu país. Empregou a fundo os seus conhecimentos técnicos e táticos, transformando uma organização imperfeita

numa equipe ativa e disciplinada. Bateu-se pelo aperfeiçoamento sistemático dos canhões anti-aéreos, e sempre encareceu a necessidade dos bombardeiros de longo alcance. Depois de dois anos de trabalho intenso ele exprimiu sua filosofia numa linguagem simples e chã, dizendo:

— Os ataques aéreos não podem ser detidos por nenhum meio até agora conhecido. O principal fator para conter qualquer força aérea do inimigo deve ser o bombardeio intensivo de suas bases e dos aviões pousados no solo.

Esses mesmos princípios foram aplicados pelo general Andrews na Europa, onde, segundo ele, os aliados deviam intensificar ao máximo os bombardeios aéreos contra a Alemanha e os territórios ocupados pelos nazistas. No dia em que sucedeu ao general Eisenhower, que foi nomeado comandante norte-americano no teatro de guerra da África, ele declarou em Londres:

— Pretendemos aumentar e intensificar o bombardeio aéreo do inimigo e preparar as forças maiores que sem dúvida serão trazidas para cá.

Quando o general Marshall se tornou chefe do Estado Maior norte-americano, no dia em que Hitler invadiu a Polónia, começou a procurar oficiais capazes que o ajudassem na tarefa de reorganizar o exército dos Estados Unidos em bases muito mais amplas. Um dos seus primeiros atos foi escolher um homem que desempenhasse a vital e importante missão de reforçar a defesa no Canal de Panamá, que era um objetivo sedutor para os agressores.

O general Andrews seguiu então para o Panamá, como comandante da área de defesa do Caribe. Pessoalmente, ele escolheu a localização e supervisionou o estabele-

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:
Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre
...
Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante
...
Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

cimento de bases aéreas naquela zona. Também criou um sistema de patrulhamento aéreo a grande distancia, que concorreu para limpar de submarinos as águas infestadas daquela região. O governo do Panamá, em sinal de agradecimento, concedeu-lhe a Medalha do Mérito. Mais ou menos na mesma ocasião recebeu do governo de seu país duas altas condecorações, a *Distinguished Flying Cross* e a *Distinguished Service Medal*.

Completada a sua missão na zona do Panamá, e entregue a mãos capazes o que restava a fazer, o general Andrews recebeu o comando das forças norte-americanas no Oriente Medio. Estudou minuciosamente a tática da guerra mecanizada no Egito e na Líbia, e pôz os seus homens em forma para enfrentar o ataque nazista que teria sobrevindo se não fossem os revezes do Eixo na frente russa e na África.

Como chefe das forças norte-americanas no teatro de guerra europeu, o general Andrews teve o seu terceiro e mais importante comando nesta guerra. Embora especializado em aviação, ele é um dos melhores comandantes de campo do exército norte-americano.

— Acredito firmemente no estreito apoio das operações aéreas — disse ele certa vez — E se quereis o melhor exemplo de unificação de todos os ramos das forças de combate, basta ver a campanha da África contra Rommel.

O general Andrews amava a ação, e especialmente a ação em vôo. Quando entrava num aparelho, preferia sempre ir pilotando. Como que pressentindo o genero de morte que melhor se ajustaria ao seu temperamento bravo, dinamico, generoso e combativo, ele costumava dizer aos seus amigos:

— Não quero ser um desses generais que morrem na cama.
E não foi mesmo.

O PREÇO DA “REVISTA DA SEMANA”

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo da venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

DURMA feliz e com saúde

NUM COLCHÃO

HOLLYWOOD

Quarta 59 - Tel. 43-7134
DEPARTAMENTO DE VENDAS

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente 1 litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



MALTOGENO

"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

Nação Armada

Recebemos o numero 43 de Nação Armada revista civil-militar consagrada à Segurança Nacional.

E' a edição referente a Junho com materia variada de interesse propriamente militar e de interesse geral.

DORES nas COSTAS?

- Dôres reumáticas
- Ácido úrico
- Urina turva, escassa
- Pés inchados

Aos rins cabe a tarefa de eliminar as impurezas do organismo. Com os anos ela se torna mais árdua e nem sempre mantém plena eficiencia provocando os sintomas acima que podem indicar uricemia, envenenamento do organismo pelo ácido úrico. Tome as PÍLULAS DE FOSTER e ajude a remover o excesso de ácido úrico prevenindo-se de graves enfermidades.

PÍLULAS DE FOSTER

Para os Rins e Bexiga

• Diuréticas e balsâmicas — desinfetam e ativam os rins. Combatem o ácido úrico e manifestações. Também para pielites, uretrites e cistites.

Aprov. pela D.N.S. sob n.º 233 em 15-4-42.

MÃOS A MEDIR



O LADRÃO

Conto do escritor austriaco
RODA RODA

QUANDO eu era uma garotinha de dez anos, minha família morava na charneca de Ilintzi. Um dia deu-me na cabeça ir visitar o velho cigano Awran, no casebre que ele habitava à entrada da floresta, perto da aldeia de Ilintzi.

— Viva a minha bela menina! bradou ele alegremente, ao ver-me. — Que bondade a sua, de se lembrar do velho amigo!

— Tio Awran, venho lhe pedir uma coisa...

— Uma coisa, minha joia? Que será?

— Tenho ouvido falar tanto em ladrões, que gostaria de ver um. Pederá o senhor mostrar-m'o? Mas não um simples ladrão de galinhas, como Iwo, ou um ladrão de uvas, como aquele pastorzinho, o Estevam. O que eu queria ver era um verdadeiro ladrão.

Awran, espantado, abanava a cabeça:

— Que idéias teem estas meninas, filhas de gente rica! Queres ver um ladrão e diriges-te, para isso, a um cigano... Ora, os ciganos, minha beleza, são pobres, muito pobrezinhos, mas honrados. Trabalham desesperadamente, concertando panelas, amolando facas, fazendo cestos, para ganhar um pedaço de pão que não os livraria de morrer de fome se, de vez em quando, não recebessem das mãos de pessoas caridosas um prato de comida. Escuta, meu amorzinho, não me trouxeste um pedaço de toucinho ou um pouco de tabaco para o meu cachimbo? Com certeza nunca viste dansar como o velho Awram, à velha moda boêmia. Conheces a dansa do machado? Dá-me então algum dinheiro, minha florzinha, e, não te arrependers.

Dei-lhe dois kreutzers; o cigano beijou-me as mãos.

— Bom... acrescentou ele — agora falta o machado. Sem machado, impossível dansar. Queres ir buscar um a tua casa?

— Não posso. Papai, me castigaria com certeza. Não viste como ficou zangado naquele dia em que te dei um bezerro em troca dum assobio?

— Se me lembro! Teu pai desfez o negócio; e agora o bezerro é boi crescido no meio do gado. Pois olha, quando me avista na estrada, ainda me olha, assim, com uma tristeza... E com razão, coitado. Se teu pai não m'o tirasse, ficaria sózinho comigo; eu lhe daria todos os cuidados, tratá-lo-ia como a um filho. Ao passo que assim, no meio dos outros... Has de concordar que teu pai fez mal, muito mal em desfazer o nosso negócio!

— Mas o assobio não valia dois kreutzers.

— Dizem isso os que não entendem nada. Nem todos os assobios são iguais. Aquele veio da América; mandou-m'o o meu querido genro, que anda por lá com um urso. E meu irmão que está em Londres e é violinista do rei, também te podia dizer o valor daquele assobio.

— Awram... interrompi, voltando ao caso que me interessa — tenho aqui um florim de prata que minha mãe me deu. E' teu, se me mostrares um ladrão.

— Faz-me presente dele, meu anjo, e eu te mostrarei uma dansa como nunca viste!

— Não é a dansa que eu quero ver e sim um ladrão.

— Mas onde o vou encontrar? Enfim, já que tanto desejas podemos procurá-lo. Vem comigo.

Entrou um momento na choupana e voltou com um grande saco ao ombro. Pozémos a caminho. O sol estava abrazador; os nossos pés enterravam-se no pó da estrada. Nunca eu tinha andado tanto a pé.

— Falta muito, Awram?

— Só meia hora mais e eu te mostrarei um ladrão.

— Um verdadeiro?

— Até os gendarmes teem medo dele. Vês, lá longe, aquela torre? E' a aldeia de Schwaben. Ali descansaremos e eu te mostrarei um ladrão soberbo!

Ageitou melhor o saco que levava ao ombro.

— Que é que faz tanto barulho aí, no teu saco?

— As coisas necessárias para concertar panelas e caldeiras: martelos, tesouras, um soldador, uma bigorna, pedaços de lata e de zinco, carvão... Escuta, minha princezinha: tens ainda contigo o florim que querias dar ao velho Awram?

Procurei no bolso da saia e respondi que sim.

— Põe-no antes no bolso da blusa para não o perderes.

Obedeci.

— Dize-me, Awram. Usas um anel esquisito...

O anel era de ferro e tinha do lado da palma uma espécie de gancho ou prego curto.

— Este anel... Como reparaste nele, hein? Não te escapa nada! Pois é este anel que me arranja trabalho.

— E' então um anel encantador?

— Um talismã arabe. Conduz-me sem engano possível aos lugares onde posso ganhar alguma coisa.

— Gostava de ver isso.

Chegámos à aldeia de Schwaben. Awram passou em silêncio pelas primeiras casas. Explicou-me que tinha falado com os moradores ha pouco tempo. Só à sexta ou sétima, entrou no pátio cautelosamente. Os cães deram sinal, e apareceu à porta de dentro uma mulher.

— Minha boa senhora... perguntou Awram humildemente — não terá aí panela, caçarola, chaleira, qualquer outro utensilio de ferro ou lata para concertar? Por um pouco de trabalho que me dê Deus lhe concederá anos de vida!

— Não preciso de nada. Vá andando, Boêmio!

E os cães ladraram com mais força.

— Deixe-me, em todo o caso, ver lá na cosinha. 'As vezes, um buraquinho à toa... Concertado hoje, não lhe custará quasi nada; amanhã ou depois, será talvez necessário mudar o fundo todo...

A mulher entrou e bateu com a porta.

— Vamos um pouco mais longe, com Deus... murmurou o cigano.

Passou ainda quatro casas sem bater. Na quinta, veio lhe atender uma moça que, declarando embora não ter nada que precisasse de concerto, lhe permitiu entrar, examinar a bateria de cozinha.

— Mas escusa de procurar porque não encontra.

Dalí a um momento reaparecia, Awram, com ar triunfante:

— Agradeça a Deus eu ter vindo! Aqui está um balde com um buraco já bem grande.

E passava o dedo pelo fundo da vasilha... A mulher não queria acreditar. Depois, olhou de perto, convenceu-se e assentiu no concerto. O velho boêmio instalou a "Oficina" debaixo duma amoreira próxima.

Continúa na pagina 42

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN

LOCÃO Nº 1113

EXTRACTO Nº 1110 C/CK

EXTRACTO Nº 1111 S/CK

EXTRACTO Nº 1111 C/CK

EXTRACTO Nº 1111-M

PO Nº 1150

BRILHANTINA Nº 1112

SABONETE Nº 1180

Nº 1100-F

Nº 1101-F

Nº 1102-F

T. TARQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL

COM UM PÉ NO CÉU, romance de Hartzell Spence, tradução de Sodrê Vianna — Rio de Janeiro, 1943.



Páginas de romance ou de biografia "estilizada", nelas nos conta Hartzell Spence a história de seu pai, pastor metodista.

Pároco em diversas localidades, o Reverendo William H. Spence consagrava ao seu ministério o máximo de sinceridade e de zelo. Fizera-se sacerdote por verdadeira inspiração. No púlpito assumia o fervor e a grandeza dum apóstolo. Mas o cargo a que procurava dar irrepreensível cumprimento não lhe exigia exclusivamente a exaltação religiosa. Para bem cuidar do seu templo e do seu rebanho, precisava ele de descer a mistérios bem terrenos e tanto quanto possível tolerar as vistas interesseiras, a ignorância, a teimosia rotineira ou a mera vaidade dos paroquianos. Em tais emergências o homem de fé se transformava em homem de espírito. Através duma ironia velada e subtil, só para ele, ia fingindo que atendia quer a solicitações quer a imposições; que tomava a sério as rivalidades e intrigas locais; que dava importância a boatos e maledicências — contanto que dessas transigências simuladas ou temporárias alguma coisa se aproveitasse, capaz

de o ajudar a alcançar o seu verdadeiro objectivo ou chegar ao seu verdadeiro fim. E esse pároco bem intencionado, sem prejuízo dum grande senso prático e duma sagacidade que podia chegar a parecer maliciosa, adotava no seu lar orientação análoga à que observava na igreja. Estremecia a esposa, sem a deixar influir decisivamente nos seus projectos presentes nem nos seus sonhos de futuro. Como se, de vez em quando, se deixasse levar pelos filhos, na realidade os governava e dirigia sempre. E a figura do Reverendo William H. Spence atravessa a acção pouco intensa do romance, com um prestígio moral, uma simpatia de que resulta para os leitores a mais agradável impressão.

MOVIMENTO

SOMBRAS DEL SILENCIO, poemas de Reyes Loyola — Santiago de Chile, 1943.

Vem-nos de Santiago de Chile este livro de versos. Versos dos chamados modernos, porque neles os poetas se furtam às regras clássicas, se subtraem a todos os mod loo consagradas. Em verdade, o sr. Reyes Loyola não abandonou inteiramente o metr nem a rima. Se a inspiração lh'o exige ou o próprio verso, na sua espontaneidade lh'o impõe, observa o ritmo canoro que é para o ouvido o que as palavras e as imagens são para o espírito. E quando bem nos detemos a refletir e a sentir a suprema arte, e chegamos à conclusão de que a elevação das idéias e a harmonia das formas ou dos sons se fizeram para andar uma com a outra, imperturbável e inseparavelmente.

Os versos do Sr. Reyes Loyola traduzem rica e fina sensibilidade. Definem emoções cujo requinte, pela maneira como se exprime, não resvala nunca à extravagância com a qual tantos confundem a originalidade. E a simples concordância da sílaba tônica que para os poetas da língua espanhola é ainda boa e bastante, aqui adquire interessante expressão musical. Tomemos ao acaso a página intitulada *Arpa loca*:

*Arpa loca. Desquiciadora.
Errante. Melodiosa y triste.
Se exaspera mi corazón
cuando te mira.*

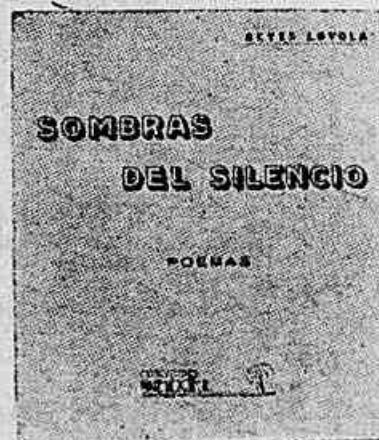
*Arpa loca
que a los cuatro vientos
dejas que se esparzan
tus sonidos.*

*No me dejas que loque
la cuerda melodiosa
de la existencia rigida.*

*Ni siquiera que module
el tono leve
de la cuerda misma.*

*No me dejas nada. Arpa loca.
que sin embargo dices
que me dejas todo.
Ni siquiera tocarle
con mis dedos heridos
la canción melodiosa
de la existencia rigida.*

*Arpa loca. Desquiciadora.
Errante. Melodiosa y triste.
¿Como quieres que algún día
pueda tocar la canción
que no existe?*



AFORISMOS, SENTENÇAS E JULGAMENTOS SALOMÔNICOS, de Voltaire, tradução de Persiano da Fonseca — Rio de Janeiro, 1943.

O empreendimento de *Os grandes pensadores*, a que a Editora Vecchi se lançou este ano e que está desenvolvendo com segura regularidade, dará uma colecção por vários títulos excelente. A série se recomenda com especial preciosidade aos amantes das boas letras, cujas posses ou condições de vida em geral não permitam a formação de vastas bibliotecas. Vem ela a constituir uma síntese, tanto quanto possível eloquente, do que escreveram e até do que projectaram filósofos, poetas, historiadores, romancistas entre os mais famosos de todos os tempos e do mundo inteiro. O leitor caprichoso tem assim em cada um destes livros de cem páginas, pouco mais ou menos, um resumo da obra das sunidades do pensamento humano e da arte de o exprimir por palavras perfeitas. Quando este ou aquele autor lhe interesse sobremaneira, nada o impedirá — a não serem as já referidas condições de fortuna — de adquirir a obra inteira. E ainda lhe resta o recurso de a ir ler nas bibliotecas públicas... se também estas não estiverem fóra do seu alcance. Em todo o caso, a edição *Os grandes pensadores* lhe ensinará muita coisa, se não rigorosamente o bastante daquilo que tão gloriosas individualidades legaram à inteligência e à aplicação estudiosa das gerações.

Aforismos,
Sentenças
e
Julgamentos
Salomônicos

De
VOLTAIRE

O presente volume compreende reflexões, frases soltas, apontamentos e anedotas de Voltaire. Embora a nota liminar o não especifique, trata-se duma tradução, em boa parte, do *Sallizier* que, nas edição de 1883, das *Obras Completas de Voltaire*, da casa Garnier Frères, de Paris — e depois também do Rio de Janeiro — reproduziu o manuscrito existente na biblioteca do Ermitage, de S. Petersburgo, onde faz parte dos papeis comprados, em 1778, por Catarina II à Sra. Denis, sobrinha do filósofo de Ferney. Nesses cadernos incluía Voltaire as observações e apanhados feitos nos intervalos do seu trabalho grandioso na tragédia, no poema, no romance, na filosofia e na história; os improvisos de espírito e também os descuidos ou cinzas dos outros homens de letras; os boatos de corte e de salão ilustre; os casos para serem mais tarde comentados ou por qualquer circunstância merecedores de registro; toda a sorte de assuntos e toda a sorte de curiosidades. E toda a gente imagina o que nestas páginas se encontra para nos levar, a reflectir, ou nos comover, ou nos encher de admiração ou simples nos fazer rir.

BRASIL, TERRA LUZIADA, de Júlio Cayola — Lisboa, 1946.

Encerra este volume de primorosa execução gráfica e de cerca de quatrocentas páginas os objetivos da viagem do sr. Júlio Cayola ao Brasil, em missão do Ministério das Colónias portuguesas, e as impressões colhidas não só de e-gado o icial mas também pelo turista nas suas visitas a esta capital e a outras grandes cidades brasileiras.

"Fui ao Brasil — diz o sr. Cayola no prefácio — com três encargos: fazer a propaganda do Império Colonial Português, isto é, mostrar a brasileiros e portugueses residentes em terras de Santa Cruz quão salutar tem sido nos domínios ultramarinos a tarefa da Revolução Nacional expor a obra cultural da Agência Geral das Colónias; adquirir informações económicas no sentido do estreitamento das relações entre o Império e a Nação irmã e ainda colher ensinamento que fosse útil transmitir e transplantar para os nossos domínios ultramarinos."

Sei de antenão — não tivera a'guns cabelos brancos — que muitos hão de pensar que fariam melhor; outros ju-garão pouco o que re-lisei. Com'esso, rudemente, que só me interessam as o inícios de quem de direito, esses porque a nada ocultei do que fiz e da forma como servi. E essas opiniões já as ouvi.



Um romance onde tudo é vida,
só vida!

Um livro de palpitante realidade, de
leitura suave e interessante. Uma histó-
ria para tôdas as mulheres do mundo!

Éramos SEIS!

pela Sra. Leandro Dupré

2.a EDIÇÃO — com originalíssimo
prefácio de MONTEIRO LOBATO

ÉRAMOS SEIS é um livro que comove
e entusiasma. Um livro que se lê
com sofreguidão, da primeira à última
página.

...é um desses dramas raros e sur-
dos que se desenrolam entre quatro
paredes humildes. Seis figuras humanas
transitam pelo romance, vivem as suas
obscuras tragédias sem desespero e se
perdem sem rumor.

...narrativa simples e movimentada,
às vezes salpicada de ironia, ou de
doce perversidade, a formar este ro-
mance esplêndido, que constitui prazer
e repouso para o espírito.

— "ÉRAMOS SEIS" é o livro brasileiro mais
discutido pela crítica nestes últimos tempos!

Volume em brochura, Cr\$ 16,00
EM TÔDAS AS LIVRARIAS

A Sra. Leandro Dupré es-
treou há pouco mais de um
ano com "O ROMANCE DE
TERESA BERNARD", um livro
que a gente lê de um fôlego,
não só pela clareza e espon-
taneidade do estilo da autora,
como pelo movimento e colo-
rido do seu entrecho.

Teresa Bernard, sempre huma-
na e feminina, ri, chora e vive
nas páginas desse livro, como
a maioria das mulheres riem,
choram e vivem na vida real.

Volume com 400
páginas, em bro-
chura, 2.ª ed., Cr\$ 20,00



Edição da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Peça pelo Serviço de Reembolso Postal
Livraria Civilização Brasileira
Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo
Rua do Ouvidor, 94 — Rio de Janeiro

LITERÁRIO

Acrescentaremos apenas, e porque poderá interessar a bastantes outras pessoas, que o volume traz, anexa, uma relação das obras editadas pela Agência Geral das Colônias e expostas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

ERAMOS SEIS, romance da sra. Leandro Dupré — São Paulo, 1945.

É um livro impressionante, empolgante deveras. Desde as primeiras linhas o leitor se sente conquistado. Tem que ir, o mais continuamente possível, até ao fim.

Trata-se, no entanto, duma narrativa sem rasgos de imaginação, sem enredo intenso nem episódios de efeito teatral. Uma extremosa, abnegada, infatigável mãe de família, pertencente à pequena burguesia mal remediada, conta da maneira mais singela a história do seu lar. Essa história principiou quando, dos quatro filhos do casal, o mais velho contava nove anos e a caçula batia a toda a força com a colher no prato, gritando: *Num quero omê! Num quero!* O ordenado do pai mal dava para o sustento diário — tanto mais que, uma vez por semana, ele se dava ao luxo de ficar por fora até tarde, com amigos, bebericando. E havia o projeto, o sonho de comprarem a casa, de lhe poderem, em todos os sentidos, chamar sua. Como realizar esse prodígio orçamentário? A esposa, porém, tem o gênio da economia; e não olha a canceiras nem a sacrifícios. A labuta doméstica, já exaustiva, junta o trabalho para fora. Todos os minutos que os cuidados com o marido e os filhos lhe deixariam livres, ela os aplica a um rápido, activíssimo *tricot*. Uma heroína que os nossos avós considerariam verdadeira "moura" e de quem diriam que se matava a trabalhar. A sua saúde é, porém, como a sua alma, inquebrantável. Assim a criatura, mourejando sempre, vê os filhos crescerem tomarem cada um o rumo da sua índole, dos seus avisos, das influências da época e do meio; gosa raras mas suavíssimas, santas alegrias; atravessa com inspirada coragem todos os sofrimentos, e até os maiores: os que lhe veem de presenciar, acompanhar o sofrimento dos seus; e, por uma das mais naturais e imperiosas leis da vida, que é a dispersão, os entes queridos a vão sucessivamente abandonando; e acaba sózinha, em serena melancolia e até docemente resignada, pois os sobreviventes do lar que também deixou de lhe pertencer seguiram cada qual o destino que julgou melhor e mais ditoso.

A "maneira" da sra. Leandro Dupré é duma espontaneidade e uma propriedade absolutas. A gente ouve realmente e realmente vê os diálogos. Também na parte descritiva, como é a protagonista que fala e se trata duma senhora, a bem dizer sem instrução, frequentemente se nos deparam os erros correntes na linguagem popular. Assim, em cinco linhas, apenas, se encontram as expressões que toman os a liberdade de assinalar:

"As dez horas fechávamos a casa e íamos deitar" eu "virava" na cama, sem sono. Uma vez levei um susto, "lembrando" da carta recebida dois dias antes. Minhas irmãs haviam escrito perguntando se poderiam vir passar as férias em nossa casa. De que forma eu poderia contar isso "à" Júlio?"

Sinceramente, preferíamos que, fora dos diálogos pelo menos se observassem aos cominhos preceitos gramaticais. Não nos acode, porém, outro reparo a fazer ao livro da sra. Dupré. Tudo o mais nos leva a admirar e louvar.

J. L.

A CONQUISTA DO BRASIL PELOS BRASILEIROS, pelo tenente-coronel Lima Figueiredo. — Conselho Nacional de Geografia — Rio — 1945.

A presente publicação constitui mais um brilhante início das atividades do Conselho. Ainda recentemente foi lançado o *Boletim* geográfico, informativo, utilíssimo para os estudiosos patricios. Agora, o trabalho do tenente-coronel Lima Figueiredo, cidadão que alia à situação de militar, as mais legítimas qualidades de pesquisador, de homem votado ao estudo — o trabalho deste oficial, repetimos, vem inaugurar, em boa hora, a Biblioteca Geográfica Brasileira.

Essa biblioteca compõe-se de duas séries: A e B, a primeira compreenderá trabalhos cujos originais ultrapassam 150 páginas datilografadas.

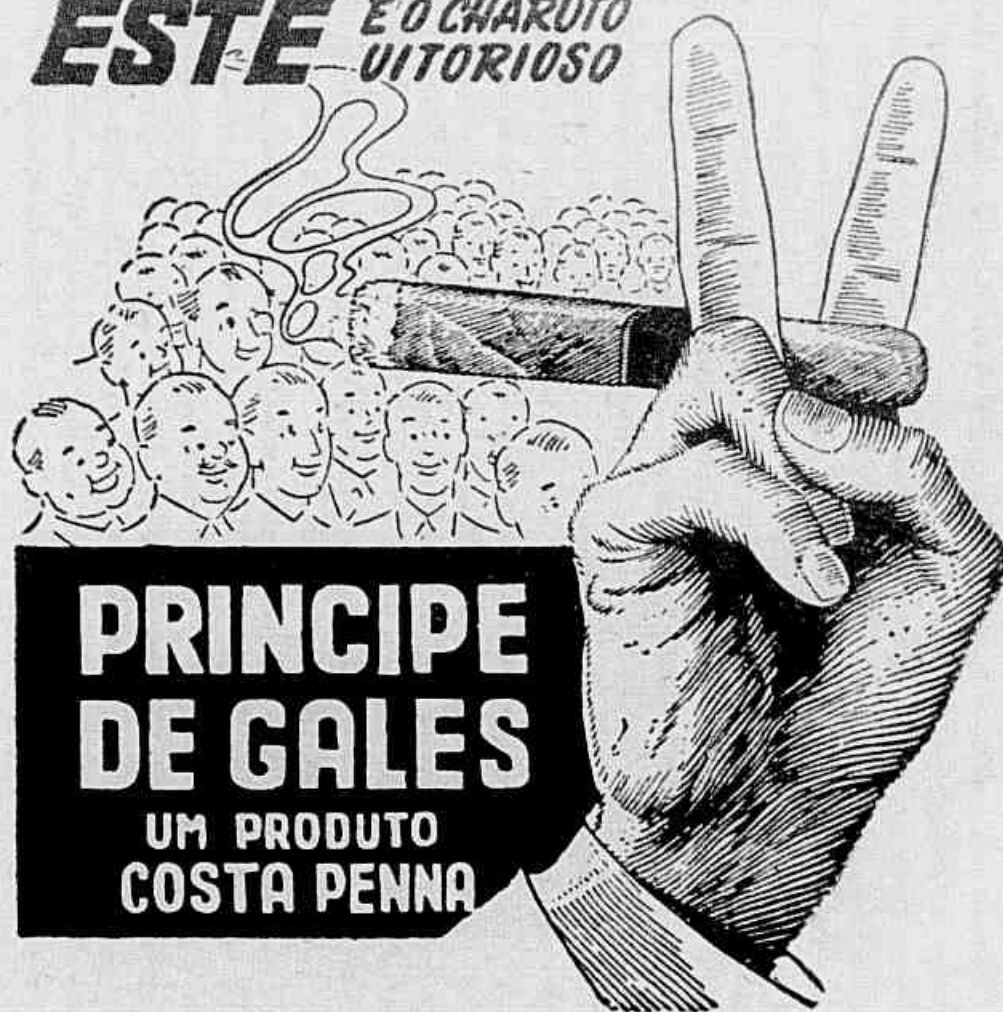
A *Conquista do Brasil pelos Brasileiros* foi prefaciado pelo sr. Cristóvão Leite de Castro, na qualidade de diretor da B. G. B. "Tenho a convicção de que quantos a lerem chegarão a mesma conclusão dos que a ouviram: dificilmente orador tão entusiasta e culto, abordará assunto de tamanha oportunidade e importância, em ambiente de tanta propriedade e ressonância. É um toque vibrante de alerta que, partido das entranhas do planalto central, hade ecoar por todo o oficial, em Julho de 1942.)

O Ator agrupou suas considerações sob os seguintes títulos: A Conquista do Brasil pelos Brasileiros; Defendendo a Terra; Um Mapa Demográfico Desequilibrado; Restituição racional do Brasil; Nova Divisão Territorial; o Exército do Trabalho; Dando Felicidade aos Desgraçados.

Numa época em que os grandes problemas nacionais estão sendo resolvidos, em que o Brasil está entrando, por assim dizer "na posse de si mesmo", é de muita oportunidade a vulgarização desta conferência, levando ao público de todas as províncias, a mensagem de um coração nacionalista e de um espírito lúcido. A palavra autorizada de um conhecedor, sobre assunto que a todos empolga.

A. M.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47866

Oedipos do século XX...

(Especial para a REVISTA DA SEMANA de PADUA DE ALMEIDA)



A psicologia é uma ciência estranha. Dispondo de poucos meios para conhecer a alma humana, ela penetra nas sombras ignoradas do sub-conciente, e, em silêncio, vai buscar, nos abismos desconhecidos do "eu", o porquê dos temperamentos e mesmo dos destinos.

Podemos dizer, aliás com exatidão, que ela é o lado cego da filosofia, porque as suas constatações são feitas às apalpadelas, por vestígios indiretos, por traços deixados na escuridão.

Esta é a idéia que os leigos fazem da psicologia. Mas os verdadeiros psicólogos da nossa época, homens que sabem vencer, de modo simples e vertiginoso, os mais insondáveis problemas da alma, resolveram tornar a psicologia uma ciência prática por meios técnicos.

Hoje, inúmeros aparelhos auxiliam os psicólogos mais adiantados com uma precisão dinâmica... por vezes até matemática.

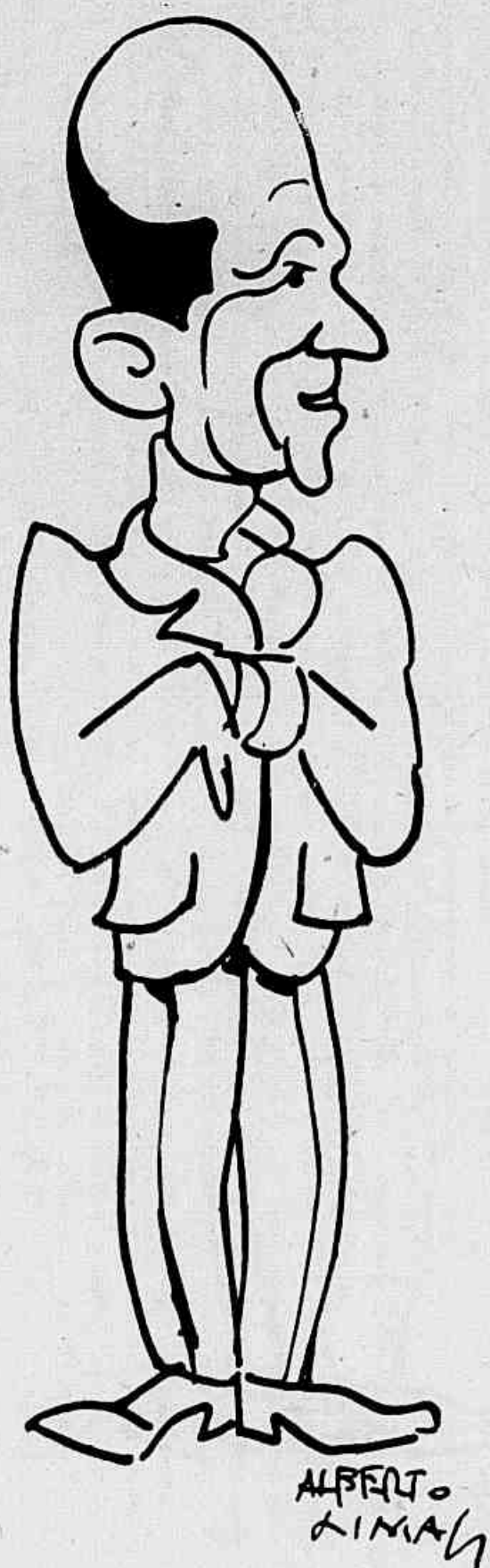
Enquanto que, antigamente, um observador de caracteres, para descobrir uma personalidade, precisava perder-se num emaranhado de pormenores vagos, nebulosos, sem ter nenhuma noção das causas morais, das raízes em que repousam as formações primárias de cada tipo, atualmente os mestres dos institutos de psicologia vão diretamente aos seus objetivos psico-técnicos, e com segurança, desvendam os enigmas sinuosos da natureza humana.

Como homens do século do dínamo e da linha reta, sem imaginação para as coisas empíricas, esses psicólogos entregam aos seus aparelhos a tarefa de fazer as sondagens do "eu" daqueles que estudam. E esses aparelhos, como são? São muitos? Como funcionam para chegar a um resultado positivo? E como são utilizados?

Eis aí uma encruzilhada de interrogações que nos põem atordoados para responder.

O mundo de utensílios de que lançam mão os psicólogos modernos é imenso, poliforme e — não será exagerado dizê-lo — oceânico. Quem visite um gabinete de psicotécnica ficará, decerto, intrigado com aqueles objetos misteriosos, aquelas lentes, cilindros, fios e lâmpadas indecifráveis que devassam as fronteiras das "psíquicas", como os operários das húlheiras penetram na terra e os escafandros mergulham no mar.

OEdipo, hoje, enfrentaria a esfinge, não com seu bastão de peregrino coberto da poeira das estradas, mas com a chave do dispositivo elétrico que aciona os



ponteiros de um simples medidor de vibrações emocionais.

Uma vez, tivemos a idéia de propôr ao Dr. Jayme Grabois, diretor do "Instituto de Psicologia", do Ministério da Educa-

ção, levasse êle a efeito uma série de pequenos estudos psicotécnicos de escritores e artistas dos mais conhecidos da moderna geração brasileira. O jovem e emérito cientista sorriu e concordou imediatamente com a nossa iniciativa.

— Pois, não. Quando quiser. Vai ser muito interessante... Mas, é claro: si o Ministério da Educação permitir...

De fato. Ia ser interessantíssimo. Calculem, por exemplo, um Procópio Ferreira submetendo-se a um *test* psíquico diante da impressionante aparelhagem do Dr. Jayme Grabois. Estamos, aqui, a imaginar o nervosismo do original comediante, em cuja alma pitoresca ha tantos imprevistos... Ele, que nos parece um cínico, um irreverente, com sua silhueta a Esopo, a sua boca a Voltaire e os seus gestos a Bernard Shaw, tremaria de medo e talvez fugisse no momento definitivo... Porque êle é um tímido... Estamos certos disto...

Outra pessoa que, certamente, ficaria intimidada... seria o sr. Agripino Grieco. Não acreditam? Pois fiquem sabendo que, apesar da sua audácia fulminante e da segurança com que êle desfere os seus golpes de "bravi" sempre à de aventuras à luz das estrelas, esse escritor personalíssimo é um homem de alma sensível, que tem horror de descobrir-se moralmente diante do público...

Em compensação, não duvidem, o sr. Adelmar Tavares desafiaria todos os *tests* do Dr. Grabois com um sorriso dominador nos lábios... apesar da sua arte imponderável e hesitante como um vôo de borboletas...

Mas, muito mais intrepidez do que o delicado autor de "Dindinha Lua" teria o sr. Aloisio de Castro... Este, sim, é que, a despeito da leveza de arminho das suas concepções literárias, faria tremer qualquer aparelho do "Instituto de Psicologia"... Não porque ele seja um dos maiores cientistas do país, conforme todos reconhecem, mas porque é, aparentemente, um tímido...

Paradoxos... Paradoxos da alma humana, com os quais OEdipo nunca sonhou, quando andava pelas estradas poeirentas da Grecia, afu-

gentando as esfinges com o seu modesto bastão de caminhante... naturalmente muito menos temível que os admiráveis aparelhos do nosso amigo Dr. Jayme Grabois...

Mas, iamos nos esquecendo de dizer: não pudemos, máu grado nosso, realizar a série de estudos psicotécnicos, em alguns traços, que pretendíamos... Tudo correu para que a nossa idéia ficasse apenas em projeto... Por que? Porque os nossos escolhidos — um poeta, um romancista, um pintor, um musicista, um escultor, um teatrólogo e um ator de comédias — esquivaram-se habilmente, esgueirando-se por um labirinto de pretextos gentis, depois de haverem aceido ao nosso convite com extremo interesse...

Conclusão: todos êles temeram que a ciência do Dr. Jayme Grabois, como o sol descendo ao fundo de um rio de agua pura, lhes devassassem todos os recantos da alma, cientificamente.

"Para que permitir que a luz penetre em nosso íntimo? E' melhor vivermos iludidos pelas sombras que ha dentro de nós..."

Assim pensaram êles, fugindo do 5.º andar do edifício "Nílo-mex", onde os aparelhos do "Instituto de Psicologia" os esperavam pacientemente, em vão, no silêncio da sua técnica profunda, mas sem mistério...

Esperavam-nos, sim... si o Ministério da Educação 'o permitisse...



BACURÁU, BICHO DE FOGO!

Conto de GASTÃO DE ALENCAR NEVES

Ilustração de GOULART

Era uma vez o "bacuráu", um trem noturno que, dia-sim, dia-não, muito depois que o sol houvesse descambado por trás da serra, passava lá na fazenda. Balouçando-se todo, com barulho de correntes debaixo dos "wagons" e apitos estridentes e espalhafatosos dentro dos "córtes" de pedra, como uma língua enorme de fogo, cortava célere as noites de brêu daquela gróta. Era o trem malassombrado, como o denominava Sia Romana, uma velha contadeira de histórias de brejo da Paraíba do Norte e que fizera do combóio barulhento e anônimo uma espécie de diabo preto, fugido das profundezas do inferno para carregar meninos malcriados, estiradores de língua e caçadores de ninhos de passarinhos. E, assim, pretendia transformar garotos rebeldes em dóceis e mansos cordeiros. As histórias do "tempo da Carochinha", em um passado já ido e bem longínquo, fizeram verdadeiros prodígios, corrigindo turmas e mais turmas de meninos endiabrados dos arredores dali. Adiantava também, que, antigamente, as crianças eram mansas e só era falar nas festas do Céu e nas penas do Inferno para converter as mais rebeldes. Até a natureza era diferente e mais luxuriante: a fonte cantava menos triste, os pássaros trinavam mais gárrulos e o cafetal carregado de flores cheirosas e branquinhas atapetava aquelas quatro serras de cima até em baixo. Antes que a primeira estrêla tivesse surgido, Romana aticava fogo no cachimbo, jogava para cima a primeira batorada e começava assim:

Fre uma vez o Dragão da Floresta...

A turma ficava com o coração á bôca, de medo. Essa geração passou e com ela passaram os sentimentos de fé e bondade que os trançãos da velha não foram mais suficientes para fortificar.

Romana esconjurava, maldizia, achava ruim, fazendo novenas, enfeitando os seus santos com flores de papel "crepon," mandando rezar missa na Igreja da cidade, visando assim preparar o céu para os netos de "Yoyô e Yáyá"... Entretanto, hoje, os filhos de "Sinhô" e "Sinhazinha", longe de terem, como as imagens dos oratórios da velha, as mãos postas, o coração imaculado e o olhar sereno levantado para o céu, escarneciam dela, chamando-a de corôca, cadauca, bobôca. O seu prestígio, de fato, baqueára. Os meninos, no tempo que corre, só acreditam naquilo que veem e podem apalpar. Essa história de "um dia" sair daquele mundo escuro de serras, o dragão, um bicho horrendo, irmão daquele outro que teve o coração atravessado pela lança de São Jorge; e do mundo, também, uma vez, ter-se acabado em consequência do grande dilúvio, vindo a sucumbir ainda sob os pés e as garras de ferro quente de Satan Vingador: — "invenções da corôca, cadauca!"

Porisso a fonte não viria a secar, nem o algodão ficar preto e, muito menos, o céu, em lugar de azul, uma braza viva.

E, por obra do acaso, em uma noite silenciosa e apagada de estrêlas, quando ninguém esperava, — poucos dias depois de concluídas as obras da linha de ferro de Picuí, quando ainda estavam vivas na lembranças de todos as horrendas cenas de mortes de cassacos, durante os trabalhos de perforação e explosão das rochas, — veio vindo da boca do mato um zum-zum estranho e uma língua de fogo que se estirava pelas ribanceiras, sobre a terra ainda manchada do sangue do sacrifício, por entre as cruces plantadas nos lugares das depredações. Dir-se-ia outra dinamite explodindo, outra pedra rolando pelo abismo.

E surgia de uma vez, inesperadamente, como uma monstruosa lagarta de fogo, vomitando faíscas incendiadas e água quente por todos os lados, a fazer queimas nos roçados de algodão, ressecando as árvores e matando alguns animais.

A "canção de fogo", denominava-o Romana.

Era o trem da noite. Pesado, barulhento e veloz, diferente em tudo dos tróles, dos automóveis de linha e da "catita" quasi sutil e vaporosa puxando os seus doze lastros cheio de famílias ricas que viajavam da capital da Paraíba para Bananeiras.

Ninguém gostava do segundo trem arrogante, apitando fino e grosso e a pizar com força sobre os caminhos brancos e macios de algodão.

Quando o sol morria atraz da serra, lá vinha vindo êle, — fogo, ferro, água quente e fu-



maça —, o "capêta" cachimbando aquela massa enorme de nuvens de carvão, negra e azarenta como o côrvo.

Todo o mundo fechava os ouvidos. O éco ficava arremedando a pancadaria, atrás.

Romana aconselhava a não se brincar mais na estrada, a cair-se cedo na cama porquê o "bicho" era traíçoeiro, resfolegava forte, atraía, devorava e "adeus babáu"!

Um dia, a máquina matou o gato de estimação da casa grande. Por último, em uma noite de sábado, levou nas suas rodas pesadas, o frágil corpo do bom velho Zacaria, quando este regressava da feira da cidade á casa.

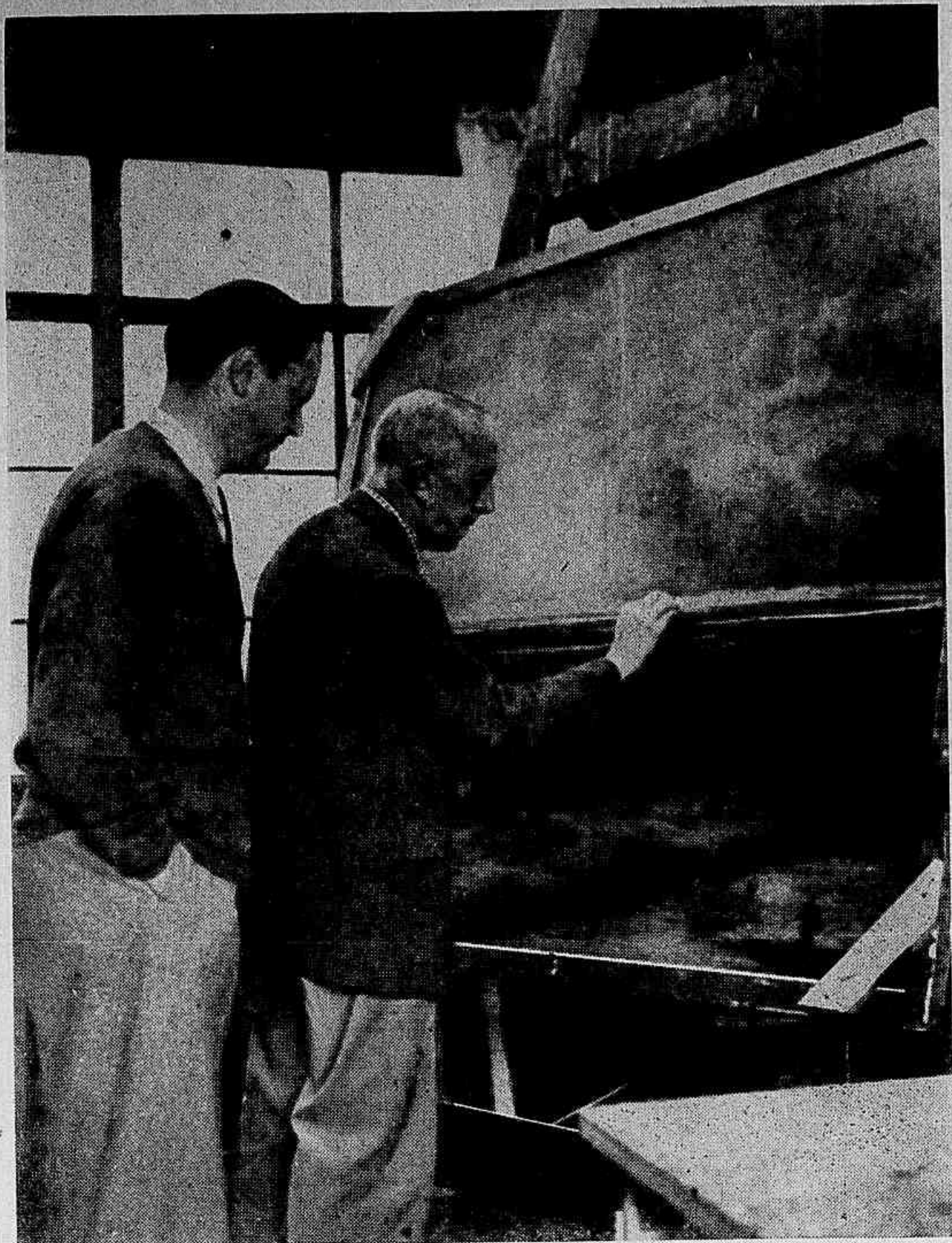
Zacaria era uma espécie de profeta, santo e matusalém, ao mesmo tempo, com 114 anos de idade e arrimo de uma filha viuva e do neto,

o Mário. Nunca tivera uma doença mais grave, a não serem uns "Joãomatismosinhos" como ele dizia, quando a força da Lua Cheia apertava; nem desventuras na vida, até áquela, dolorosa e impressionante, á qual fôra também, por ter sido veloz como o trem da noite, absolutamente insensível: — um passamento e o seu espírito evolou na fumaça escura para o além.

"O culpado foi o bacuráu", — fazia a filha tranzida de dôr e pranto.

O trem passava na noite seguinte, balouçando-se todo, leso, o mesmo, evocando Zacaria, despertando saudade na filha e, por fim, um ódio cego no coração de Mário. "Se a mãe fôsse minha... Esse monstro culpado e indiferente,

(Continúa na pag. 51)



O Diretor da Galeria Nacional, Sir Kenneth Clarke, examina um quadro de autoria do pintor De Konnwick. Ao seu lado acha-se o sr. W. A. Holder, o perito restaurador dos grandes mestres, e que desempenha essa função na Galeria Nacional, há muitos anos. Essa fotografia foi tirada no estúdio de restauração ligado à caverna onde se acham abrigadas as famosas obras de arte da Grã-Bretanha.

Já era bem longa a minha caminhada pela estrada deserta que atravessa uma certa região do interior da Inglaterra, quando encontrei um homem a quem perguntei: "Será este o caminho para a Pinacoteca Nacional?" Respondeu-me que sim.

Sentei-me numa pedra e acompanhei-o com o olhar enquanto o desconhecido ia descendo o vale. Senti o calor do sol nas minhas costas. Sombras de nuvens atravessavam aquelas campinas recortadas de sébes, que mais pareciam um enorme e irregular taboleiro de xadrez. Vi um trem que

Os tesouros de arte em lugar

ia deixando um rasto de fumaça. Naquela distancia, dava a impressão de um brinquedo de criança, e as casas de Fazenda, muito longe umas das outras, lembravam caixinhas de fósforos.

Do lado oposto, a estrada continuava a subir. No tope do morro, havia um paredão natural, ingreme e vazio, que parecia bloquear o caminho. Mas a estrada, embora me fosse invisível de onde eu estava, continuava contornando a montanha, galgando novas alturas, serra acima. Do outro lado do vale, as colinas confundiam-se com as nuvens.

TRABALHO SECRETO NA CAVERNA

O homem a quem pedira informações tinha razão. Na verdade, a Pinacoteca Nacional — ou pelo menos uma boa parte da famosa Galeria de obras célebres — encontrava-se a pequena distância do meu posto. Porque, afim de não correrem o perigo dos bombardeios inimigos, os quadros haviam sido trazidos para uma enorme caverna na montanha, tendo como proteção um teto natural de rocha viva que nenhuma bomba é capaz de penetrar.

Durante muitos dias foram realizados trabalhos secretos na perfuração dessa camara de tesouros naquelas paragens solitárias. E agora achase terminada a construção desse salão subterrâneo. Foram levados calor e luz á sombria humidade da caverna, e ali se encontram os preciosos quadros, em lugar seguro, mas vistos somente pelos guardas do local.

Começou com um vae e vem de caminhões ao longo da estreita estrada. Operários, eletricitas, e técnicos na conservação de pinturas vinham e voltavam. Iniciaram-se os trabalhos de construção no interior da caverna e nos tuneis que nesta se foram abrindo, e que hoje penetram profundamente na rocha.

Os homens que ali trabalhavam eram cautelosos nas suas palavras, mas as noticias correm misteriosamente nas zonas rurais, e já agora, todos os habitantes da aldeia mais proxima sabem do segredo. No entanto, trata-se de pessoas que não se intrometem em negócios alheios, e assim sendo, raros serão os comentários que hão de alcançar os lugarejos das vizinhanças.

"Ora, a Galeria", dirão eles, "Não temos nada com isso".

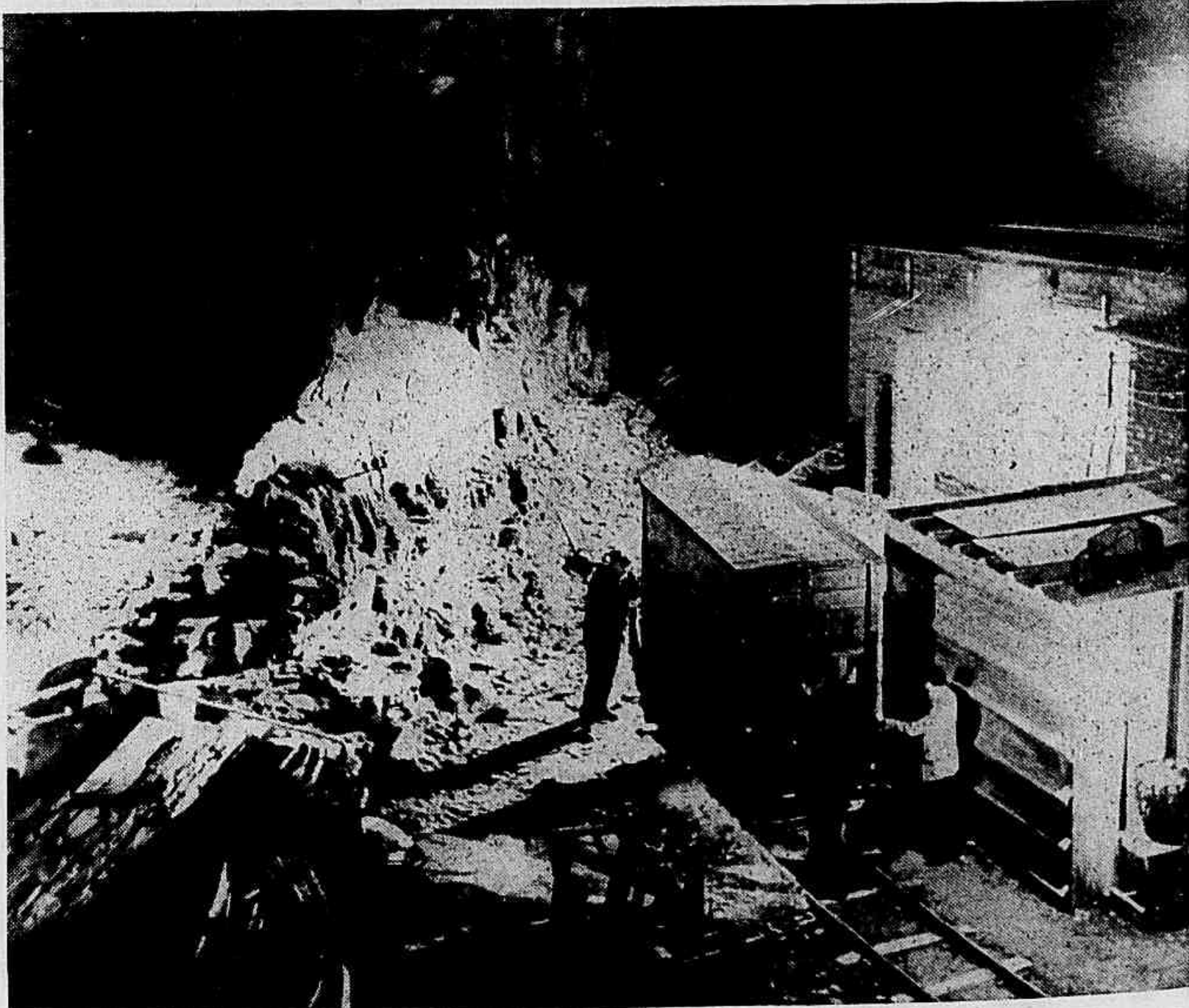
SORTIMENTO DE OBRAS DE GRANDES MESTRES

Naquela época passava-se muita coisa interessante na caverna. Aqui e acolá iam surgindo camaras bem construidas. As pinturas precisam de luz e de uma atmosfera adequada, e já que toda a caverna não podia ser convertida num salão satisfatório, o unico recurso consistia em fazer uma série de divisões apropriadas.

Enquanto se procedia ao serviço de construção, outros trabalhos eram



Um dos engenheiros enche de água destilada o reservatório de um higrometro que registra a humidade da atmosfera.



Vemos aqui um dos vagonetes utilizados para o transporte do quadro entre a caverna onde estão guardados, e o estúdio de restauração que se acha a 400 metros de distancia.

da Grã-Bretanha seguro

(De STEWART SAIE — Especial do
B. N. S. para a REVISTA DA SEMANA)

ao mesmo tempo realizados. Tornou-se necessário alargar a entrada da gruta, de modo a permitir a passagem de um caminhão. Depois, foi colocada ali uma pesada porta. Tratou-se igualmente de armar leitos para os guardas, bem como de instalar uma ligação telefónica e um sistema de alarme.

Já quando as obras se achavam quasi concluídas, alguém se lembrou de que uma ponte que atravessava a estrada talvez fosse demasiadamente baixa para permitir a passagem de um caminhão que transportasse alguma tela de vastas proporções. Por conseguinte, para evitar possíveis dificuldades, resolveu-se abaixar o nível da estrada naquele trecho, e reconstruir o novo leito. Ao mesmo tempo foram colocados postes brancos e sinais luminosos, não só naquele local como nas curvas mais fechadas da estrada.

Tudo isso levou muitos meses e acarretou uma considerável despesa. Finalmente, era como si tivesse nascido uma pequena povoação naquele lugar situado a muitos metros abaixo do mato rasteiro que cobre a lombada daquela colina.

Os quadros foram ali chegando, procedentes dos seus abrigos temporários, empacotados com todo cuidado e levados em caminhões dirigidos com a máxima cautela, pois tratava-se decerto de um carregamento de valor incalculável. Trabalhadores habituados a lidar com obras de arte colocaram-se nas camaras, á sua chegada. Acham-se misturadas obras das mais diversas escolas e períodos. São os Turners e os Ticianos, os Constables e os Rembrandts, os Holbeins e os Tintoretts, que ali se encontram lado a lado. Afinal, não se trata de uma exposição, e o que realmente importa é que os quadros sejam conservados.

ROTINA DIARIA

Gradativamente foi a vida ali assumindo um carater rotineiro. Diariamente, ás mesmas horas, dois caminhões vão da aldeia até á gruta, levando uma turma de funcionários e trazendo de volta a que terminou sua etapa de serviço. Alguns desses funcionários vieram diretamente da Galeria Nacional, em Londres, e passaram a residir na aldeia. Os demais são antigos moradores do lugar. Ao todo, trabalham ali cerca de 30 homens.

Alguns são engenheiros que cuidam do aquecimento e da iluminação. Dois outros desempenham tarefas variadas, havendo ainda cerca de uma dúzia, dois funcionários de escritório, um motorista, dois encarregados, e mais alguns auxiliares. Quasi todos já serviram nas forças armadas.

Quando estão de folga, raras vezes avistam-se com pessoas desconhecidas. É sem duvida uma vida a que não estão acostumados os londrinos. Poucas são as suas distrações fóra das horas de trabalho. De quando em vez vão até á taberna da aldeia, e si lhes sobra tempo assistem a uma sessão no cinema mais próximo, situado a vários quilômetros de distância.



Sir Kenneth Clarke, Diretor da Galeria Nacional, examina uma galeria de tesouros no abrigo onde foram guardadas, situado a mais de 90 metros abaixo da superfície do sólo.

De volta daquele vale longínquo, fui visitar a Galeria de Trafalgar Square. Em algumas das salas havia uma exposição de pinturas da guerra. Estas mal disfarçam os retângulos de parede desbotada onde se encontram outrora os quadros dos Grandes Mestres. Quanto aos demais salões acham-se interditados ao publico.

SO' UM QUADRO FAMOSO DE CADA VEZ E' EXPOSTO EM LONDRES

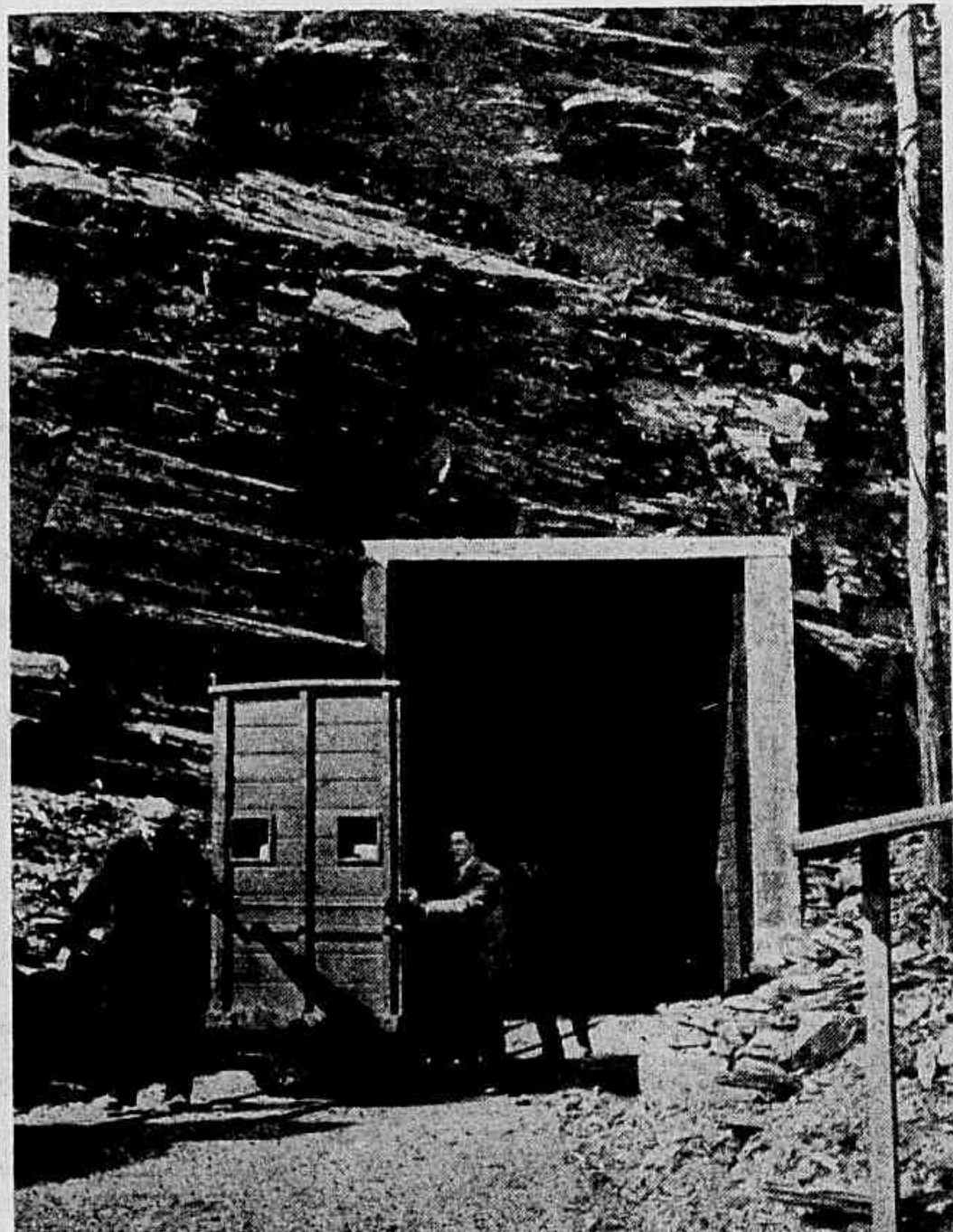
Foram destacados alguns funcionários publicos em substituição aos empregados da Galeria que foram enviados para a gruta. Mas os novos funcionários não sabem do paradeiro dos seus predecessores.

No entanto, os Grandes Mestres não foram inteiramente banidos da Galeria Nacional. No saguão do museu acha-se exposto um quadro, chegado há pouco tempo do interior. É uma obra de Ticiano. Não tardará a voltar para o esconderijo, e um novo quadro ocupará o seu lugar.

De tempos em tempos, um dos quadros escondidos volta á luz do dia, e é exposto naquele sitio. E até ao fim da guerra, será essa a única oportunidade do publico contemplar as grandes obras primas que adornavam as famosas galerias de arte da Grã-Bretanha.



Um famoso quadro de Romney está pronto para ser levado para o estúdio de restauração. É indispensável que os quadros sejam mantidos em uma temperatura estável, mesmo durante o trânsito, e para esse fim, são utilizados vagonetes especiais em que a temperatura foi cuidadosamente calculada.



Onde se guardam os tesouros da Inglaterra. Quando os tesouros são transportados dos depósitos subterrâneos para o estúdio onde vão.

ESCRAGNOLLE DORIA

BRASIL SEculo XVII

Os colonos no Maranhão do século XVII opuzeram-se a duas Companhias inteiramente diversas por sua natureza e seus fins. Em tempos revoltos hostilizarão aqueles colonos a Companhia de Jesus, no Maranhão desde 1652, e a Companhia de Comercio Pará-Maranhão creada em 1682.

Os jesuitas combatiam a escravidão dos indios, animados pela voz potente de Antonio Vieira, á evangelista clamando no deserto do Brasil despovoado.

A Companhia de Comercio armara-se de estanco ou monopólio. Vendia generos alimenticios de baixa qualidade por preços altos, fraudando nos pesos, pratica sempre vigente. Os seculos passam, a deshonestidade fica, aprazendo ao homem quedar-se no mal.

As multidões têm sua tensão nervosa. Conheceu-a o povo de S. Luis em 1684. Os descontentes da cidade formaram grupo crescente. Todo grupo requer chefe ou chefes, embora não raro as cabeças dirigentes não saibam nortear-se.

Contra jesuitas e negociantes o grupo de S. Luis chamou a chefe Manoel Beckman. Tinha este sobrenome de som germanico, o povo apontou-o, de Beckamn fez Bequimão.

Beckman era homem de posses, gozava de geral conceito, alem disso casado com senhora de boa familia da terra. Tinha elementos para ventura. Não o seria, envolvendo-se ou sendo envolvido na campanha contra duas Companhias, a de Jesus sempre provida de superiores inteligentes e de resignações invencíveis para triunfos subsequentes.

Travada a luta colonial contra jesuitas e mercadores, Beckamn achou-se á frente do povo amotinado, prendendo em casa o governador interino Baltazar Fernandes, e dando-lhe por sentinela a propria esposa.

O mesmo povo amotinado presenciou a partida dos jesuitas, em domingo de Ramos, após missa. Sairam os padres do seu Colégio de N. S. da Luz, formados, tendo logo á porta vista do mar. Os exultavam ao hombro palmas bentas proprias do Domingo Florido tão de honras prenunciando calvario. O espetáculo moveu o coração da massa popular. Associou-se Beckman ao sentimento de todos abraçando um jesuita seu amigo e arrebatando em lagrimas.

A Companhia de Comercio foi abolida sem cerimonia. Removidos obstaculos, os descontentes cahiram em si pensando no seu amanhã e na metropole. O seguro morre de velho afirma dito vulgar. Que adviria aos comprometidos ao ser avisada a metropole? — Procuraram os rebeldes tomar providencias a bem de sua liberdade.

Por troça grudaram folhas de papel posto ao centro delas um grande circulo. No interior deste escreveram a relação ou revolta, no exterior da figura plana, em derredor, cada culpado deixou assinatura. Assim se ignoraria quem firmara primeiro, o motim sem agente principal á mostra.

Beckman discordou dos engenhosos companheiros. Com elevação moral, nobre de alma, firme no brio, assumio responsabilidade, o que, seculo a seculo, horrorisa tanta gente fiel á moita na má fortuna se aos vivas na boa.

Beckman insurreccionado mostrou-se verdadeiramente um homem, a natureza, privando-os de carater, a falsificar não poucos homens.

O governador efetivo da capitania, Francisco de Sá de Menezes, do Pará onde se achava, despachou intermediario. Este a Beckman, em nome do mandante, propoz perdão, honras, postos, até entrega de quatro mil cruzados, Beckman irreductivel. O honesto conhece o suborno só de nome.

Entretanto Beckman já ia sendo abandonado pelos antigos protestadores contra os jesuitas e o estanco. Doeu-se ele com a reviravolta ingrata e sem duvida entre pensamentos tristes sentio a sua vida correr célere para castigo e morte.

Deu-lhe talvez esta primeiro sinal intimo ao chegar a S. Luiz, em Maio de 1685, novo governador da capitania, Gomes Freire de Andrade, homônimo do conde de Bobadella, e tenente-general de cavalaria da provincia da Beric.



Convento do Carmo em S. Luis. Fundado em 1627, reconstruido em 1865, sede de sucessivas conspirações até 1833, segundo Dunshee de Abranches.

Desembarcou o governador logo no dia seguinte da vinda acompanhado por poucos soldados, a mór parte doente. Ao passar Gomes Freire em prestito de posse de cargo na catedral, Beckman o encarou destemeroso, já tendo motejado do porte e do uniforme da tropa sem garbo.

A principio Gomes Freire fez vista grossa quanto a Beckman até que por atos de ousadia levou o governador a perder paciência e tolerancia. Sahido de S. Luis refugiou-se Beckman num engenho do Mearim. Neste viveu por bastante tempo aí afinal preso, á traição, de Lazaro de Mello, segundo uns seu afilhado, conforme outros seu compadre. Dá na mesma na ação indigna.

Amarrado e algemado, Beckman acabou pedindo que o livrassem de cordas e ferros. Prometeu prender-se a liame muito mais poderoso, o de sua palavra de honra. Cumprio-a em liberdade por espaço de muitos dias durante viagem de sessenta leguas, saindo de canôa para dormir em terra.

Em S. Luis e processado com outros rebeldes, Beckman se vio condenado a pena capital também imposta a Jorge de Sampaio, executada a pena na força levantada na praia do Armazem a 2 de Novembro de 1685. Finados! que dia para deixar a vida e assim!

Inquebrantavel até o fim, confirmando em ultimo rasgo de coragem um animo ferreo, Beckman conhecido como eloquente, do patibulo dirigio-se ao povo. oferecendo-lhe votos por sua felicidade, pedindo perdão aos seus inimigos, tudo sem desfalecer de voz e de attitude.

Reportado Cesar Marques á Vida de Gomes Freire, da autoria de frei Domingos Teixeira, nela encontrou consignado haver o governador "assinado a sentença de morte tão cheio de magoa e de piedade, e com traço tão tremulo, que a firma do sentenciador examinada depois pareceu de mão alheia".

Tanto a magoa e a piedade não foram apenas declaração panegerista de frei Domingos que a Historia sabe do procedimento de Gomes Freire mandando arrematar os bens confiscados de Beckman, levados a hasta publica, para entregal-os á sua viuva e ás suas duas filhas. Meio de atenuar deveres de cargo ao imperio da legislação vigente, cada homem vivendo e agindo dentro de sua epoca e de acordo com tudo que ela comporta e impõe.

Lazaro de Mello pediu premio de traição, como se traição e premio não fossem palavras inconciliaveis. Obteve paga o ingrato, que Beckman conhecera menino para tão negro homem. Recebeu patente de capitão em companhia da nobreza. Quando tal chefe se apresentou a comandar diante de si não encontrou soldado. Lazaro passou a comandar-se, situação incomoda sobre ridicula, Lazaro vôou a palacio e lamentou-se a Gomes Freire. Despedio-o este entre frieza e desdem, dizendo-lhe que se o nomeára capitão não era obrigado a mais e nada devia alem da patente.

Corrido pelo desprezo publico, isolou-se Lazaro numa sua roça e pereceu ao dirigir trabalhos de uma engenhoca enleando-se em cordas de maquina para morte instantanea. Deu-lhe oração funebre o jesuita Betendorf. Justo castigo pela acção que até o céu levou a mal.

Deixaram S. Luis a viuva, as filhas e parentes do nobre Beckman, nobre por de um só rosto e de um só parecer mesmo no erro. Parentes de Beckman se internaram no proprio Maranhão, outros buscaram o Pará.

Para testemunhos historicos dos sucessos de 1684 e 1685 ficaram escritos, os de Betendorf, Teixeira de Moraes e Berredo, alem de documentos reunidos por João Francisco Lisboa para o seu *Jornal de Timon*, documentos aqueles a custodia na Biblioteca de Evora, onde já historia lusitana relacionada com a nossa. Também servindo-se de escritos alheios, no *Dicionario Historico-Geographico do Maranhão*, Cesar Marques contribuiu para informação sobre os sucessos de 1684 e 1685.

Na noticia relativa a tais sucessos, em nota, Cesar Marques divulga trecho de carta de Odorico Mendes a seu amigo dr. Antonio Henriques Leal. Reza o trecho:

"Gomes Freire mandou injustamente decapitar Manoel Beckman como *inconfidente*, e passado seculo e meio, a 18 de Outubro de 1817, um descendente do governador e do mesmo nome, o general Gomes Freire d'Andrade, foi fuzilado na esplanada da torre de S. Julião em Lisboa, como *inconfidente e também injustamente*."

Tanto vale aplicar pena de talião epistolar á memoria de Gomes Freire, que não mandou decapitar Beckman. O "injustamente" do missivista tem restrições. Em Historia adverbios e adjetivos devem ser empregados com parcimonia, pelo receio de dar demais ou de menos sem maior exame. Gomes Freire agio de acordo com o seu tempo e com a norma dos governos de todos os tempos. Atacados defendem-se como podem.

Algun perquiridor de troncos genealogicos nos dirá se o Gomes Freire de 1817 descendia de Gomes Freire de 1685. Sabe-se o Gomes Freire inconfidente um português por berço e vida, meio estrangeiro. Era filho de ministro de Portugal na Austria e de condessa boemia, nascido e educado em Viena, foi soldado de Catarina II e de Napoleão, a principio militar valente e brilhante, depois indisciplinado a valer quando como marechal devia só dar exemplos.

No seu *De D. João V a D. Miguel*, João Ameal e Rodrigues Cavalheiro documentam erratas da historia de Portugal e bem precisa delas a nossa. Estudam áqueles autores Gomes Freire á luz de provas e de referencias de autores de peso, mostrando como o bom soldado de Catarina II contra os turcos se virou contra a disciplina e a ordem em Portugal.

Outra foi a sorte do Gomes Freire de 1685. Regeu bem o Maranhão, tanto que tornado a em Portugal era consultado pela Camara de S. Luis. Gozou ultimos anos de vida numa sua quinta do Alemtejo, entregue á exploração de minas, falecendo em Janeiro de 1702 aos 66 anos de idade.

Os arquivos são casas diletas de pesquisadores e não de pescadores de Historia. O arquivo da Camara de S. Luis é mudo sobre a revolta de 1684. Cesar Marques dá a razão da mudez. "Um membro da familia de Bequimão, quando escrivão da municipalidade querendo delir todas as memorias de um facto, que reputava injurioso, afim de que ninguem mais o conhecesse como descendente do enforcado, subtrahiu do arquivo e do ventre dos livros todas as folhas e documentos que tinham relação com o mesmo facto, faltando assim tudo quanto é relativo aos dous annos em que eles tiveram logar". O escrivão fez dano a escritores.

Por outro lado os compendios de historia patria, fadados a brevidade, calam episodio original da revolta de 1684, o de ter crescido a impopularidade de Beckman por uma questão de... moda, ao prohibir ele ás mamelucas o uso de fitas e mantas de seda. Fruto prohibido, fruto apeteido. Um grupo irado de mamelucas encontrou o ditador-censor. Despejou-lhe suas raivas por palavras que se dizem bonitas quando na realidade feias a valer. Por pouco o prohibidor não foi agredido. Pobre Beckman! Depois do flexivel das fitas e das sedas teve a rijeza do barão.

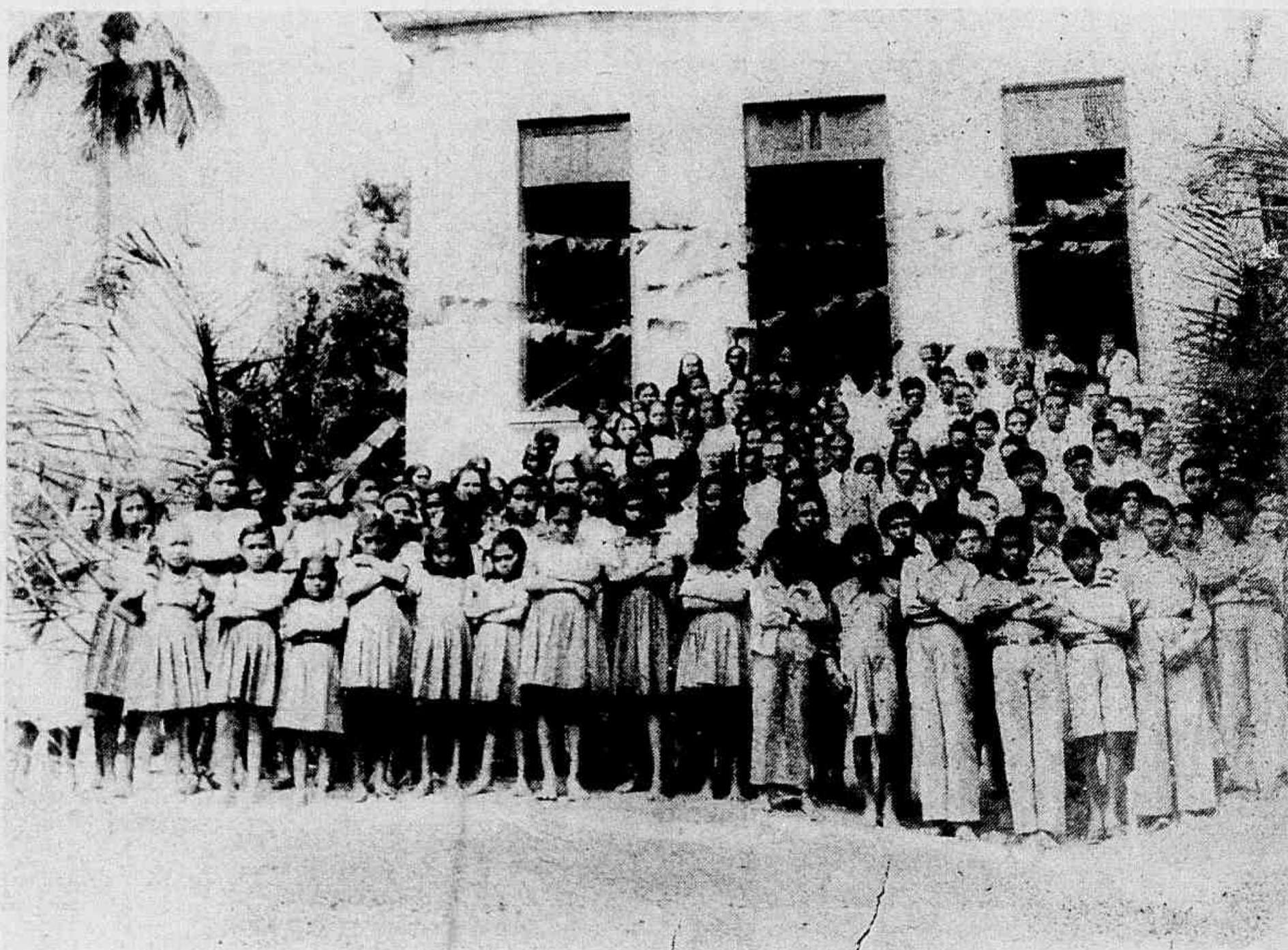


NOSSA TERRA

A HISTÓRIA é, muitas vezes, cúmplice da geografia em determinados caprichos. Tal é o caso da Baía da Traição, no Estado da Paraíba (Município de Mamanguape) a qual tem sido, através dos tempos, cenário de sucessivos fatos ligados à História do Brasil. Em suas águas profundas e calmas fundaram no primeiro século, os franceses, mercadores do *pau brasil*. Posteriormente os holandeses também utilizaram esse local para embarque e desembarque de suas tropas, durante a ocupação do Nordeste. Testemunhas das lutas antigas, ali permanecem, até hoje, soberbamente inúteis sobre os barrancos, velhos e pesados canhões flamengos.

Não bastasse a circunstância de estar ligada a franceses e holandeses, vivem agora, nesse local, os derradeiros remanescentes indígenas do Nordeste, cerca de 700 indivíduos, domesticados e semi-civilizados fato sobremaneira importante.

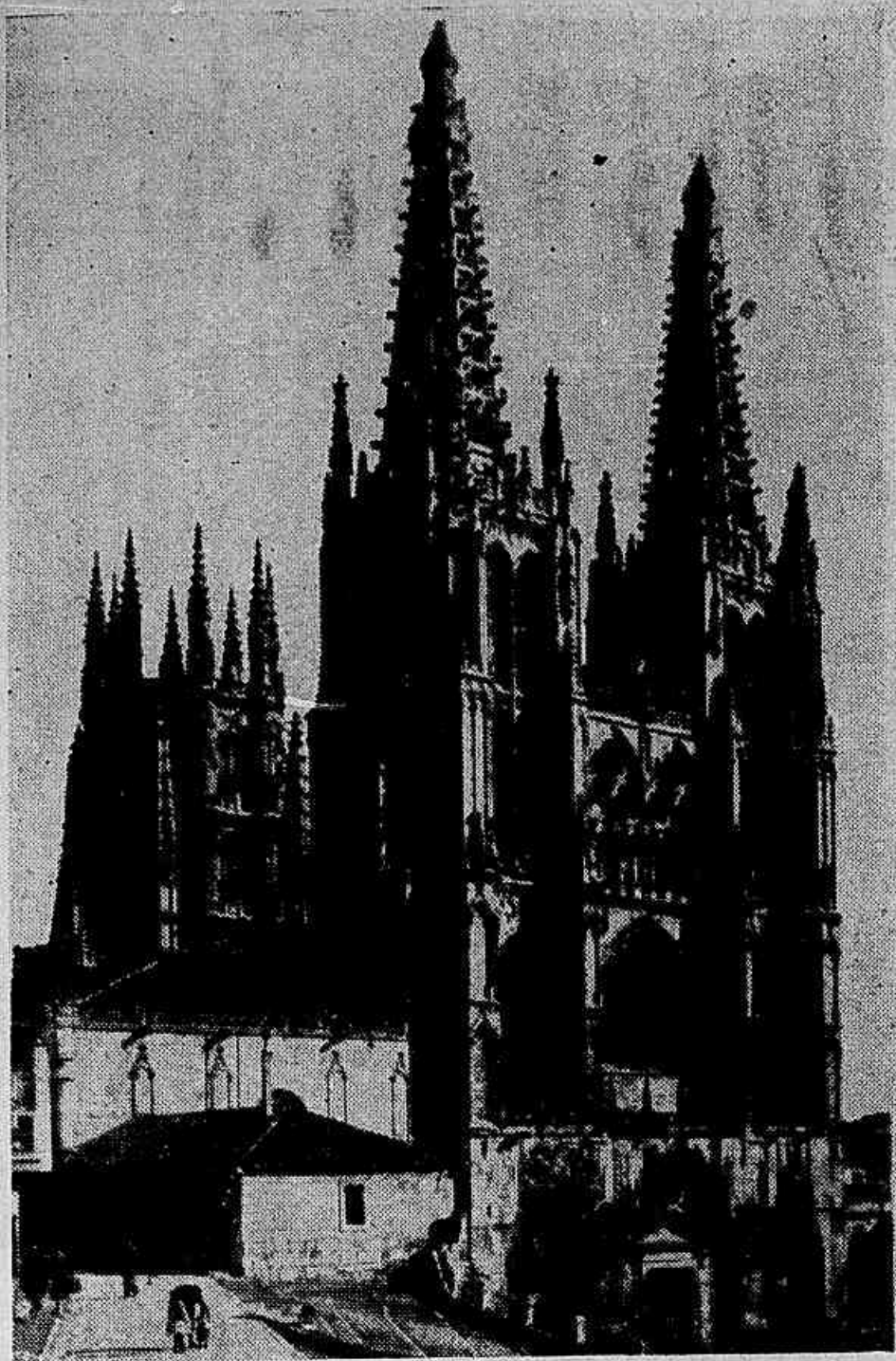
Foi ainda ao largo desse litoral que se consumou o atentado à Marinha Mercante do Brasil, acontecimento que nos levou à guerra, como é do conhecimento geral.



PERSPECTIVAS...

por **Henri Focillon**

PROFESSOR NO COLEGIO DE BRANÇA



A catedral de Burgos.

PARECE que seu destino esteja escrito na sua forma compacta e na diversidade de suas paisagens. Estas se mantêm estreitamente unidas umas às outras, na unidade geográfica melhor desenhada da Europa. Expressam as vocações sucessivas ou antes os planos múltiplos duma mesma história. Ao levante, uma Espanha do Mediterrâneo; ao poente, uma Espanha do Atlântico. Do talude meridional dos Pireneus ao centro da península, este imenso vacuo planetário: o deserto estratégico da Idade Média, plantado de fortalezas. Mais abaixo, o jardim das Hespérides, o paraíso terrestre dos antigos. Cidades monolíticas, sem bordas, sem princípios, apertadas nas suas muralhas, e cidades felizes, estendidas ao sol. Aqui formações geológicas do solo africano; ali terras aluviais onde brota a água, abundantes em frutos, em homens, em canteiros, em igrejas. E' toda a Europa meridional, e alguma coisa mais: o ponto onde se concentram e se exaltam as forças do Ocidente.

A qualidade humana é do grão mais cerrado, do tom mais antigo. Faz aparecer aos nossos olhos outras regiões do tempo. Os séculos endureceram-na, sem alterá-la. Mas a vida moral de que ela desenha o perfil e a sobrecarga não é mais simples que o país, de contorno tão firme, que lhe serve de base e de domínio. A Espanha não é uma capela ardente onde se busca uma meditação do sepulcro, num odor de cera, de cadáver e de incenso. Não é, no limite da Europa, um horizonte de solidão, atrás do qual se estendem as areias de Maghreb e donde sobem os cantos de cativo, apertados numa gama estreita, infranquiável e infinita. Nenhum povo, ao contrário, é mais ardente para a vida, nem dá tamanho lugar ao perigo, esse desafio ao destino, nenhum foi nem é mais tenso para a ação. E' que o possui o instinto duma cruzada eterna, á qual se ergueram oito séculos de combates para repelir os mouros. A' falta de adversários, rasga as próprias entranhas. Deus não é para ele um hábito suave, mas uma exigência, uma sede. Daí a espantosa força ascensional dos místicos. Sobem de cima a cima, esses construtores de castelos espirituais sobre

as sierras mais agudas da imaginação e do coração. Em parte alguma se tem feito mais para alçar o homem, acima do nada do século, sobre os escombros do mundo. E a felicidade? Ser feliz? E' uma aventura. Uma das mais belas. Não é jamais uma condescendência á volúpia. Uma tal pedra de esmeril afia tudo. Também a Espanha tem conhecido as mais delicadas felicidades dos sentidos, da ternura, do gosto, do adereço. Adora o que é difícil e secreto. A grade contra a janela, a mantilha contra o rosto, oferecem ao amor seus supremos encantos, o obstáculo, o mistério e a noite.

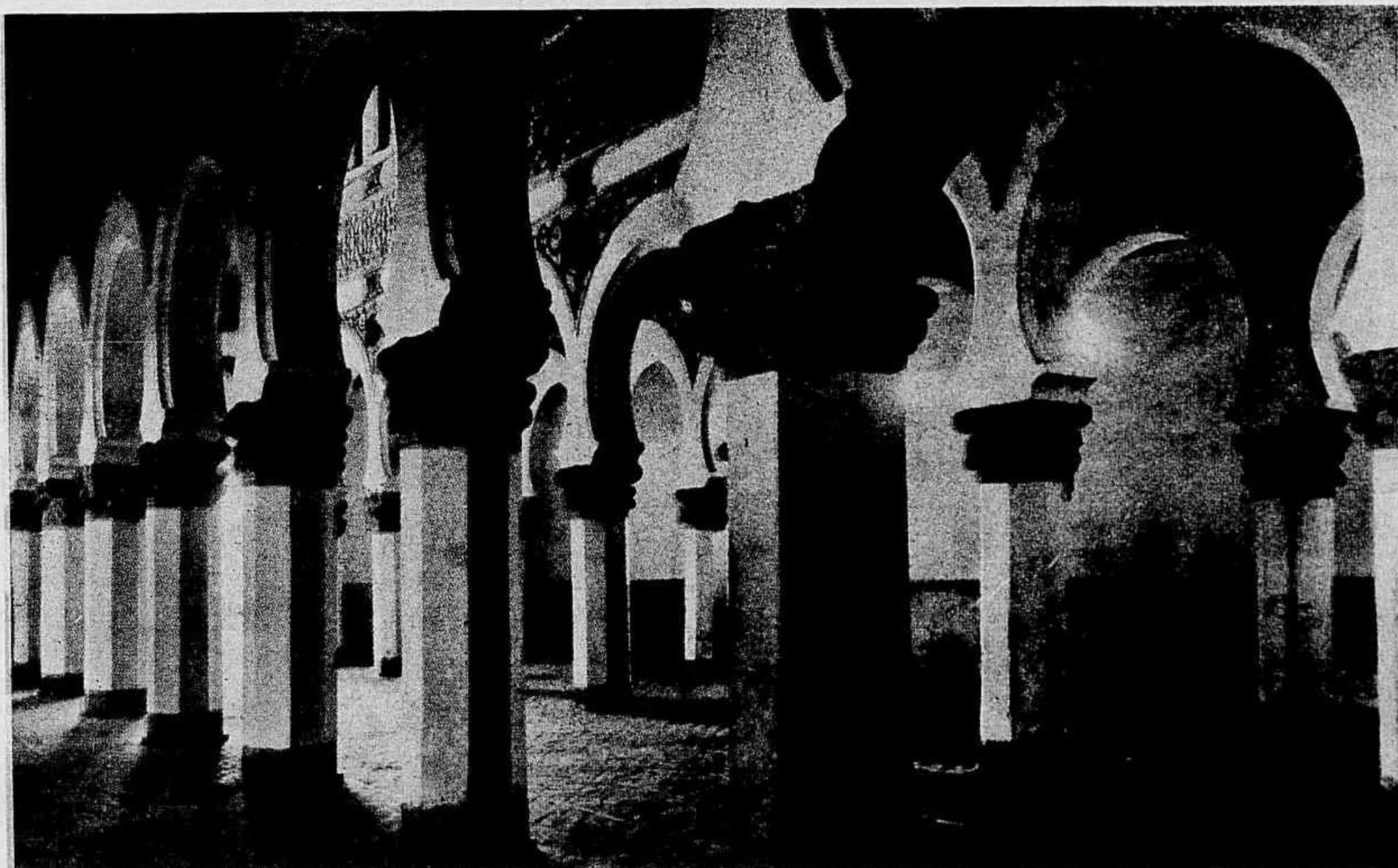
Mas esta patria dos quimericos é também o país de Sancho. De jaqueta curta, cara balofa, canelas tortas, trota ao lado de seu senhor para o país dos moinhos de vento. Creio achar-lhe a imagem em mais duma tela de Goya e mesmo, no Prado, nas salas dos tapices, onde a leveza rustica se mistura aos mais deliciosos arranjos da pintura e que me sugerem um pouco os prazeres do Toboso. Nas salas do alto, os senhores melancolicos, irmãos do Cavaleiro da triste figura. Aqui, alegres companheiros, os pés de chumbo pregados na terra. São duas idades da Espanha, ou antes, duas faces do homem. Mas, tenhamos cuidado que muitas vezes elas se superpõem e se confundem. A epopeia desse povo é também o *romancero* de Sancho. E' Sancho que se bate hoje, ao mesmo tempo que Don Quichote e bem perto dele. Foi Sancho que venceu Napoleão, deu tiros com os carlistas, seguiu na revolta e na guerra o general Prim.

E' só isso? E' preciso contentarmo-nos com esses contrastes, por vezes fundidos, e cuja amalgama dá origem a desconcertantes variedades? Onde quer que nos coloquemos, acima dum poderoso sóco rustico, é o traço heroico que predomina, com o genio da aventura. Não ha mais America a conquistar, mas os favores do príncipe, o domínio do Estado e de suas molas. Navegação perigosa através de espantosos recifes humanos. Graciano forneceu o manual dessa arte nautica e o modelo do perfeito aventureiro da corte, que tira todos os recursos ativos, não de grotescas intrigas, mas de virtudes profundas, e tem razão de chamar seu livro *de O Heroi*. Na outra extremidade da cádis, entre os cavaleiros andantes e os "heróis de gabinete", esgueiram-se os heróis da cáfila, os gentis-homens astuciosos e sem dinheiro, as bachareis maltrapilhos ou bandidos, toda uma canalha heraldica, as silhuetas do romance picaresco, o cortejo de Don Paulo de Segovia. E contudo a Espanha de Quevedo, pobre em homens, roída pela miséria do ouro, jugulava ainda a Europa com o seu punho imperial.

Dessa pluralidade magnifica os pintores, não menos que os poetas, mostram-nos os aspectos seculares e vivos: Greco, a loucura de Deus; Valdés Leal, a consideração da morte; Ribera, a familiaridade do sangue; Zurbaran, a sombra árabe dos claustró do Sul e, na Academia de S. Fernando, com seus grandes cartuxos altos como o tempo, vestidos de branco, um tipo de homens monumentais feitos para carregar nas espáduas o peso do mundo e o peso do nada; Goya, a acuidade da ventura, os sonhos duma Idade Média invencível, o



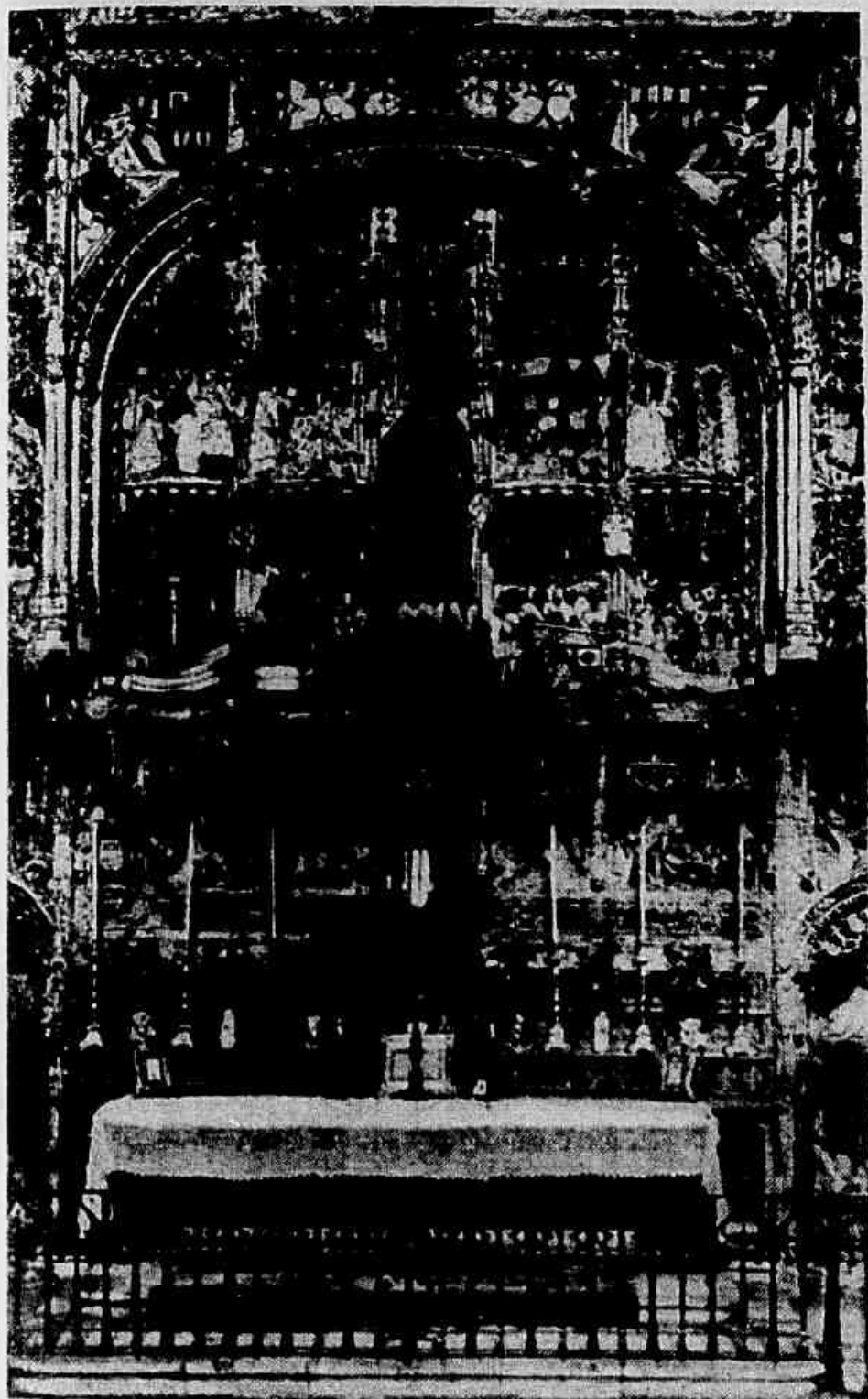
A ressurreição, quadro de El Greco.



Santa Maria la Blanca, antiga mesquita de Toledo.

romancero da guerra. E Velasquez? E' o mais completo, e sem duvida o mais alto. Sem outras visões, o sonho de sua vida lhe basta, porque esta vida e seus transeuntes são extraordinários: no clarão duma tarde que declina sobre dois continentes, os príncipes, que nunca foram soberanos; suas filhas, não mais fundidas na cera de cirios, mas frescas e misteriosas na sombra dos palácios; seus generais recebendo as chaves das cidades com uma cortesia que faz estremecer; seus anões, miniaturas de homens, miniaturas de pensamento.

E, para além do horizonte da corte, o povo, batido dos ventos e batido de sol, os filósofos boêmios do *rastro*, enrolados em coberturas de mulas, os bebedores alegremente frenéticos, as fiandeiras de belos braços e nobres



Retabulo da igreja de S. Nicolau, em Burgos.



A florista, um dos mais belos quadros de Murilo. (Galeria Dullwich, Londres).

pernas, cuja feminilidade operaria ostenta, numa luz de prata, todo o futuro da pintura moderna. Idioma espanhol, pela sobrançeria do trato, pela abreviação categorica, pela profundidade das raízes, lingua universal.

E' muito, para compreender a Espanha, mas não é tudo. Os sinetes morais mais antigos nos são dados pelos monumentos, pelos museus de velhas pedras, com a multiplicidade dos componentes que fizeram toda nação verdadeiramente grande. Se existissem raças puras seriam decididamente raças condenadas. Quando tivermos determinado a noção do teor humano, veremos que a qualidade dos grupos depende de misturas dosadas. Os italianos bastardos a que chamamos romanos e cujo sangue se misturou a todas as escumas do Mediterraneo, deveram a esse adulterio alguns seculos de imperio. Nas duas penínsulas, antigas origens tinham precedido o despertar de Roma. O que ha de maior na Italia, são os etruscos, povo de marujos e de artistas, absorvidos pelos latinos, agronomos e soldados. Se quiserdes conhecer a primeira feição da Espanha, tal como a fizeram os iberos, os colonos semitas, os colonos gregos, ide ver no Louvre a Dame d'El Ché, monumental e delicada, signo de nobreza nativa e de refinamento. E' o mais antigo exemplo dessa serie de acordes perfeitos entre elementos diversos, pelos quais essa raça estavel e composita preenche sua tarefa na civilização. O museu arqueologico de Madrid oferece-nos os testemunhos mais estranhos, onde o toque do helenismo não faz mais do que pôr em relevo a pujante originalidade iberica. Mesmo em Roma, parece que ela tenha dado mais do que recebeu. Foi ela que marcou dum sinal inapagavel os legionarios de Trajano, seus filhos, dos quais se acha ainda em Dacia, nas margens do Danubio, o tipo, não romanico mas hispanico: figuras de *novios* encoifados de fitas, herois do toril. A esses fundos permanentes, ajuntai os visigodos, de cuja estirpe passa nas ruas de Madrid, na obra de Goya, certa rapariga de pele clara e cabeleira dourada, de labio seivoso e ousado, e, por um surpreendente, contraste, esses consideraveis produtos da humanidade oriental, o duplo ramo semita, os arabes, os judeus, sem os quais a Espanha não teria cumprido seu destino. Que o Islam tenha abraçado e absorvido a Castela, na guerra e na paz, é do que não permitem duvidar nem os gentishomens finos como emires, de olhos de febre e de languor, tantas vezes pintados pelos mestres, nem os monumentos de arte mosarabe e de arte mudejar, híbridos de dois mundos, nem o secreto instinto das mais raras singularidades do espirito e da palavra, pelas quais os mestres das "agudezas" se juntam aos gramaticos liricos das "Sessões de Hariri". Tais são os filões que correm nesse bronze de Corinto, sem falar em muitos outros, que uma historia um tanto fabulosa lhes misturava ainda, fundindo-os ao fogo da aventura que não deixou nunca de ligar a Espanha ao universo.

Mas que ninguém se engane, a Espanha é antes de tudo a terra do ocidente, como a França, com a qual é soldada, com a qual trabalhou por muito tempo. Terra romana, que nos faz conhecer a formidavel iconografica do Apocalipse e que acolhe nas suas fortalezas, e nos seus mosteiros, os nossos príncipes, seus cavaleiros, os frades de Cluny, os monjes de Cister, artífices duma estrutura historica secular. Terra gotica, não somente pelas catedrais de Castela, filhas das nossas, mas pelas catedrais da Catalunha, as mais originais de todas as que se inspiraram nos processos de nossos construtores. De Van Eyck a Erasmo, ela toma uma parte energica em todos os

movimentos do genio ocidental, que faz avultar, com forças sublimes. Calderon, Lope, eu ia acrescentar Corneille, não pertencem ao *folk-lore* africano, mas ao patrimonio do Ocidente. Sem duvida seus capitães correram o Mediterraneo, ela conheceu a Italia e o que se convencionou chamar a latinidade, expandiu os vice-reinados sobre Napoles e sobre a Sicilia, nada ignorou da arte barroca. Mas tem-se visto que espécie de uso dela fizeram os seus pintores, a que asperas inflexões a submeteram, que seiva de chama lhe insuflaram. Não ha medida comum entre esse grande país e a Italia. O que ha de ôco, de facil e de vão, neste ultimo, repugna á gravidade desses homens de negro que inventaram um mundo, dominaram a Europa, venceram o turco em Lepanto, fizeram recuar Bonaparte, e que amanhã, depois de terem forjado nos combates a paz da liberdade, retomarão seu posto e sua tarefa, numa civilização mais humana. A Hespanha dos museus confirma com segurança a Espanha dos poetas e dos herois.



Ponte de Alcantara e o antigo Alcazar, Toledo.

UTILIDADE DAS BOLSAS

Conferência do sr. Juvenal de Queiroz Vieira na Associação Comercial

Em 9 do corrente, com uma grande assistência o Sr. Juvenal de Queiroz Vieira, Presidente da Bolsa de Valores realizou uma conferência sob a utilidade das bolsas.

A importância do tema, de interesse geral, e a projeção do conferencista como grande estudioso que é dos assuntos econômicos; levou-nos, a tentar, reconstituir aqui, em resumo, as eloquentes palavras com que o Sr. Juvenal Vieira mostrou a verdadeira função motriz da bolsa do mecanismo econômico.

Comparando a bolsa ao coração o conferencista disse que "De fato, forçoso é reconhecer que, pelas suas funções características, esses dois órgãos em tudo se assemelham. Enquanto o coração recebe e distribui pela rede venenosa, o sangue que dá vida ao ser animal, a Bolsa, concentra e faz circular pelos seus vasos comunicantes, num continuo fluxo e refluxo, o crédito que vivifica o organismo econômico.

Essa instituição que surgiu do imperativo da troca e tomou corpo com o desenvolvimento do comércio, tem conseguido atravessar o tempo e vencer os séculos sem abalos nos seus fundamentos, e isso a despeito das muitas transformações por que têm passado os regimens políticos e os sistemas econômicos.

Os princípios que levaram o engenho humano a organiza-la para melhor e com mais segurança praticarem os atos de troca de utilidades e valores, são, até hoje os mesmos que justificam a sua existência entre nós.

Facilitar a troca, medir os valores, concentrar e distribuir capitais, criar e fomentar o crédito mobiliário, ditar normas e aperfeiçoar a técnica do comércio foi em todos os tempos e, continua sendo, a sua principal finalidade.

A bolsa moderna pela sua técnica aprimorada e pelos seus métodos eficientes de trabalho, conseguiu impôr-se, tornando-se uma peça integrante do aparelho econômico do Estado. Até aqui, esse órgão era tido por uma minoria, como um aparelho que servia às manobras especulativas do capitalismo e era presunção quasi unânime que

êle servia mais aos interesses perturbadores da jogatina que, propriamente, aos legítimos interesses da economia e das finanças."

Em seguida, comenta a complexidade da bolsa, exposta á influência do tempo e do meio e afirma não se poder negar a sua utilidade, dizendo "O saldo a favor da bolsa, levantado por um balanço honesto, é muito considerável. Os males produzidos por ela tiveram efeitos efêmeros e

prestígio e grandeza do Stock Exchange e da rede bancária a êle ligado.

A França, a Bélgica e quasi todos os velhos países da Europa, e igualmente as Américas, têm Bolsas que muito contribuíram para o progresso do mundo e, ainda hoje, se acham colocadas em primeiro plano na ordem das grandes instituições.

A nossa Bolsa, embora mais modesta e mais nova, tem, tam-

de quem conhece de sobejo a tese que defende "Contudo, a sua folha de serviço é bastante grande. Foi por intermédio dela que o Estado lançou e fez circular, uma dívida interna que se eleva a Cr\$ 9.668.122.700,00, isso, sem levar-se em conta os títulos que já foram retirados da circulação por meio de resgate.

Foi, ainda, por seu intermédio, que a economia privada conseguiu a reunião de grande parte dos capitais que criaram e desenvolveram o nosso parque industrial. Apesar de sermos um país escasso de capitais e muitas das empresas que se utilizaram da nossa Bolsa, para se constituírem, já terem desaparecido e outras resgatado, no todo ou em parte, as suas emissões, ainda, assim o capital inscrito na cotação acusa, atualmente, a apreciável soma de Cr\$ 4.226.507.570,00.

Passado esse longo periodo em que a nossa principal Bolsa viveu os dias mais difíceis de sua existência, poudeela, finalmente, graças ao Governo do preclaro Presidente Getulio Vargas, ter os seus direitos, e as suas reivindicações asseguradas.

Mais adiante o Sr. Juvenal de Queiroz Vieira comentou detalhadamente a função precípua da bolsa e de seus corretores falando sobre o lançamento e a circulação valores, mostrando que é através dos pregões onde a oferta e a procura exercem o mais absoluto dominio, e onde os títulos de toda a especie encontram melhor e mais rápido meio de colocação.

Cotação — Equilibrio de Preço — Nivelamento de Juros a bolsa na economia popular — Estatísticas e Indices da Bolsa, foram outros tantos tópicos analisados e especificados pelo conferencista, que calorosamente aplaudido concluiu com as seguintes palavras: "a bolsa funciona com a precisão de um autentico barometro e como tal, é necessario que todos os fenomenos cosmicos da economia e das finanças, atuem sobre ele com toda a sua força e variações.



O sr. Juvenal de Queiroz Vieira, quando pronunciava a sua palpitante conferencia. Ao lado, presidindo a sessão vê-se o sr. João Daudt de Oliveira, presidente da Associação Comercial.



O presidente da Associação Comercial, sr. João Daudt de Oliveira felicita o sr. Juvenal de Queiroz Vieira pelo brilhantismo de sua conferencia.

precipitaram a correção de falhas na técnica econômica e financeira.

Foram males que vieram para o bem.

Os Estados Unidos da América do Norte devem, em grande parte, o seu formidável progresso a Wall Street. A Inglaterra conseguiu o domínio do mundo financeiro pelo

bem, prestado durante quasi um século, inestimáveis serviços ao nosso progresso.

Esse serviço, poderia, entretanto, ter sido muito maior, si os governos passados em vez de abandoná-la, tivessem procurado ampará-la."

Continuando, com o entusiasmo

Rascunhos Londrinos

Do B. N. S. para a REVISTA DA SEMANA



O ESFORÇO BÉLICO DOS ESCOLARES BRITÂNICOS. Como a maioria do pessoal doméstico, esteja de empenhando serviço de importância nacional, os alunos de Eton, o famoso colégio da Grã-Bretanha, fazem alegremente os trabalhos domésticos.



WESTMINSTER EM WASHINGTON. Esta bela pedra gravada procede da Câmara dos Comuns, em Londres, bombardeada pelos hunos, e que será apresentada ao presidente Roosevelt.



UM PRESENTE SIMBOLICO. Afim de comemorar a visita do sr. Churchill a Ca sablanca, o presidente da Sociedade Zoológica daquela cidade ofereceu ao primeiro ministro um leão africano.

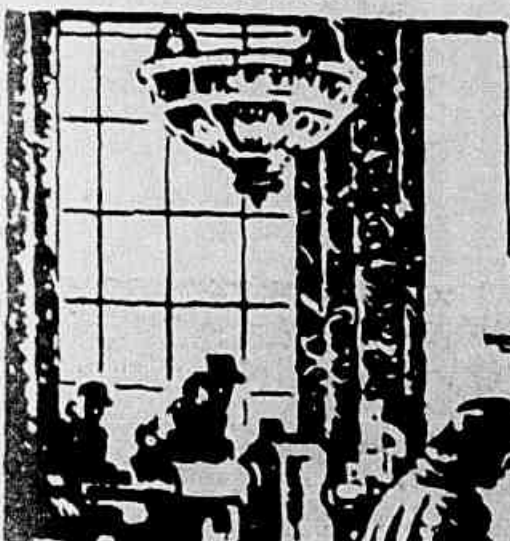


FRUTAS PARA AS CRIANÇAS FERIDAS. Lord Louis Mountbatten trouxe da África algumas bananas como presente para as Princesas Reais. Estas, entretanto, decidiram oferecê-las às crianças feridas em consequência de um "raid" nazista, e a Rainha Elizabeth as levou ao hospital.

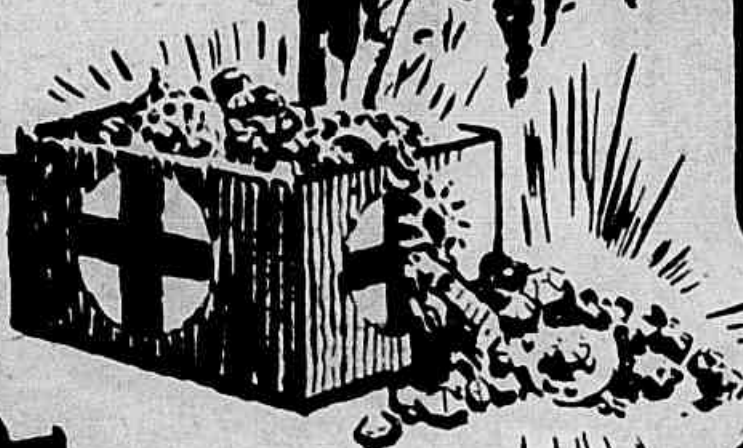


PROGRESSOS DA RAF. O equipamento da RAF, já de si excelente, passa por frequentes melhorias. Agora é um novo tipo de bote de borracha para os pilotos de caça, quando caem ao mar, dotado de uma vela que permite ao piloto ir de encontro aos que veem socorrê-lo.

UMA SALA DE BILHAR TRANSFORMADA EM FABRICA DE GUERRA. A sala de bilhar de uma famosa mansão de camho inglesa foi transformada numa fábrica bélica em miniatura, para a duração do conflito.

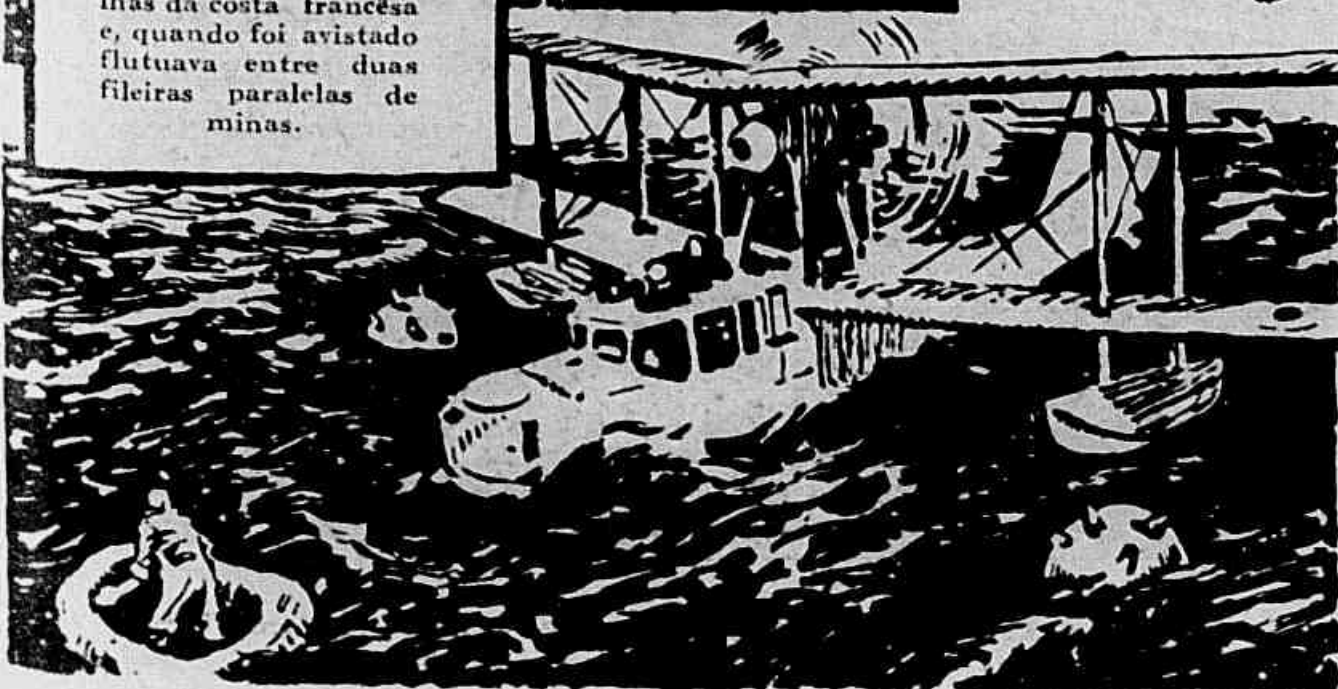


JOIAS PARA CARIDADES DE GUERRA. O dinheiro resultante da venda de joias espontaneamente oferecidas pelo povo britânico, inclusive a família real, alcançou um total de 100.000 esterlinos.



UM S. O. S. NA AREIA. — Depois de passarem 12 dias em botes abertos, vários marinheiros mercantes deram à costa numa parte deserta do litoral africano. O S. O. S. que escreveram na areia foi avistado pelo piloto de um avião de reconhecimento britânico, que enviou socorro aos homens perdidos.

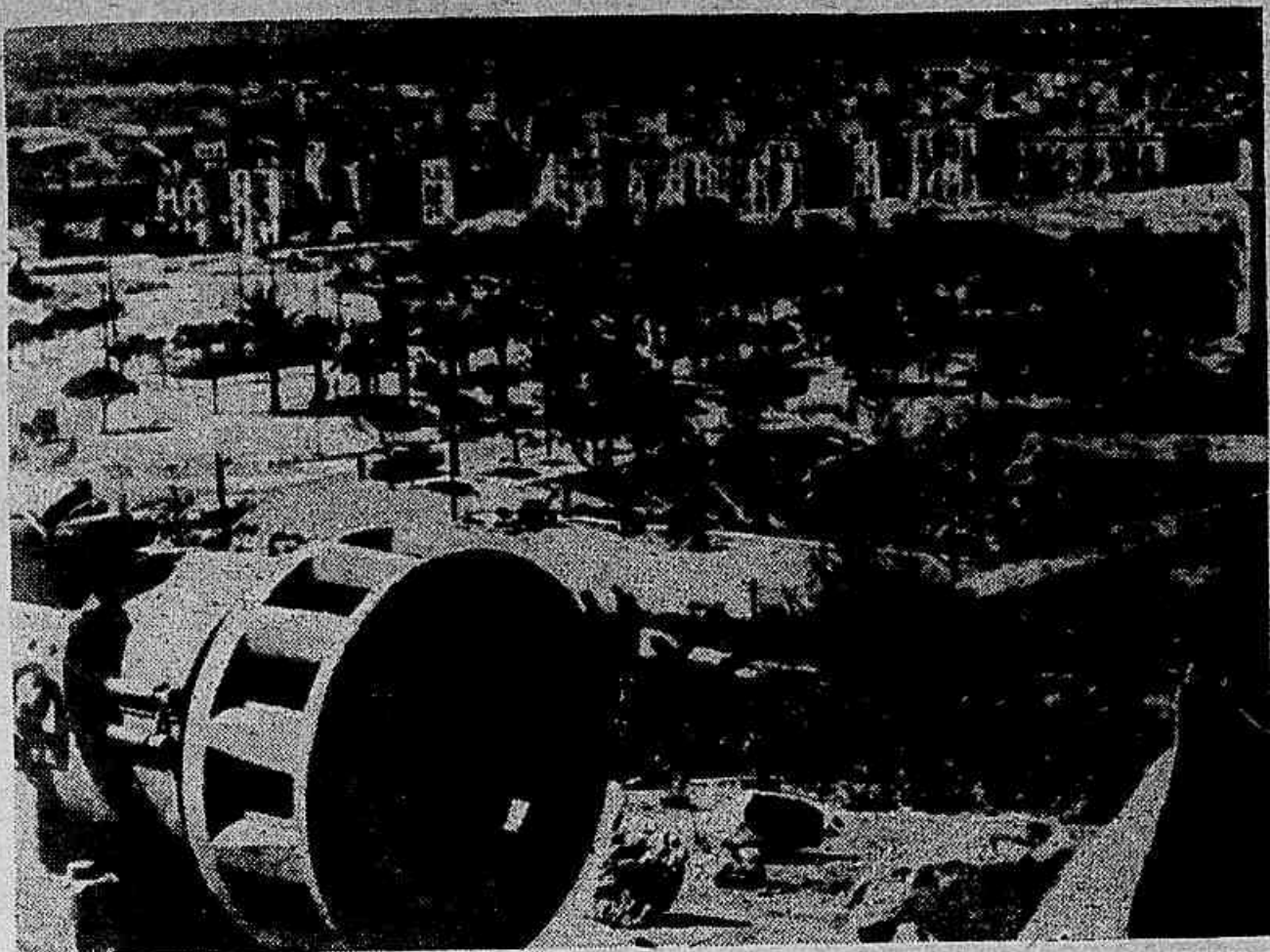
SALVAÇÃO NO CANAL DA MANCHA. Um piloto da R.A.F. atirou-se do aparelho quando se achava a poucas milhas da costa francesa e, quando foi avistado flutuava entre duas fileiras paralelas de minas.



AS RENAS EM SERVIÇO. As vastas planícies do Ártico, por trás das linhas russas, recobrem-se de gelo e formam, assim, excelentes aeródromos. Para dominarem as dificuldades de transporte, a Força Aérea Russa transporta para ali alimentos, bombas, petróleo, etc., com o auxílio das renas, que cobrem rapidamente grandes distâncias.



O sacrificio de MALTA: um belo tributo pago pelo cinema aos homens e mulheres da ilha martir



Uma vez mais as sirenes ressoam sobre Malta e as ruas ficam vazias, refugiando-se o povo nos abrigos.



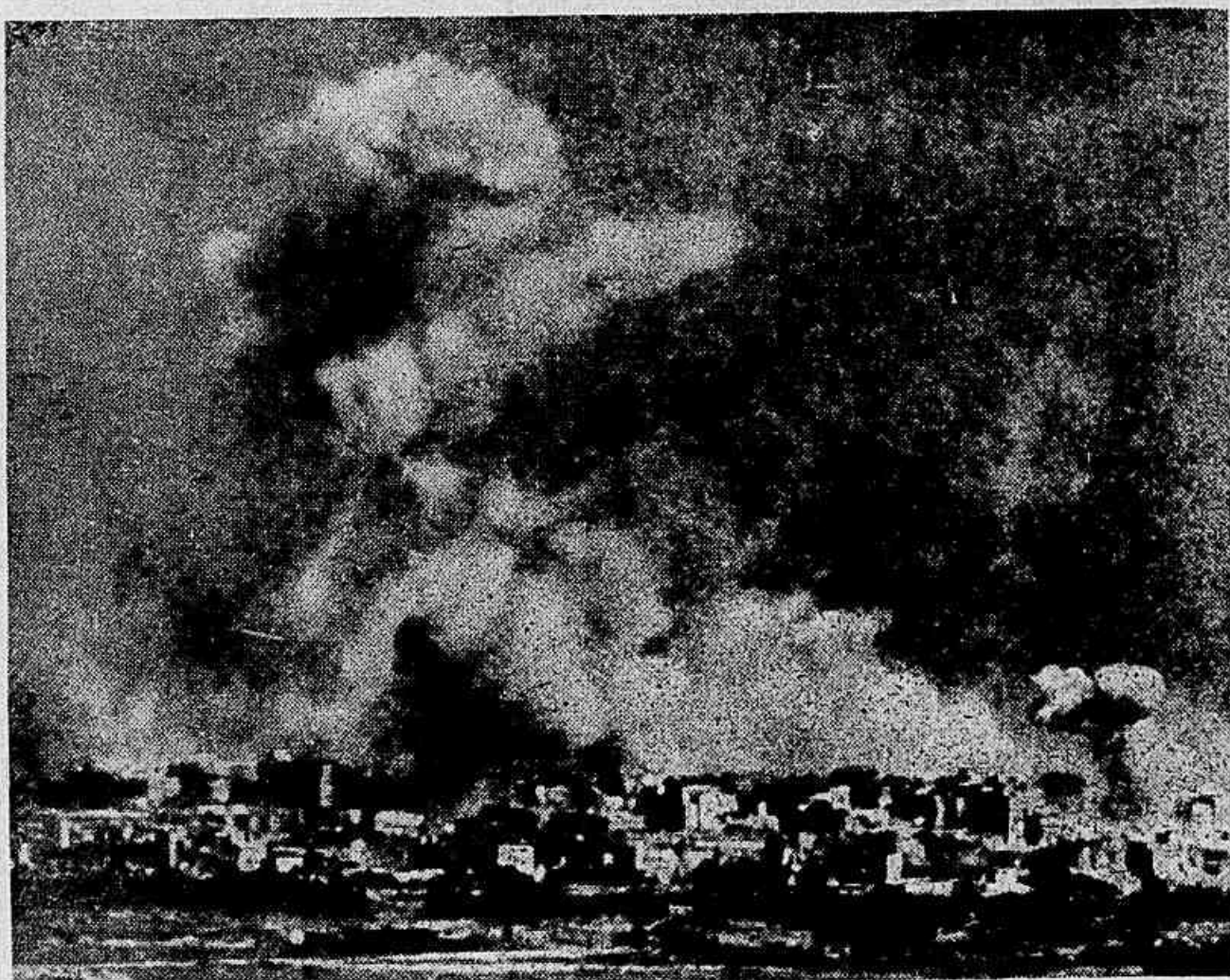
O Rei Jorge V guarda a entrada de um dos abrigos anti-aéreos, que estão continuamente em uso.

"MALTA G. C." a épica história, da ilha mais bombardeada do mundo nos é contada através de um filme emocionante produzido por várias companhias de filmes militares e distribuído pela Warner Bros. Por dois anos e meio Malta permaneceu sózinha; a mil milhas a Leste de Gibraltar, a mil milhas a Oeste de Alexandria, mas apenas a vinte minutos de vôo das bases eixistas da Sicília. Durante esse tempo aviões de bombardeio alemães e italianos determinaram destruir a ilha. Noite e dia arremessaram milhares de toneladas de poderosos explosivos, numa vã tentativa de obriga-la a humilhar-se-lhes. Durante esse tempo também navios britânicos fizeram as mais perigosas viagens para trazer-lhe os



Apressam-se ao ouvirem as sirenas, mas sem panico, Malteses a caminho dos abrigos.

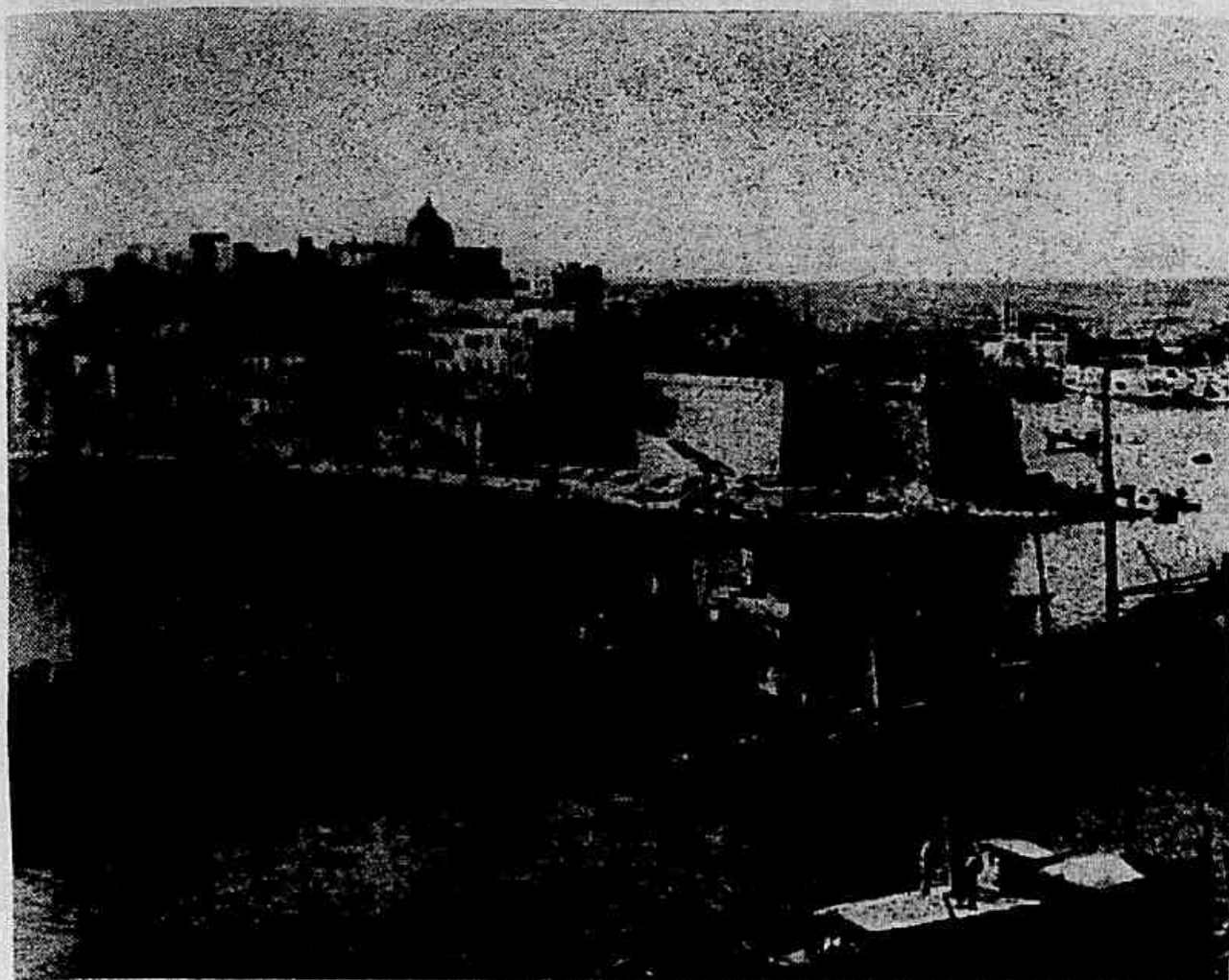
suprimentos de que necessitava, não só para sobreviver, mas para que pudesse retribuir à cruel devastação que sofreu. O sacrificio do povo foi longo e terrível, mas nunca esmoreceu: a vida continuou como de costume, nas ruas, nos lares, nas escolas e, entre os raids, Malta desforrava-se desempenhando seu papel na vitória do Oitavo Exército e atacando os navios de Rommel. Tudo isso e mais ainda é mostrado no filme que todos devem ver para avaliarem o que padeceu esta pequena ilha de rocha e como, pelo heroísmo de seus defensores e a calma determinação de seus cidadãos, impediu a realização de um dos planos mais caros do inimigo — o domínio de Malta.



Outro "raid" sobre a valente ilha da Cruz de George: foi arrasada e destruída, mas nunca curvou os joelhos.



Calmamente também introduzem-se nos abrigos, quando um alarme interrompe suas aulas matinais. Tal é o espirito desse povo.



A salvo no porto, após abrir caminho através de mares infestados pelo inimigo, navios como este tem conservado viva a ilha.



Estas são as crianças da ilha mártir: a despeito dos 3000 "raids" vão calmamente para a escola.



Nem uma só vez os jornais de Malta deixaram de sair e foram eles que anunciaram com orgulho a concessão de Cruz de George.



O celeiro subterrâneo existiu por muitos séculos. Hoje está de novo desempenhando o importante papel na conservação de víveres.



Um costume maltês velho, de 400 anos — Três dias antes da execução, de um criminoso, figuras veladas da Arquiconfraria da Mercê aparecem nas ruas de Malta, anunciadoras da morte. Recolhem dinheiro para a assistência espiritual do condenado. Só membros da nobreza de Malta, das profissões legais ou médicas e do clero podem fazer parte desta sociedade que foi fundada na Espanha em 1512, e veio para Malta com os Cavaleiros de S. João de Jerusalém em 1530. Foi originalmente instituída para cuidar dos cadáveres dos criminosos enforcados, e desempenha mais ou menos o mesmo serviço hoje. O aparecimento dessas figuras fantásticas é uma severa advertência para os criminosos futuros. Só o povo de Malta, enquanto encara com corajosa calma o terrível sacrifício dos contínuos bombardeios, não pôde olhar estes mensageiros da morte, chegando mesmo muitos a fugirem para casa quando um deles aparece.

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

"O RIO GRANDE DO SUL NAS TELAS DE HILDA GOLTZ"

No Salão Nobre da Sociedade Sul-Riograndense no Rio

HILDA GOLTZ, apesar de bem jovem, já possui uma obra que a credencia como artista de amplos recursos e bastante força emotiva, capaz de realizar muita coisa de futuro. — Isto por que, só ha três anos, Hilda começou a pintar. Antes, ela o fazia, mas sob as vistas dos seus mestres no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, por onde se diplomou.

Agora, no Rio de Janeiro, a pintora gaúcha nos traz o resultado do seu trabalho nesses poucos anos. E nisso está o melhor elogio à sua arte. E' pelo conjunto da sua obra pessoal, que podemos sentir a sua vocação e os seus progressos. Diante desses motivos de tamanha riqueza de expressão, ante estas marinhas tão cheias de colorido e vida, é forçoso reconhecer-se a artista. Hilda é um pincel sóbrio, mas enérgico,

que ama o traço forte. O temperamento e a sensibilidade feminina se casam admiravelmente à técnica.

Alguns dos seus aspectos regionais como os que reproduzimos abaixo são de rara felicidade. Paisagista, ela venceu; escultora, é uma promessa.

Ela vos mostrará, nesta exposição, um pouco daquilo que surpreendeu a intimidade da natureza sul-riograndense.



UM LADRÃO

Continuação da pagina 7

Fez um estardalhaço com o martelo na bigorna, o entrecrocicar das outras ferramentas. Entregou o trabalho, a mulher achou caríssimo, regatearam longamente, chegaram finalmente acordo. E Awram e eu passámos adiante.

Pelo meio da tarde disse-me o cigano:

— Viste, meu bemzinho, como o anel me guiava?

— Era ele que te guiava?

— Perfeitamente. Indicando-me as casas onde havia trabalho:

— Estás te divertindo à minha custa, Awram. Pensas que não reparei? Entravas onde havia um risco vermelho ao lado da porta. E esse risco foi feito com certeza por outros ciganos, para te avisar.

O anel te serve mas é para furar, com esse prego o fundo das painelas.

Awram invocou todos os santos da corte do céu para lhe atestarem a inocência. Eu, porém, não o acreditei.

— Bom... concluiu o Boêmio — se achas que é assim, podes voltar para casa. Tanto mais que se faz tarde...

— E o ladrão que prometeste mostrar-me?

— Fica para amanhã ou depois... respondeu ele, meio carrancudo.

— Awram... pedi, com o maior empenho — mostra-m'ó hoje e eu te darei o meu florim de prata.

O cigano sorriu, olhando ao longe...

— Um ladrão por um florim de prata... E onde está ele, o florim?

Procurei na algibeira. A moeda tinha desaparecido.

A medida que o meu rosto se entristecia, ficava o do velho Awram mais ditoso e radiante.

— Querida menina... disse ele — para a outra vez, que queiras ver ladrões, não os venhas procurar entre os Boêmios. Os Boêmios são verdadeiros santos.

— Awram! gritei, quasi a chorar. — Furtaste-me o florim!

— Ora, adeus! Volta para casa, deita-te na tua caminha e dorme um bom sono. Se, dizendo que te roubei, falas verdade, viste realmente um ladrão. Não era o que querias? Pois então o que tens a fazer é trazer-me amanhã o florim do nosso trato. E olha. Traz também um machado para a tal dança boêmia. Garanto-te que não te has de arrependar!

Rio, cidade prodígio

O Rio antigo, a velha cidade de Machado de Assis, onde os par-dieiros de três andares ladeavam vielas escuras, enfeitadas a espaço pela alegria do jardim de um solar fidalgo, vai desaparecendo aos poucos, tomado de assalto pelo surto trepidante do progresso que ao fragor estupendo das dragas e das brocas mecânicas, rasga os caminhos antigos, onde transitavam as "cadeirinhas" de outrora, e abre caminhos novos para os automóveis aerodinâmicos de amanhã.

Assim a poesia antiga da cidade ensombreada e romântica, vai cedendo lugar à poesia nova que o homem de hoje sente nos monumentos de aço e cimento, cuja fila se estende ao longo das amplas e arejadas Avenidas que vieram substituir os bécos da velha "Côrte".

Foi assim que se ergueu Copacabana, foi assim que se edificou o Leme, e é assim que se está construindo a avenida Getúlio Vargas, símbolo eloquente do dinamismo da nossa época.

Esta grande artéria, que dentro em breve será inaugurada, foi o local escolhido pela Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil, para a construção de um grande edifício, que será um dos primeiros a serem edificadas, naquela magestosa via. Esta é mais uma afirmativa da segurança e inteligência com que são empregados os capitais daquela Sociedade de Previdência, que conta já com um patrimonio superior a Cr. \$ 100.000.000,00.

O movimento desse capital, que se desenvolve de modo prático e progressista, crea gestos de elevado patriotismo e humanitarismo, por isto que, enriquecido como está sendo o patrimônio da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil, maiores possibilidades adquire a instituição para cumprir o amplo programa de benefícios aos seus associados traçado pelo dinamismo de seu atual Presidente, o Sr. Orlando de Almeida Cardoso.

Além de contribuir de maneira tão eficiente para o plano de urbanização da Capital Federal, a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil acaba de ter outro simpático gesto, subscrevendo, por intermedio de seu Presidente, cinco milhões de cruzeiros de obrigações de guerra, em cerimônia ha dias realizada no gabinete do Presidente do Banco, Sr. Marques dos Reis.



Rua dos Paulistas (Ouro Preto).



"Interior" (Mosteiro de S. Bento).

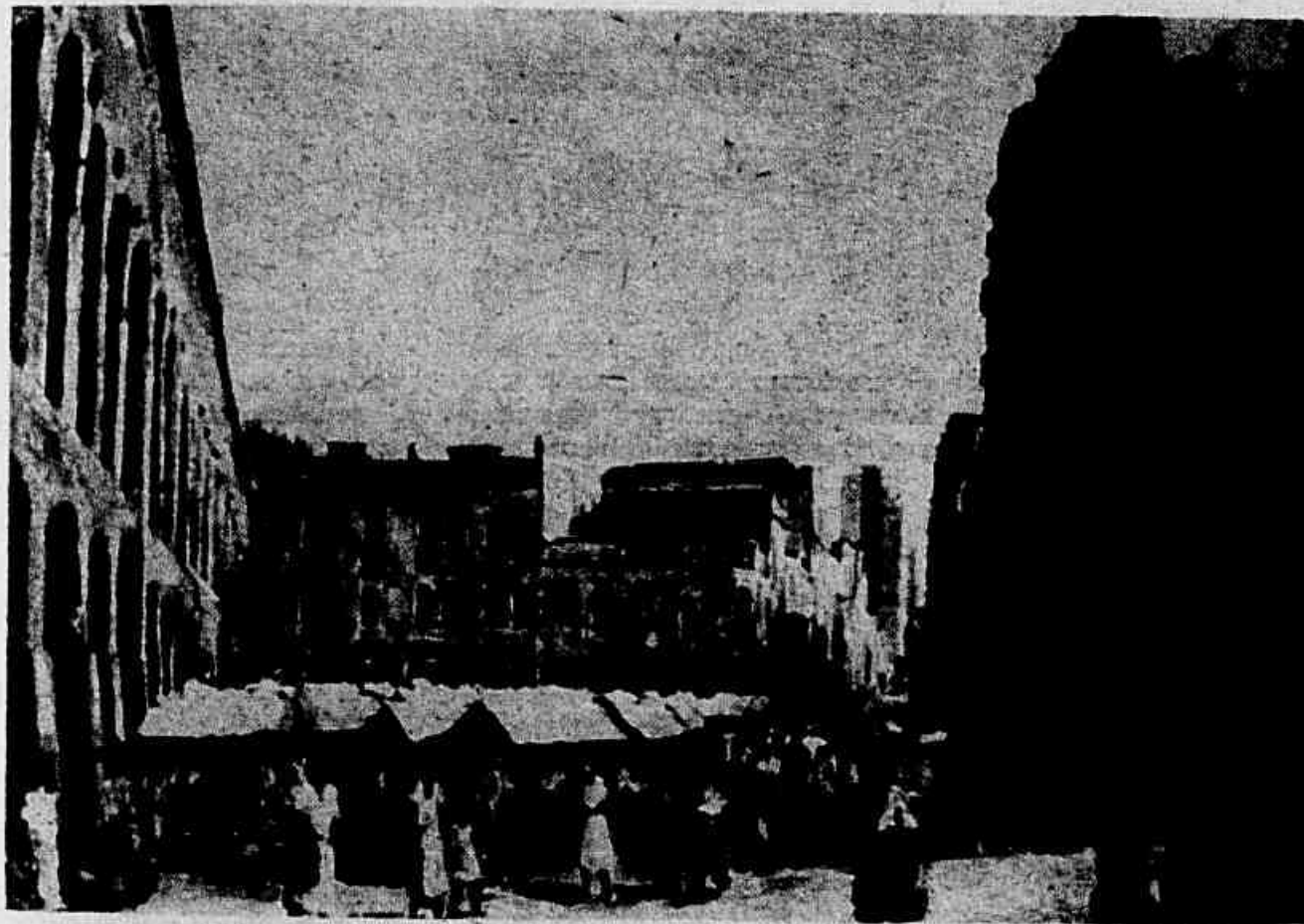
Exposição José Maria de Almeida

Durante toda a primeira quinzena de Junho corrente, esteve aberta ao publico, nos salões do Palace Hotel, a quarta exposição do pintor José Maria de Almeida.

A arte do jovem pintor apresenta-se bem firme, com as diretrizes já perfeitamente marcadas, valendo-lhe um belo triunfo o conjunto dos cinquenta quadros apresentados. Alguns interiores, de largas proporções, como os dois do Mosteiro de S. Bento, revelam mesmo a resolução de serios problemas de perspectiva e de colorido, valentemente tratados, numa pintura larga, sem hesitações comprometedoras, atestando brilhantemente a personalidade do artista.

Outras telas dignas de destacado reparo são as que nos mostram as velhas ruas do Rio de Janeiro, em demolição ou prestes a desaparecer, verdadeiros documentários do nosso recente passado urbano.

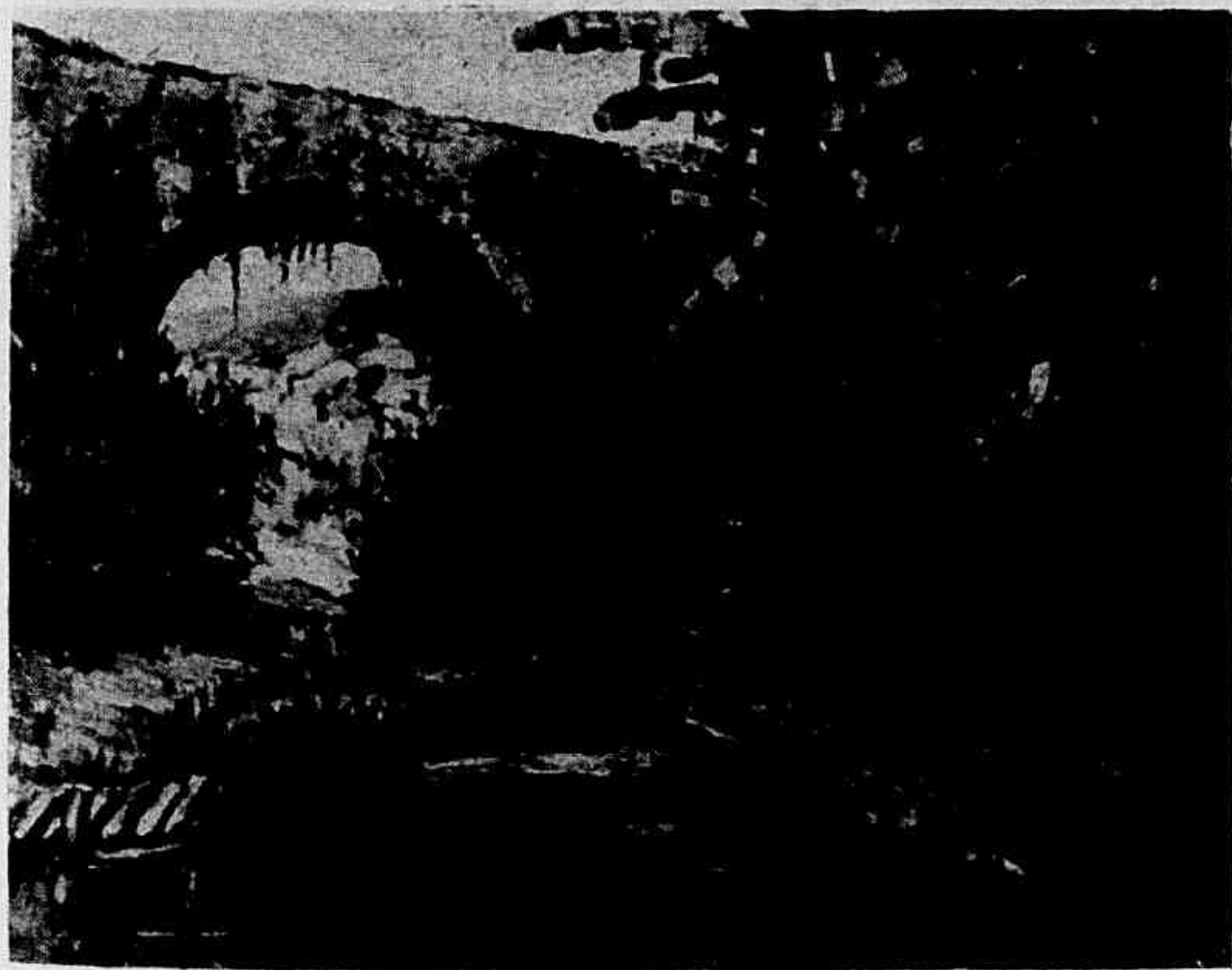
Mas, não é só. O colorido forte e sensual de certos recantos do interior fluminense, tufos de bananeiras, águas correntes, serranias distantes, um trecho de estrada ensolarada entre arvores floridas, dá também uma nota de particular encanto a essa mostra, que nos permite augurar ao expositor uma carreira das mais auspiciosas e fecundas.



Praça dos Arcos (Rio).



"Flamboyant" (Rio).



"Ponte do Palacio Velho" (Ouro Preto).



"Abertura da Avonida Presidente Getulio Vargas".



SOMBRA E SUBSTANCIA — Como o "boxeur" gosta de boxear a sombra, para melhorar seu estilo, algumas bailarinas observam seja sua sombra numa parede iluminada, seja sua imagem nos espelhos, para conseguir a pose que desejam. Aqui está Miss Christine Krens, prima ballerina do Ballet Fokine, numa graciosa sombra de dançarina.

CONTRASTE — Os pés de uma bailarina andando não têm nada de arrebatador, parecendo mesmo esparramados nos sapatos sem salto. Mas, quando ela os põe a trabalhar — ah, então há uma diferença. Aqui temos uma oportunidade de comprovar o que queremos dizer. Comparem o pé direito com o esquerdo, em ação.

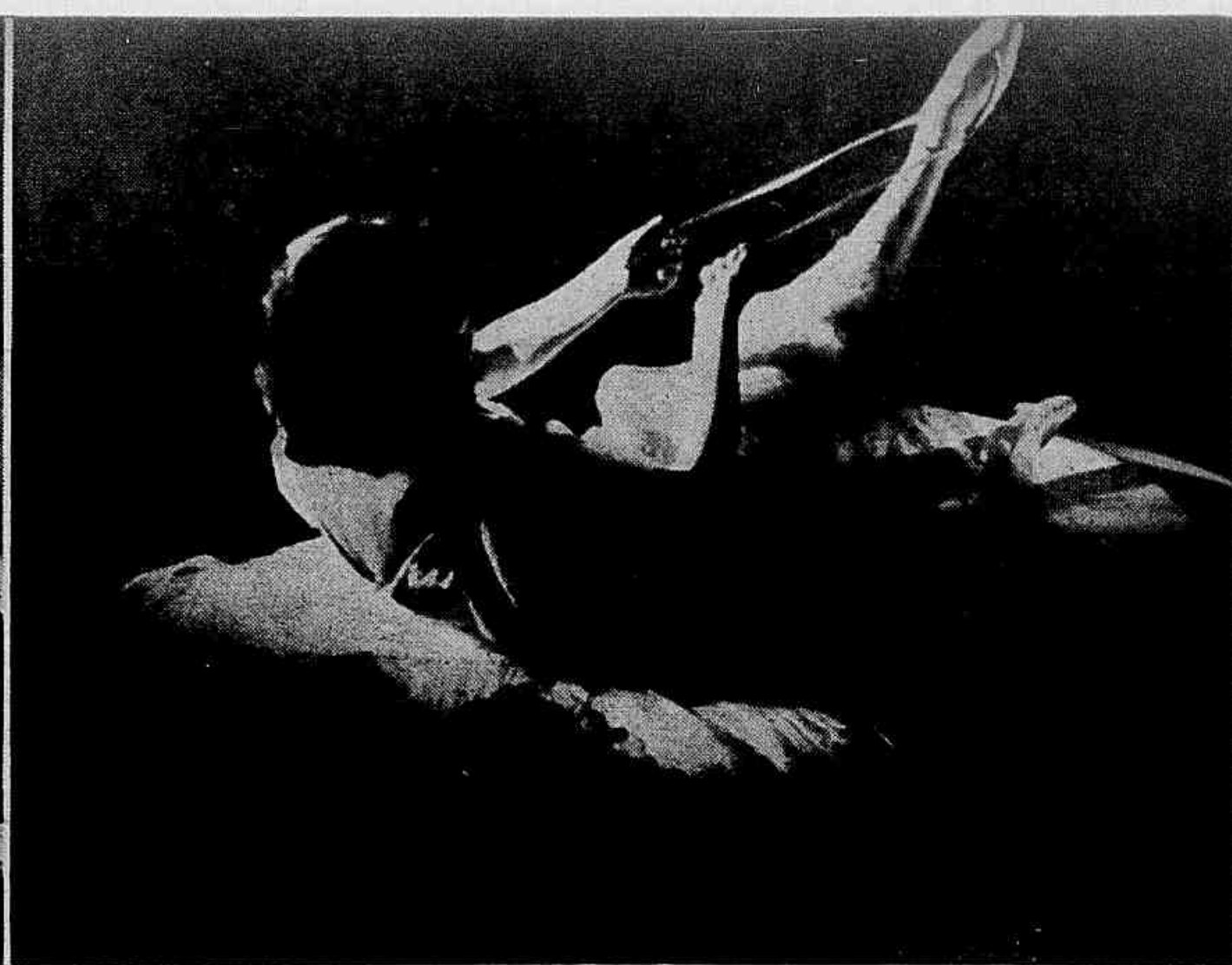
PARA os que desconhecem a arte do *ballet*, um desses espetáculos pode ser indiferente. Falta-lhes essa coisa indefinida que torna os iniciados capazes de toda espécie de interessantes interpretações dos movimentos da dança. O bailarino pode fazer o que parece ao olho inculto uma variação da bobagem feita por um *derviche* redemoinhando, o espectador *sophisticated* vê nesse movimento o espírito selvagem e indomável do vento a bafejar a lua ou coisa semelhante. A bailarina pode dar seus saltos de gazela através do palco, como se tivesse nascido nas asas da brisa. Isso para os indiferentes, pode parecer uma bonita exibição de agilidade, mas para o balletoma-

METAMORFOSE — Aqui temos também o toque artístico, embora não fosse intencional. O par de sapatos usados foi posto de lado, no momento, e os "glamorous" sapatinhos da bailarina tomam-lhe o lugar. Um lindo estudo, não é mesmo?





BASTIDOR — As bailarinas acostumam-se tanto com as poses graciosas que isso se torna uma segunda natureza para elas. Mesmo fóra de cena, quando alheias a qualquer espectador, parecem estar posando. Este par poderia bem ter sido posado por um artista que buscasse a graça e a beleza das atitudes. Todavia é apenas uma bailarina que ajuda a outra a se preparar para o palco.



AS REDEAS DA FAMA — Os pés são os seus ardegos cavalos e ela os dirige para a reta da fama. As rédeas são as fitas que prendem os sapatos aos pés. Esta é outra pose que bem poderia ter sido arranjada por um artista. Mas a dona dos pés de lã adotou esta atitude naturalmente.

NAS ASAS DA BRISA

(Serviço especial da REVISTA DA SEMANA)

no é uma alma humana livre e imponderável fugindo para o céu ou para os braços dalgum divino amante.

Mas, a despeito dessa ignorância terpsicoriana — é difícil negar admiração aos artistas de *ballet*. Eles são exímios na sua arte e chegaram a esse ponto devido a um treino fatigante e custoso. Primeiramente, é certo que uma prima ballerina nasce bailarina — mas é também *selfmade*, isto é, fez-se à custa de muito esforço próprio. Não importa a graça e o talento que ela possua em potencial, é preciso atingir o cimo pelo caminho aspero. Atrás da beleza, do ritmo e da graça que são os componentes dum *ballet*, há muitos horas, dias e anos de trabalho pesado. E ousamos dizer que o verdadeiro motivo por que as estrelas de *ballet* são tão raras é que tão poucas pessoas teem o que os escritores chamam a força interior para fazerem uma carreira que pede tanto e dá tão pouco, se descontarmos os elogios da crítica.

Esta serie de fotos capturou e manteve alguma cousa dos momento inefáveis de beleza dum moderno *ballet*. Mesmo se você não os compreender, ha de gostar deles.

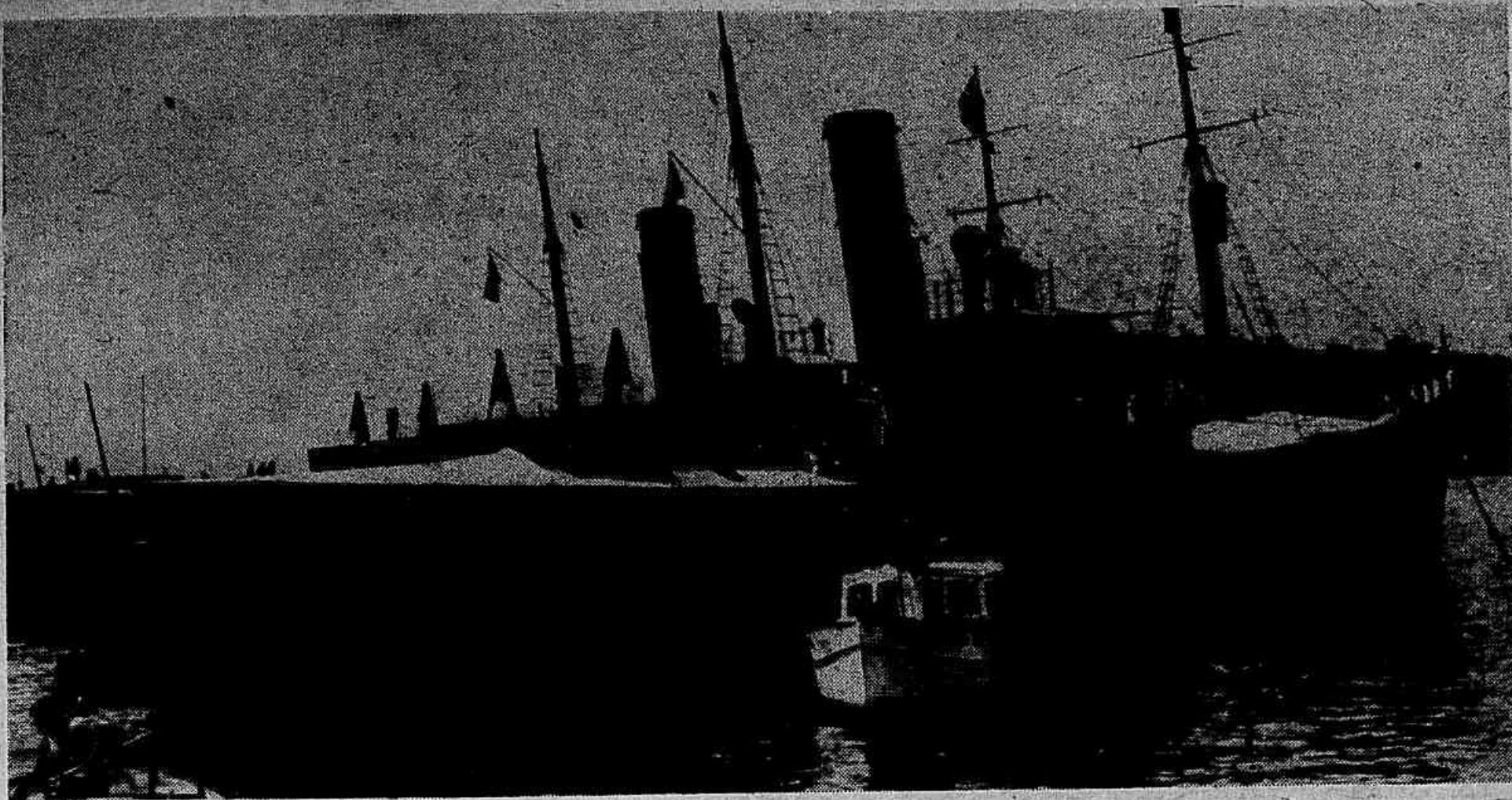
CRISANTEMO — Como as pétalas de uma linda flor, as pernas de uma bailarina realizam um milagre de equilibrio, de graça e de ritmo, criando uma visão de beleza que faz os próprios desconhecedores de *ballet* serem atraídos por essa arte.



ADQUIRINDO RITMO — Os braços e as mãos teem um papel importante na arte da bailarina. Uma bailarina passa horas ensaiando a posição de um dedo. Notem como estas aqui utilizam as mãos e os braços para conseguirem o ar de "pose" e de ritmo.

EM BUSCA DO SUCESSO — Duas bailarinas do Ballet Fokine, Lor Balzer que tem apenas 13 anos e Patricia Bardiner, são apanhadas num gracioso salto de ensaio. Uma grande parte de tais exercicios parece-nos a unica maneira de fazer com que esses saltos difíceis pareçam fáceis.



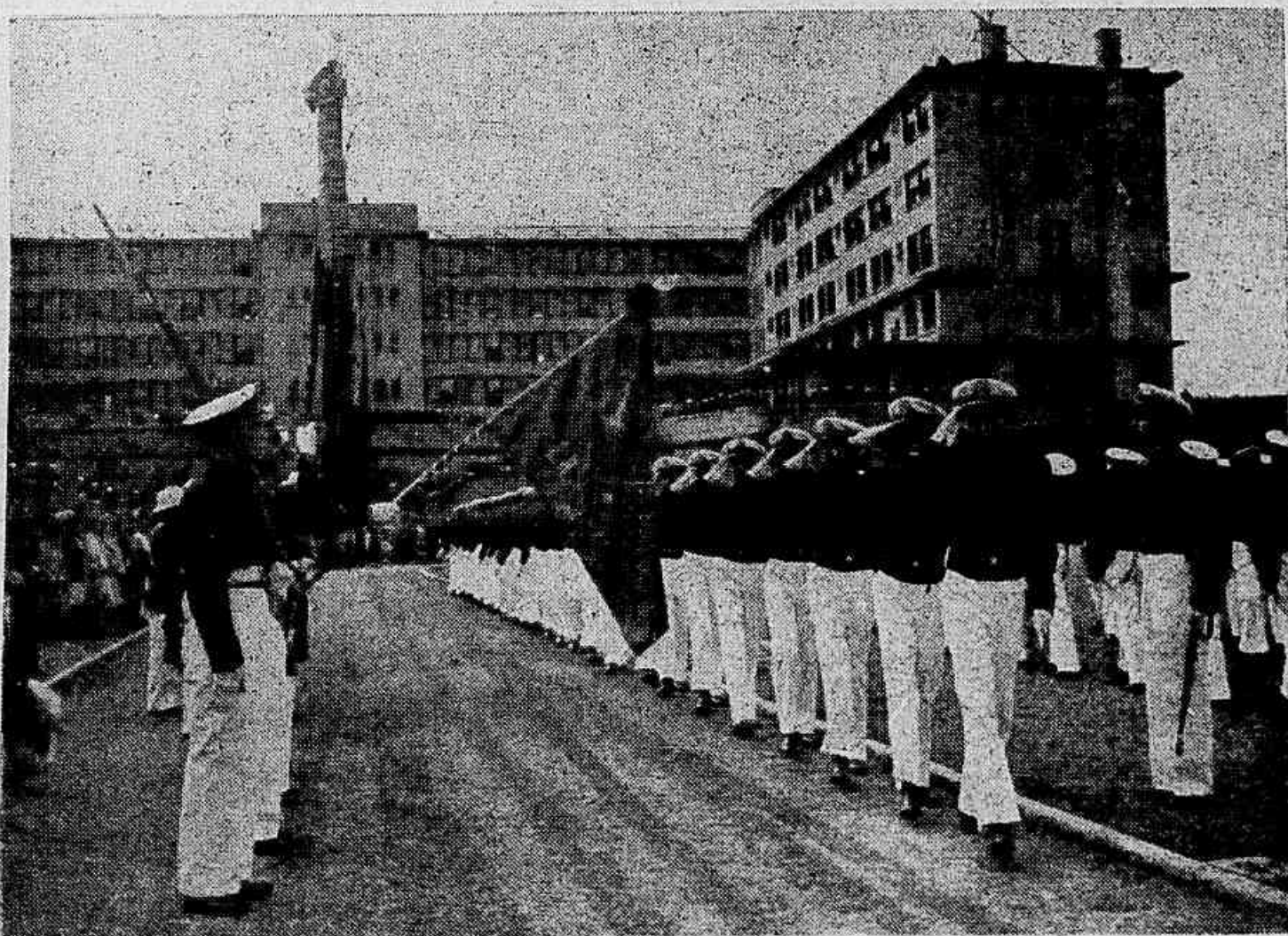


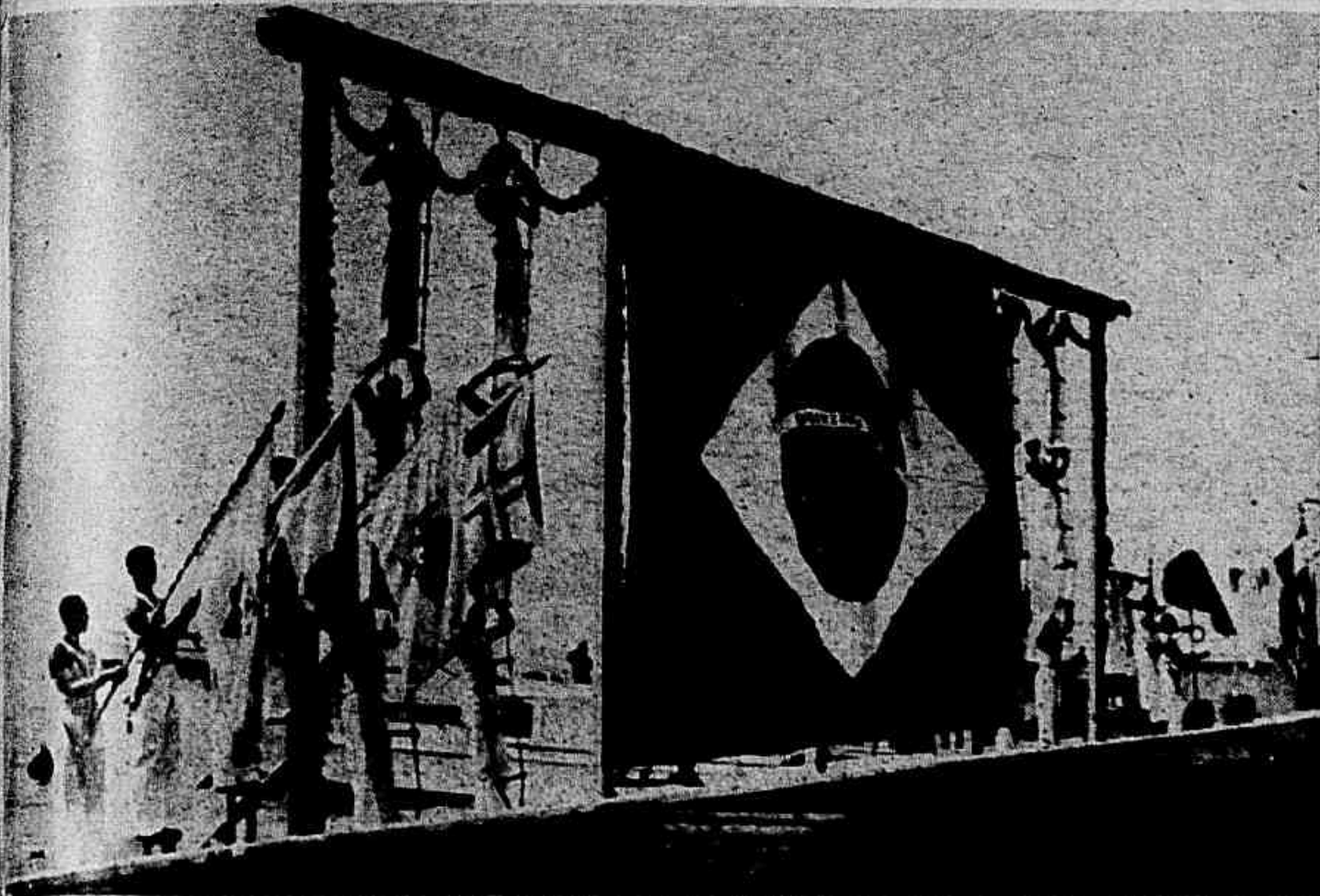
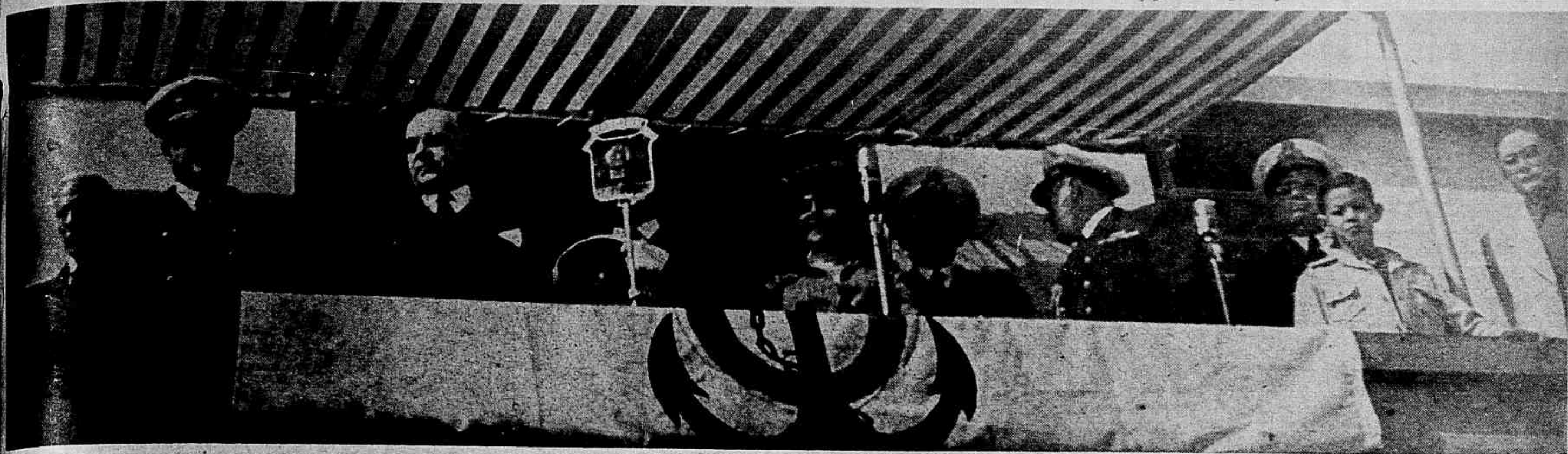
O DIA DA MARINHA

As 2 corvetas, que o sr. Pedro Brando, Superintendente da Organização Henrique Lage, entregou á nossa Marinha de Guerra.

S. Ex. o sr. Presidente da República e o sr. Pedro Brando, superintendente da Organização Henrique Lage

Na Ilha do Viana o Presidente Vargas, em companhia do sr. Pedro Brando, e Ministros da Fazenda, Marinha, Trabalho e Justiça e altas personalidades do nosso mundo oficial.





A bandeira nacional sugerindo que a Pátria está sempre presente nos corações dos marujos do Brasil.

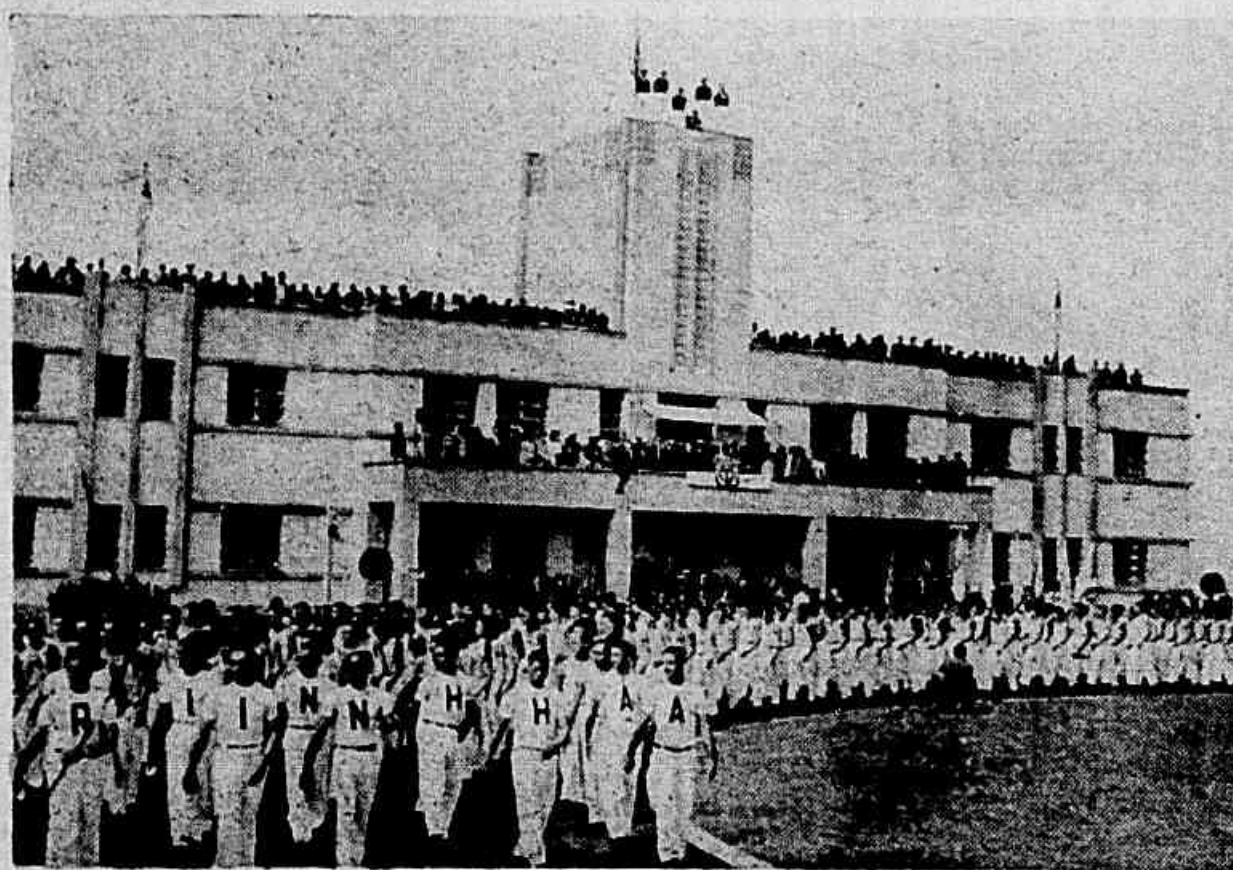
A REVISTA DA SEMANA esteve presente às brilhantes homenagens que a nossa Marinha de Guerra prestou a Barroso, o herói de Riachuelo, nas comemorações de 11 de junho, data em que se exalta a memória do marinheiro que se tornou um símbolo para a Pátria.

Foi uma comemoração brilhante: homenagem das nossas forças armadas e corpos diplomáticos estrangeiros, que, por seus representantes, depositaram cordões na estátua do Almirante Barroso. Na Escola Naval, presidida pelo Comandante Guilherme Riecken, Diretor do Ensino Naval e Cmte. Mário Hecksher, diretor da Escola, se realizou a cerimônia do juramento à bandeira dos novos aspirantes de Curso Prévio. Na Ilha das Enxadas S. Ex. o sr. Presidente da República, presidiu a inauguração da Escola de Educação Física da Marinha; e, finalmente, na Ilha do Viana, o Presidente Vargas bate as quilhas de três novos caça-submarinos: "Porto Alegre", "Belo Horizonte" e "S. Vicente"; e preside a entrega, pelo sr. Pedro Brando, Superintendente da Organização Henrique Lage, de duas novas e modernas corvetas, "Felipe Camarão" e "Matias de Albuquerque" à nossa marinha de guerra.

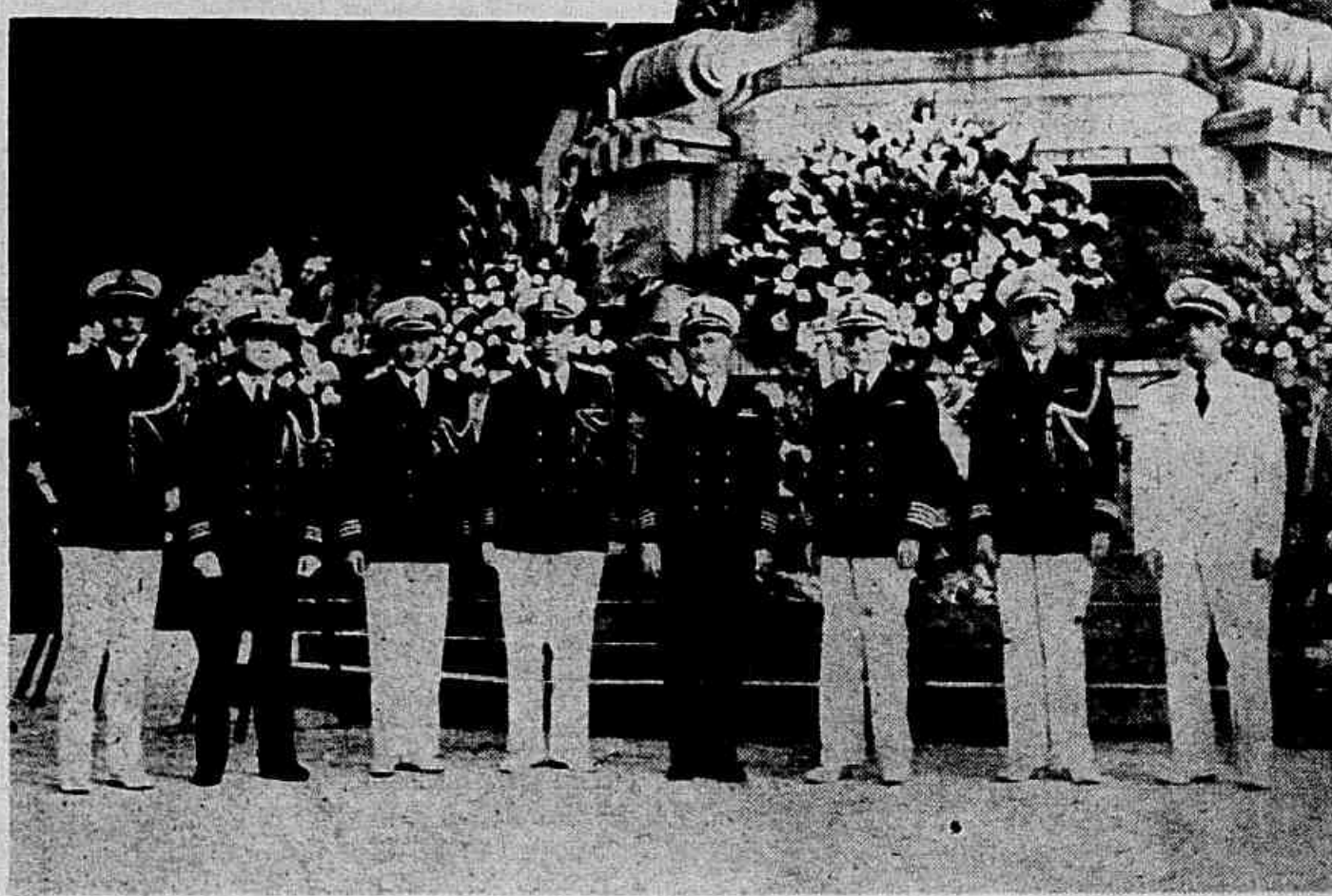
Assim, dia a dia cresce e se fortifica a nossa Marinha, aproximando de nós o dia da Vitória!



NA ILHA DAS ENXADAS — O Pavilhão Presidencial.



O juramento à bandeira dos novos aspirantes do Curso Prévio.



No monumento de Barroso, quando se reverenciava o herói do Riachuelo.

RAIMUN

mento do belo; sentimento este de que a ciência descobriu serem capazes até os animais inferiores e, mesmo, certas plantas. Porém contemplando-se essa arte esquisofêica (se é que se possa chamar a isso de arte), tem-se a impressão de se estar imerso em um pesadelo povoado de monstros os mais disformes que nos entorpecem os membros, nos chumbam ao terreno de onde nos parece impossível fugir e onde até o ar como que rareia.

Outro ponto que merece seria atenção e, entretanto, tem sido até hoje descurado, é essa (como direi?) capacidade de mata-borrão que pulula no nosso país. Falta-lhe o mimetismo do patricio camelião que, embora se adaptando, por conveniência, ao meio, se conserva camelião. A essas inteligências acontece o mesmo que ao mata-borrão: absorvem indiferentemente a tinta que escorre da pena de um gênio ou da de um vendeiro boçal. Não são como o nosso solo que recebe sementes alienígenas e lhes dá as suas características climáticas. São como aquele papagaio que Walt Disney levou daqui para Hollywood. Dentro de alguns anos, se voltar ao Brasil ouvi-lo-emos falar, mas não o entenderemos. Nós, homens e papagaios.

Ouvi de um nosso compositor musical, educado na Itália, e cujo nome transpôs já as nossas fronteiras, que a língua portuguesa (esta maviosa língua que nós brasileiros falamos), não se presta para o canto. Ele, entretanto, é que não presta para a língua, por não lhe ter a cultura; deficiência esta que levou outro ilustre compositor a musicar um soneto (!) de um dos nossos maiores poetas. Quando o ouvi cantado, me veio logo à lembrança o primeiro par de sapatos de verniz que calcei na minha adolescência: eram bonitos, mas ainda lhes guardo a recordação — nos calos.

Essas divagações me acudiram como a quem, despertando da agonia de um pesadelo, ainda o recorda, envolto na claridade de um lindo sol de verão que entra pela janela, ao me chegar às mãos uma boa duzia de fotografias de quadros de Raimundo Cela.

Raimundo Brandão Cela nasceu nas terras de Iracema, naquele torrido Ceará, onde um sol de fogo tempera inteligências de escóli, braços de sertanejos que sorriem da desgraça e almas épicas de jangadeiros que abrem a vela ao vento e correm panelhas com as gaiotas, sobre os verdes mares bravios de José de Alencar.

Filho de pai espanhol e mãe cearense, nasceu na cidade de Camocim, onde estudou as primeiras letras com a própria mãe, professora que era de uma escola primária. Fez os preparatórios em Fortaleza, vindo com pouco mais de vinte anos para o Rio, entrando para a Escola Nacional de Belas Artes, onde logo se destacou entre os primeiros alunos na aula de desenho de modelo-vivo e na de pintura, primeiro com Eliseu Visconti, depois com Batista da Costa, ao mesmo tempo que cursava a Escola Politécnica, diplomando-se em engenheiro geógrafo.

Visconti logo o descobre na aula e, sabendo que ele, para estudar, trabalhava como desenhista na Comissão Rondon, foi lá pedir (alheio a todas as regras burocráticas), que lhe dessem mais tempo para pintar.

Em 1916 concorre pela primeira vez ao Salão Nacional de Belas Artes e conquista a pequena medalha de prata. No ano seguinte se apresenta candidato ao disputadíssimo prêmio de viagem à Europa com o quadro "Últimos momentos de Sócrates", e o obtem. Os estudos a carvão para o mesmo quadro, que também expôs naquele Salão, causaram tal admiração ao seu, então, professor Batista da Costa que ele lhe pediu um, como lembrança.

Em Paris, onde se demorou mais tempo, já ao findar o prêmio, adoeceu gravemente, sendo internado em uma casa de saúde pelos seus amigos Leopoldo Campos, então lá recémchegado com o prêmio de viagem de gravura de medalhas e de pedras preciosas, do nosso Salão de 1922, e Jaguaribe de Matos, oficial do nosso exército.

Era a época do Grande Salão de Paris, ao qual concorrem os maiores nomes das artes plásticas, assim franceses como mundiais. Campos, ainda premido pelas incertezas do estado de saúde do seu amigo, lembrou-se do desejo que ele discretamente lhe esboçara de um dia poder concor-

PESCADOR NORDESTINO

Si me não falha a memória, foi em uma pagina de Edmundo de Amicis que li, tempos atrás, certa passagem em que estando ele em Constantinopla, sendo sabedora a cidade da sua presença, e mais, que era médico alem de ser grande escritor, fora certa manhã procurado por um moço turco tendo, bem nitidas, todas as características do eunuco. Visivelmente perturbado se fez, porém, entender que desejava ardentemente um remédio que o curasse da angustia de ser diferente dos outros homens.

E o homem que escrevera as paginas excelsas de "Coração", nas quais se não sabe o que mais admirar, si o escritor magnifico ou o garimpeiro sublime que soube achar tanta bondade e doçura na alma da criança, talvez pela primeira vez, sentiu profundamente a incapacidade da ciência, para reparar tal mutilação e fazer reviver a verdadeira vida àquela alma ainda jovem, em que, para maior desgraça, ficara uma ancia indecisa.

A'quele pobre eunuco semelha certo tipo patogênico de esteta (?) que embora surja como os cogumelos, de época em época, escapa à análise e à classificação dos pesquisadores da ciência; não estando determinado si é uma anomalia psíquica ou uma psicose provocada pela matéria, oriunda de alguma deformação cerebral, por exemplo. O próprio Freud e seus discípulos, como Zweig, talvez porque o fenômeno exorbitasse as diretrizes das suas pesquisas que julgaram de mais interesse científico e social, não se deram conta dele. E foi pena. E' de esperar, entretanto, que ao menos o acaso, que tem vindo tantas vezes em auxílio da ciência, um dia antolhe a um sábio esse ângulo da patogenia.

Assim como certos micróbios (como o da paralisia infantil), que existem apesar de ainda não terem sido descobertos, a causa daquela perturbação cenestésica, daquele mal estético, deve existir, porque o seu efeito é patente. Só por ele se poderá explicar esses surtos periódicos de paranoicos, variantes de "comprachicos", tão bem descritos por Victor Hugo, no "Homem que ri".

Os "cheylas", especie de ciganos que roubavam meninos ou os compravam a pais miseráveis, por meio de injeções na espinha ou seccionando certos nervos e músculos conseguiam fabricar anões, corcundas e outros aleijões horríveis que vendiam por alto preço a reis e príncipes tarados ou imbecilizados pela orgia e os sopranos e típles com que forneciam o coro do Vaticano. Foram os precursores desses fazedores de aleijões que de tempos em tempos infestam as belas artes. Desses malandros sem escrúpulo, estriões de má sorte, que de caso pensado deformam, e dos incapazes de sentir e criar o belo, que se fizeram do bando e se locupletam á custa ou á sombra daqueles congêntos eunucos de estética que a apatia social permitiu se enquistassem em esferas onde se cuidam vanguardeiros e mentores da opinião pública.

A finalidade da arte é estesiari, isto é, despertar ou produzir o senti-

RENDEIRA CEARENSE



R. CELA, NUM CARVÃO DE LEOPOLDO CAMPOS.



DO CELA

por Almir Pinto

rer àquele Salão; e foi inscrever no grande certamen uma paisagem que ele pintara em Ardèche, em uma tela de pequenas proporções. E o mesmo Campos nos conta a sensação de sonho e a alegria quase infantil que dele se apoderaram quando viu o quadrinho de Cella no centro de uma vasta parede, à altura dos olhos, em uma das trinta e tantas salas onde se adunava a messe anual de arte.

Depois vieram os recortes dos jornais em que grandes nomes da crítica francesa punham em evidência aquele Cella, desconhecido estrangeiro, tão cheio de delicadezas de pincel, tão seguro na perspectiva e nas gamas, dentro do gris.

Logo que foi possível, Campos o levou para repousar na quieta Bruges, reguindo ambos depois para Roma, via Milão. De Roma, onde se demorou cerca de vinte dias, voltou sozinho, a Paris, pelo sul da França, dando um pulo a Madrid, atraído pela voz do sangue, para contemplar, no Museu do Prado, os grandes mestres da pintura espanhola.

De Paris veio, pouco depois, para o Rio, de passagem para o Ceará, para a sua Camocim. Seguiu o exemplo de Antêo, buscando alento na terra de que era filho.

E o encontrou.

Embora se tenha dedicado por largo tempo à engenharia, se refez para a arte, para bem do Brasil.

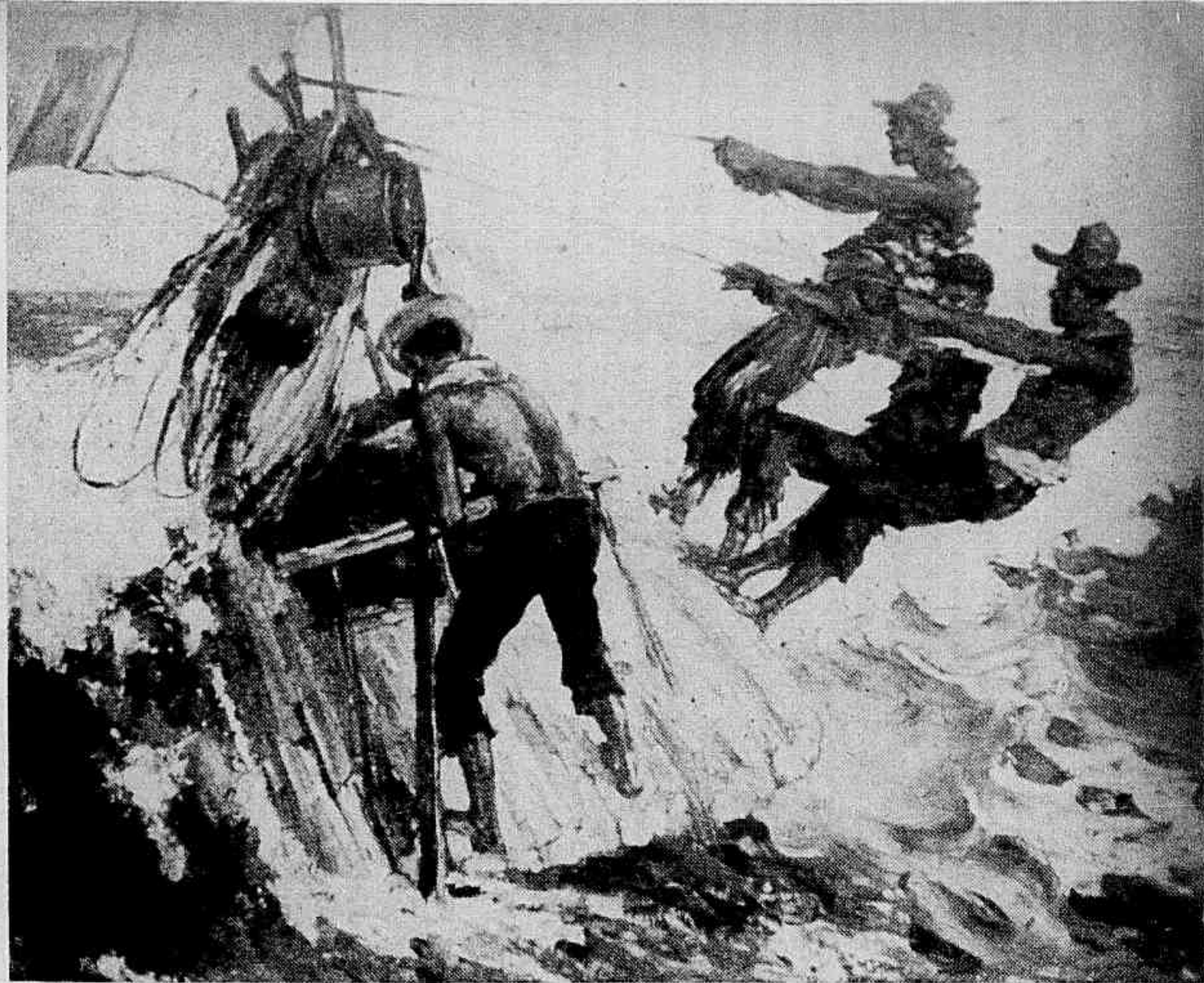
São tão poucos os grandes artistas que possuímos que sentimos uma grande, indizível alegria por ver que Cella cada vez mais se robustece, mau grado o ambiente em que vivemos. Não ocupamos os dedos todos de uma mão enumerando os artistas brasileiros que pintaram ou esculpiram, brasileiramente, brasilidades. Alguns (pintores e escultores), chegaram à ingenuidade de representar assuntos nossos com forma, atitudes e cores estranhas ao nosso meio, graças à intoxicação de estrangeirismo e à falta de cultura geral, produtoras de uma espécie de daltonismo que lhes tira o senso da realidade.

Aquele pedaço do Brasil, bem brasileiro, do nordeste para cima, se orgulha dos seus legendários jangadeiros, dignos de epopéias. Esses jangadeiros encontraram agora (e só agora), o artista capaz de os ver do mesmo nível e, com valor igual ao seu, os fixar na tela.

Raimundo Cella, depois de nos assombrar como um clarão repentino em meio de uma noite apática, nos prende a vista e o cérebro na contemplação analítica dos seus quadros. Não se sabe que mais admirar se a segurança do desenho, a técnica da perspectiva, a riqueza do colorido, o inextinguível das gamas ou a inteligência da composição, o "novo" do assunto, sacado com vara mágica, da trivialidade diuturna.

Mozart dizia que procurava esquecer todas as regras de composição, quando compunha. Mas estão todas lá nas suas geniais partituras, levadas pelo subconsciente que delas se impregnara, como a terra do humus com que produz a rosa, embora sem o deixar estampado no assetinado das pétalas, porém latente. Não de outro modo Cella, dispendo de uma cultura invejável, de toda a técnica da sua arte, "virtuoso" do desenho, mágico da cor, sem a preocupação de os por em evidência, lança-os como elementos indispensáveis das suas composições magistrais.

Nos seus jangadeiros sente-se toda a teatralidade da ação na segurança dos homens do mar afeitos ao perigo, na fúria das ondas tentando tragar aqueles poucos tóros de lenho ajuntados em prancha e levados por uma larga vela que o vento enfuna.



VENCENDO O ESCARCEU, PREMIADO NO ATUAL "SALÃO PAULISTA"

E que poesia nos transmite o seu pincel naqueles barcos e jangadas descansando no branco areal das praias batidas de sol! E' admirável o esforço destes homens empurrando a jangada para o mar, como é belo este pescador, no passo tardo sobre a areia, levando às costas os apetrechos da pesca.

E' apenas uma cabeça, este outro quadro. Mas só um pincel de mestre foi capaz de marcar debaixo deste vasto chapéu de palha de carnaúba este rosto curtido pelo sol e apergaminhado pelo vento salitrado do mar; esses olhos que o reverberó do areal ensoalheirado acostumou a se entrefecharem; esse ricto da boca e o vincado fundo das faces onde se estampa a energia nordestina.

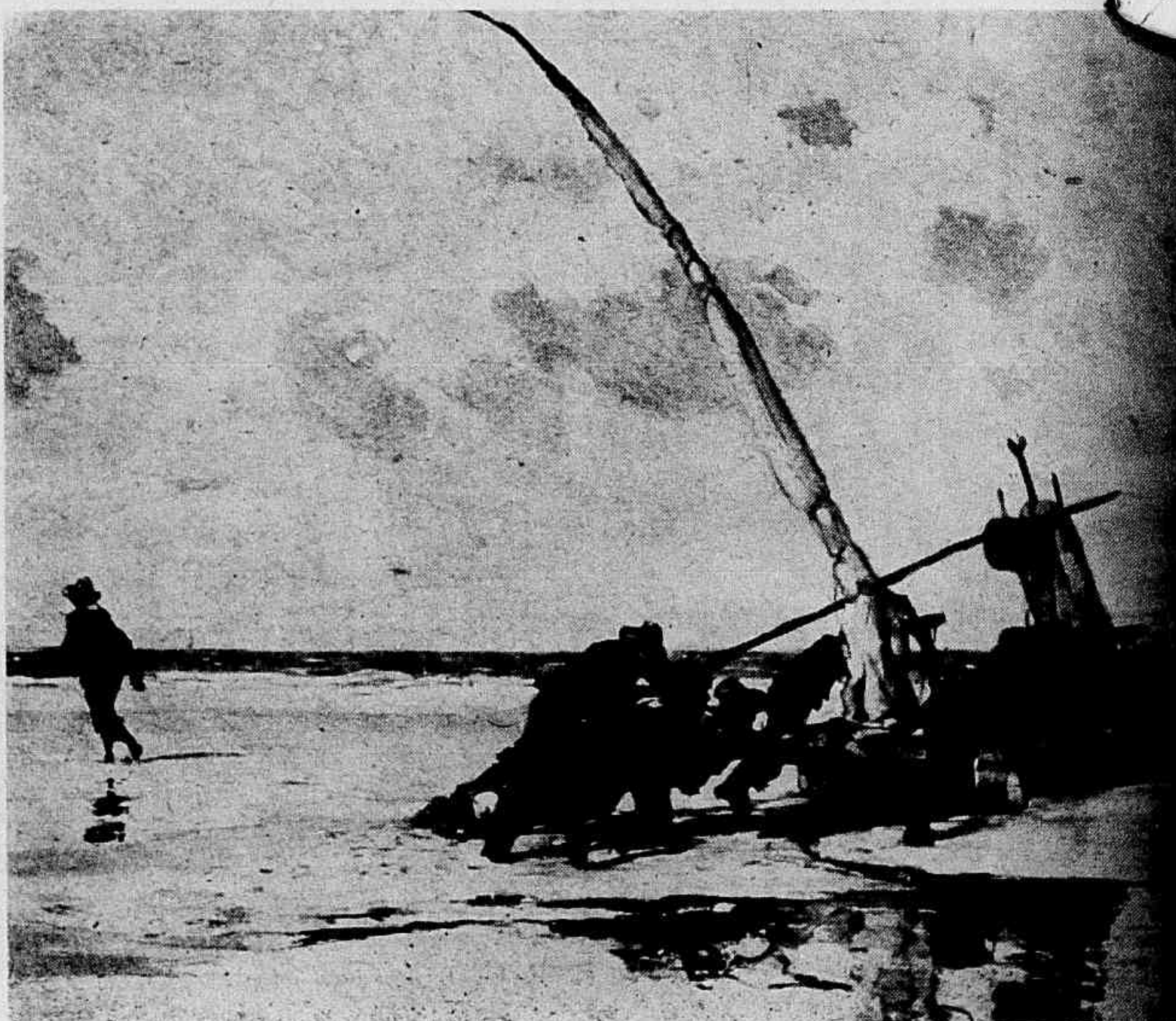
Agora é uma velha rendeira; uma dessas reencarnações de Arachne, tecendo com bilros essas admiráveis rendas que as mulheres deste vasto Brasil tanto estimam. Como que seu pincel se molhou em outras tintas, de fluidez harmoniosa de poesia, com que tocou aqueles claro-escuros.

E mais esta marinha; e mais esta cabeça de pescador; e... todas as suas telas que revelam o artista produzindo arte por amor à arte, pela necessidade intrínseca de lançar na tela, no papel ou na placa de metal do aquafortista o mundo de beleza que lhe ebolue no cérebro. E tudo isso sem alarde, sem rufos de caixa, com a serenidade quase esquiva de um santo.

Na faceta de aquafortista ele revela toda a pujança do seu talento, a sua sólida cultura teórica no justo das sombras recortadas ou esbatidas, na cambiância dos planos, quer à luz, quer à sombra; na correção da perspectiva, na fluidez da água, na postura das figuras, em tudo, enfim, que forma o ambiente, onde o ar vagueia livre pelo espaço que distancia as coisas, formando um conjunto que nos encanta os olhos e estesia a inteligência. São Paulo acaba de lhe conferir, no seu Salão de Belas Artes deste ano, uma medalha de ouro pelo seu quadro "Vencendo o escarceu"; mas o Rio, o cérebro nacional, quase esqueceu o artista recolhido ao seu Ceará. Porém Cella continua trabalhando no mesmo ritmo, provando com o seu exemplo que, assim como o solo do nordeste fica completamente despido na inclinação dos verões de fogo, e, às primeiras chuvas, revela com todo o esplendor a sua vitalidade que ficara apenas hibernada; assim, um dia, quando essa morna e densa atmosfera saturada de fatuidade mórbida e inculta se desfizer, aparecerão em verdadeira grandeza os reais talentos, felizmente não raros, que (eles sim) contribuirão para o renome e a glória do Brasil.



RUMO À JANGADA.



EMPURRANDO A JANGADA.

NOTICIÁRIO ELEGANTE

Aniversários

19 — Senhores: — Dr. Godofredo Matos; dr. José Cardoso de Melo Neto, ex-governador do Estado de São Paulo; dr. José Rodrigues Vieira; dr. José Prudente de Siqueira; escritor Rosário Fusco.

20 — Senhores: — Prof. Anes Dias, da Faculdade Nacional de Medicina; cel. Airtón Lobo; comte. Mário da Costa Furtado de Mendonça; major Herculano Antonio Pereira da Cunha; dr. Lourival Fontes, ex-diretor do D. I. P.

21 — Senhoras: — D. Marguerite Soli-Devere; d. Edite Batista Cordovil, esposa do capitão de corveta Alvaro Cordovil; Dr. Leonel Gonzaga.

22 — Senhoras: — D. Julieta Soares Costa, esposa do sr. Feliciano Costa. Senhores: — Prof. José Oiticica; cel.

Franklin Emilio Ribas; comte. Carlos Ramos.

24 — Sta. Helena de Irajá. Senhoras: Alaide Tosta de Andrade, esposa do sr. Antonio de Andrade. Senhores: — Escritor Guilherme de Almeida (da Academia Brasileira); cel. Eduardo Uchoa Cavalcanti de Albuquerque; jornalista Vanderlino Virgínio Nunes; Antonio Braga; Dario Martins Torres.

25 — Senhoras: — Eunice Vaní, esposa do sr. Fernando Vaní; d. Maria da Piedade Rodrigues, esposa do sr. Joaquim Rodrigues; d. Maria Eulália Lins de Azevedo, viúva do comte. Oscar Lins de Azevedo. Senhores: — Cal. Cristóvão Barcelos; dr. José Vieira Rezende da Silva; jornalista José Barros dos Santos; industrial Agostinho Ferreira Chaves; major Amagá Castro Menezes.

VISITANTE ILUSTRE

O sr. Rapenne, governador geral da Guiana Francesa, chegou dia 14 ao Rio, desembarcando no Aeroporto Santos Dumont.

Durante sua permanência nesta Capital s. excia. ficará como hóspede oficial do governo brasileiro.

DESEMBARGADOR MIGUEL CALMON

Alcançou invulgar brilho a solenidade que amigos e admiradores prestaram à família do desembargador Miguel Calmon du Pin e Almeida, em comemoração ao seu centenário.

Na sessão realizada no Salão Varnhagen do Instituto Histórico, presidida pelo dr. Virgílio Correia Filho, usou da palavra o dr. prof. Edgard Ismael da Silveira. Respondeu, agradecendo em nome da família, a professora Eny Calmon Pereira da Silva.

MINISTRO APOLONIO SALES

O sr. Apolonio Sales, ministro da

Agricultura, embarcou, dia 12 p.p., para Leopoldina, em Minas Gerais, afim de assistir à inauguração da 7.ª Exposição Agro-Pecuária, promovida pela Associação Rural daquele município.

Em sua companhia, seguiu o professor Mario de Oliveira, diretor geral do Departamento Nacional da Produção Animal.

As classe produtoras de Leopoldina prepararam várias solenidades em homenagem a s. excia.

NOTA DIPLOMATICA

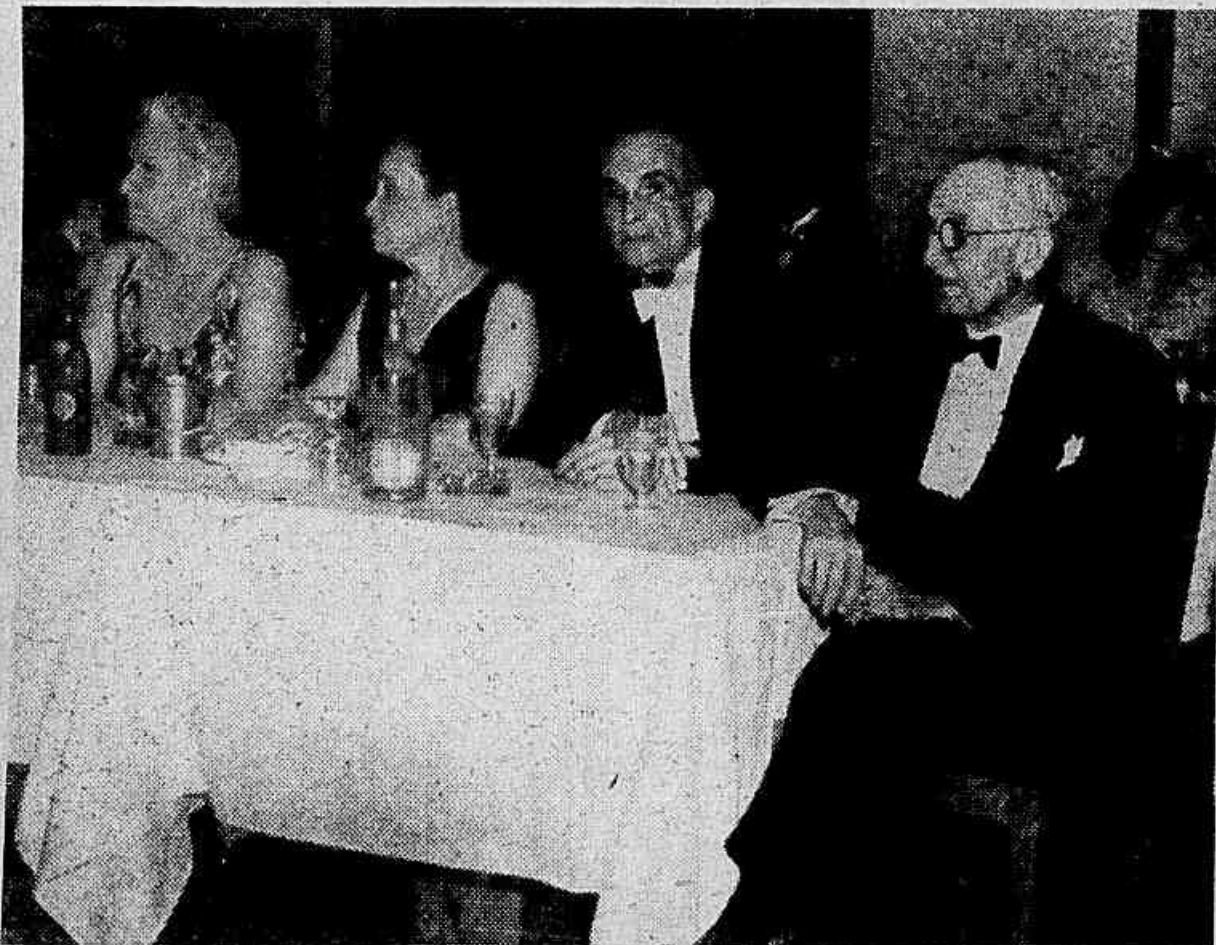
A bordo do "clipper" da Pan American Airways, seguiu, dia 12 p.p., para Natal, donde prosseguirá para Teheran, o ministro Joaquim Eulálio do Nascimento Silva, indo em sua companhia o sr. João Carvalho de Moraes, que vai exercer o cargo de primeiro secretário da nossa Legação na Pérsia. O ministro Joaquim Eulálio será o primeiro representante do Brasil em Teheran, onde instalará a sede da nossa Missão Diplomática.



HOMENAGEM DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS AO JORNALISTA CELSO KELLY

Transcorreu no dia 5 do corrente a data natalícia do nosso presado conrado Dr. Celso Kelly, jornalista, pintor, crítico de arte, professor, advogado e um dos dirigentes da Associação dos Artistas Brasileiros, entidade que lhe deve muito do prestígio que tem conseguido alcançar nos meios artísticos do país. Jus a foi pois a homenagem prestada pelos componentes daquele cenáculo ao brilhante jornalista, ao ensejo da passagem de seu aniversário. Esta manifestação de simpatia e amizade reuniu nos salões do Palace Hotel, num «cock-tail» comemorativo, além dos associados daquela instituição cultural, grande numero de amigos e admiradores do ilustre aniversariante.

Nas fotos que aqui reproduzimos, vêem-se dois flagrantes do «cock-tail» oferecido a Celso Kelly, aparecendo o homenageado assinalado pela cruz.



Como vem acontecendo todos os anos, realizou-se no dia 5 p. p. nos amplos salões do Clube Ginástico Português o baile de aniversário do A. A. B. B., tão ansiosamente aguardado pela sociedade carioca. As duas fotos apanhadas pela nossa objetiva, mostram estes aspectos da tradicional festa da crônica mundana, que transcorreu com rara [beleza e brilhantismo invulgar.

O JOCKEY CLUB MUNDANO

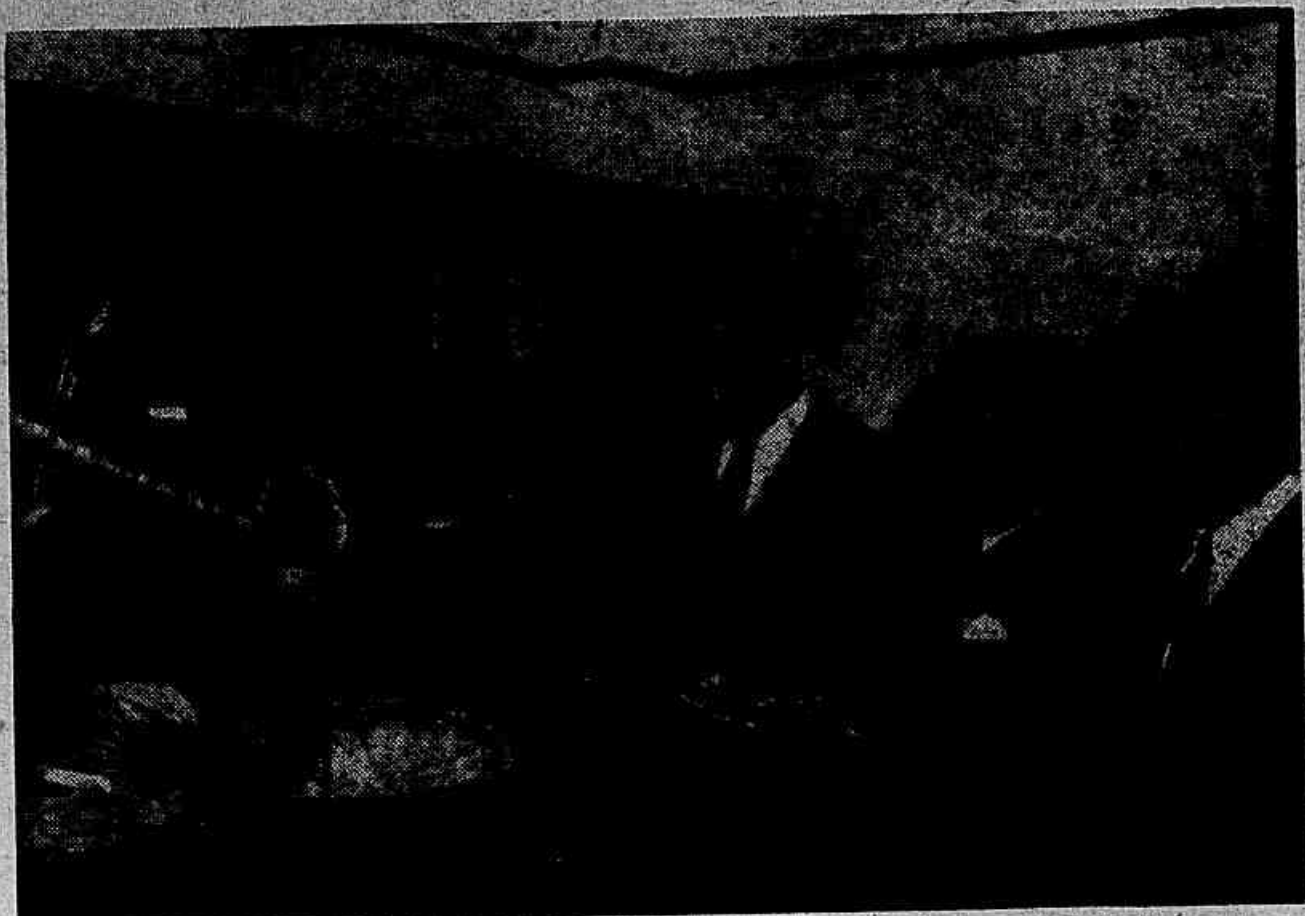


O movimento da casa de "poules", o valor dos páreos em si, a distinção do ambiente, tudo faz com que o Hipódromo da Gávea seja o ponto para onde converge todos os domingos, a fina flôr da sociedade carioca.

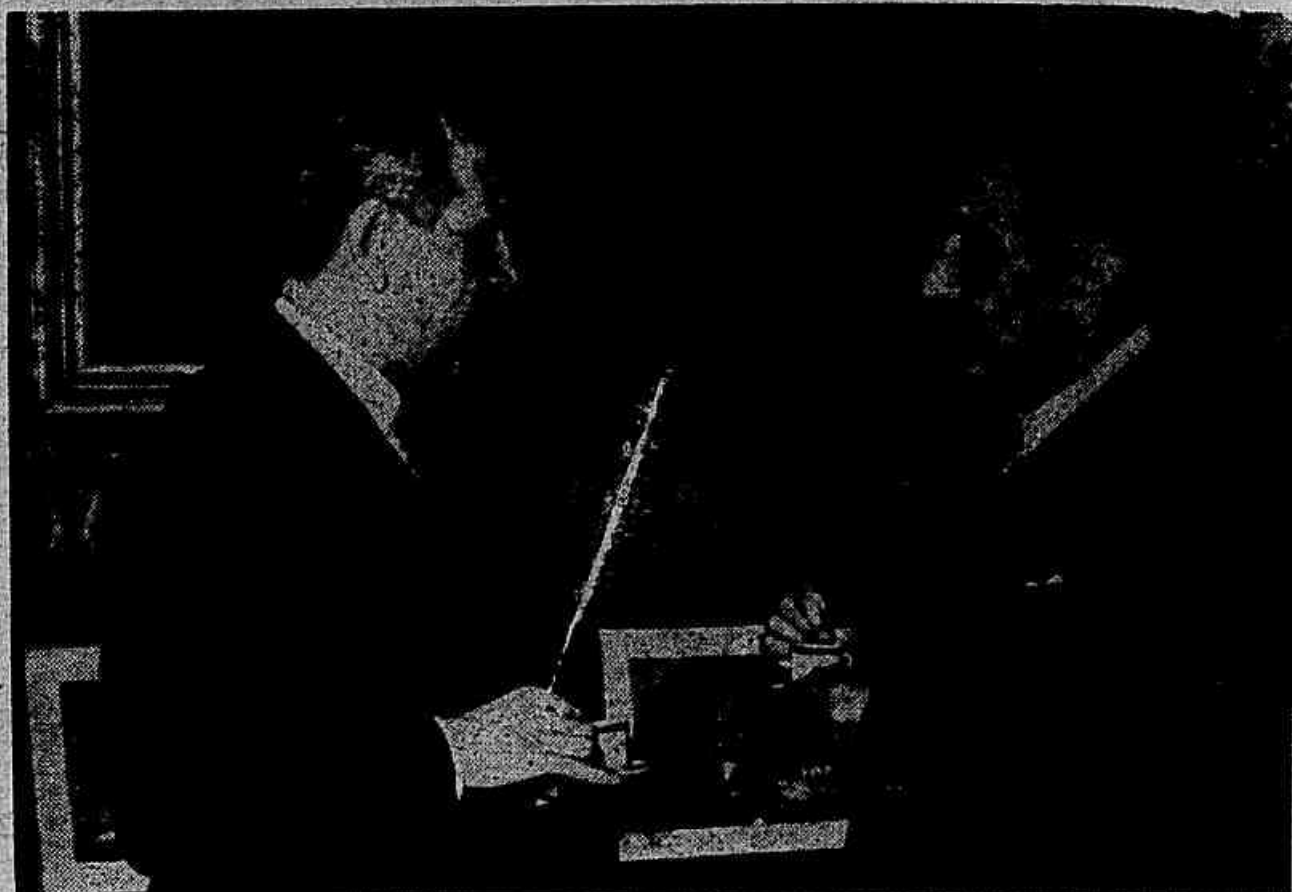
Prossegue assim, com brilhantismo sempre crescente, a emporada oficial do "turf" do Jockey Club Brasileiro.

Do brilhantismo alcançado pelo "meeting" de domingo último, são provas insofismáveis as fotos que aqui reproduzimos.

FIGURAS E FATOS



O Coordenador da Mobilização Econômica visita o Serviço Nacional de Proteção aos Índios. Vêem-se no flagrante o Ministro João Alberto examinando alguns objetos do precioso museu etnológico, em companhia do General Rondon e do Coronel Vanique.



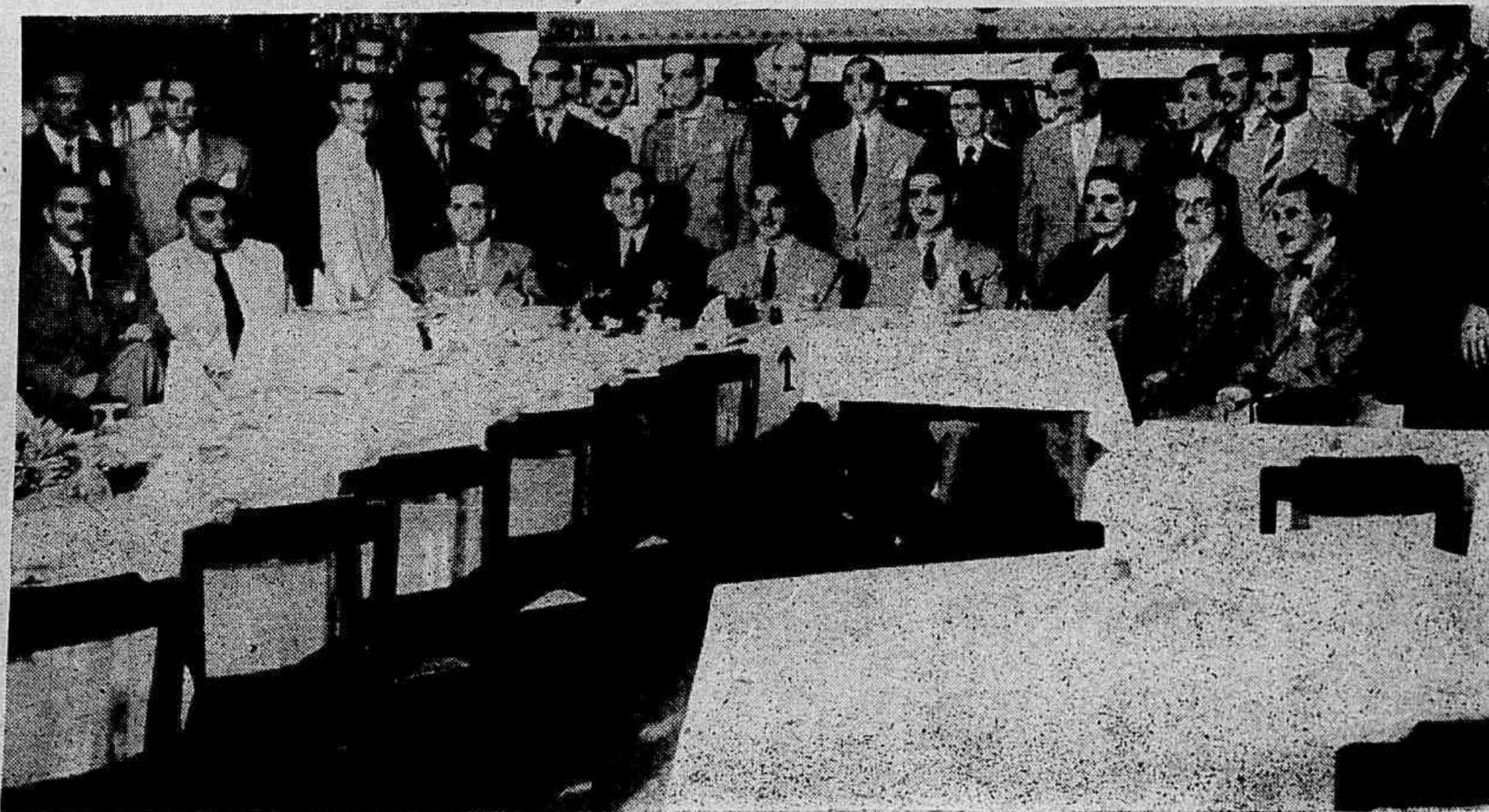
O Ministro Oswaldo Aranha palestra com o Sr. Tomas Manuel Elio, Ministro das Relações Exteriores da Bolívia.



Grupo colhido no Aeroporto Santos Dumont momentos antes do embarque da legação Jornalística Brasileira que, a convite do National Press, Club Washington, seguiu para os Estados Unidos pelo "Clipper" da Oan American Airways.



O CORONEL OTTO FEIO, interventor da Stahlunion Ltda., recebeu, no dia do seu aniversário natalício, uma carinhosa homenagem dos seus amigos e admiradores, mostrando a gravura acima o dr. Astolpho Serra, quando, em nome dos presentes, fazia entrega de uma lembrança ao coronel Otto.



HOMENAGEADO O DR. JOSE' TIEGHI

Foi motivo de júbilo geral a homenagem prestada ao conhecido clínico Dr. José Tieghi, por motivo da passagem de sua data natalícia, por um grupo de seus amigos e admiradores, que se reuniram em um cordial jantar para festejar a figura do homenageado. Vários oradores se fizeram ouvir por ocasião do brinde ao Dr. José Tieghi. A espontaneidade reinante no ambiente festivo assegurou, de maneira eloquente, a razão de ser daquele "tête-à-tête". Estiveram presentes ao jantar os Srs. Dr. Moisés Benoliel, Dr. Lauro Studart, Dr. Luiz Gallotti, Dr. Targinio de Barros, Dr. José Koury, Dr. Bivar Camara, Dr. Odmur Tavares, Dr. Celio Heredia, Dr. Carneiro Lacerda, Dr. Medeiros Chaves, Dr. Arsenio Meira Filho, Dr. Evaristo Soares Filho, Dr. Carlos de Campos, Dr. Rubens Berligeiro, Dr. Jayme Abelha, Ivan Meirelles, Dario Ceres, Fonseca Ceres, Antonio Mauro, Joaquim Malhadinho, Francisco Joaquim da Silva, Antonio Abuzaid, Valentino Motta, Miguel Koury, Venancio Tarabini, Wilson Koury, Hugo Manson, José Ferreira, Plinio Corrêa e Severino Bezerra.

A foto ao lado é um flagrante daquela reunião.

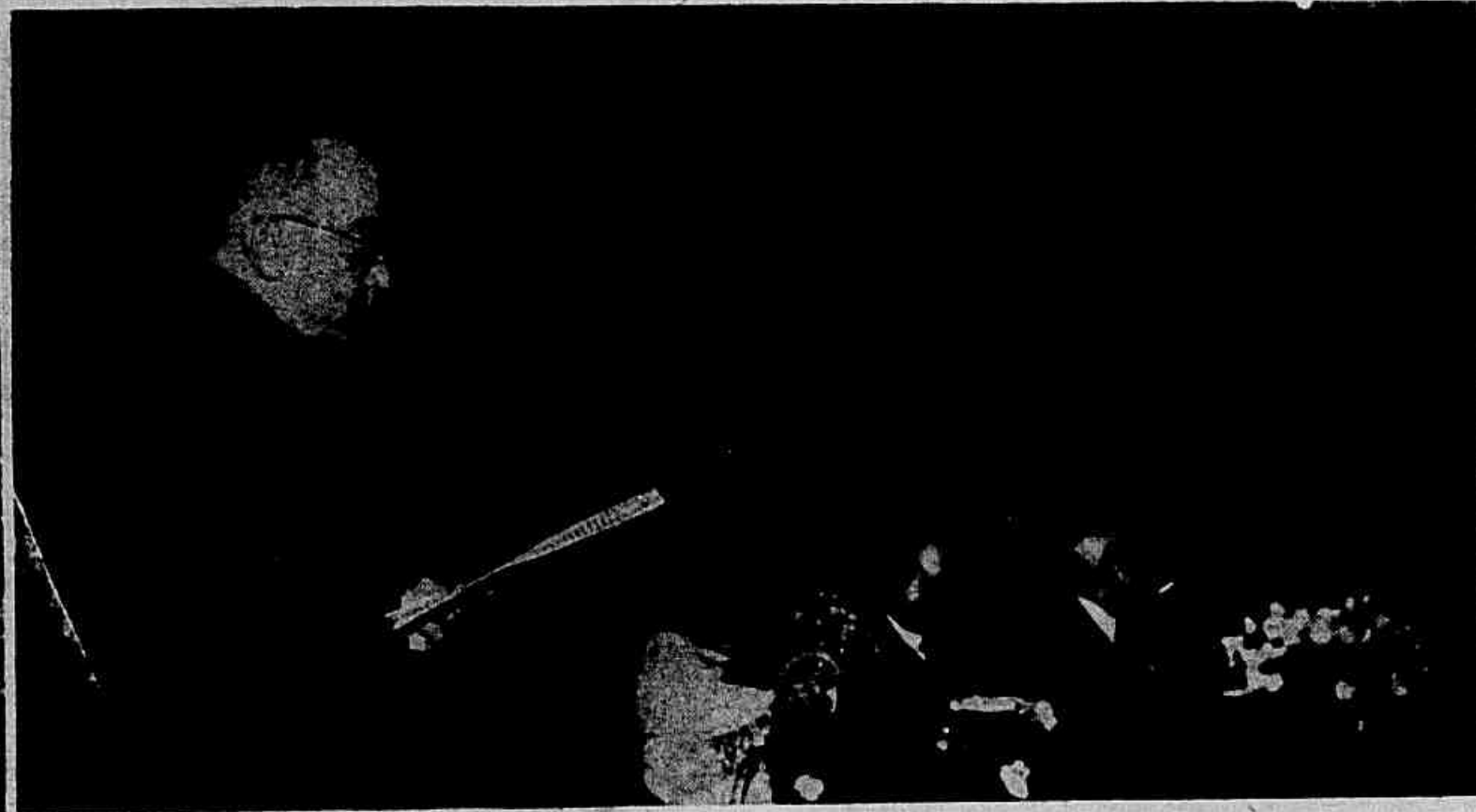


HOMENAGEM AO SR. LOURIVAL FONTES — Realizou-se no dia 3 do corrente, conforme estava anunciado, o almoço oferecido ao Sr. Lourival Fontes que embarcará, dentro de poucos dias, para assumir, no Canadá, o alto cargo de representante do Brasil na Repartição Internacional do Trabalho, em Montreal.

A despedida dos seus amigos não podia ser mais afetuosa, nem mais brilhante. No amplo salão de banquetes do Jockey Clube reuniram-se, cercado o homenageado, as mais altas figuras do governo e da administração pública e as mais representativas da sociedade carioca. Ministros, diplomatas, representantes de países estrangeiros, jornalistas, escritores, industriais, comerciantes e simples amigos do Sr. Lourival Fontes afluíram ao local da homenagem para apresentar-lhe pessoalmente, numa grande demonstração pública de afeto e de admiração, as suas despedidas, a ponto de, ao compôr-se as seis longas mesas do almoço, verificar-se que ficariam de pé várias dezenas de pessoas. Cerca de 13 horas realizava-se o almoço, tomando assento na mesa principal, além do homenageado e do ministro Marcondes Filho, que o saudaria e o ministro Jean Desy, que ergueria o brinde de honra ao presidente Getúlio Vargas, vários ministros de Estado, embaixadores e representantes de países amigos, o secretário e o chefe do Gabinete Militar da Presidência da República. Ao "champagne", falou o ministro Marcondes Filho, saudando o Sr. Lourival Fontes e apresentando-lhe as despedidas dos seus amigos presentes. Respondeu o homenageado com um brilhante discurso de agradecimento.

Por fim, falou o Sr. Jean Desy, ministro do Canadá, que, em português, levantou o brinde de honra ao presidente da República.

As gravuras representam flagrantes desse almoço.

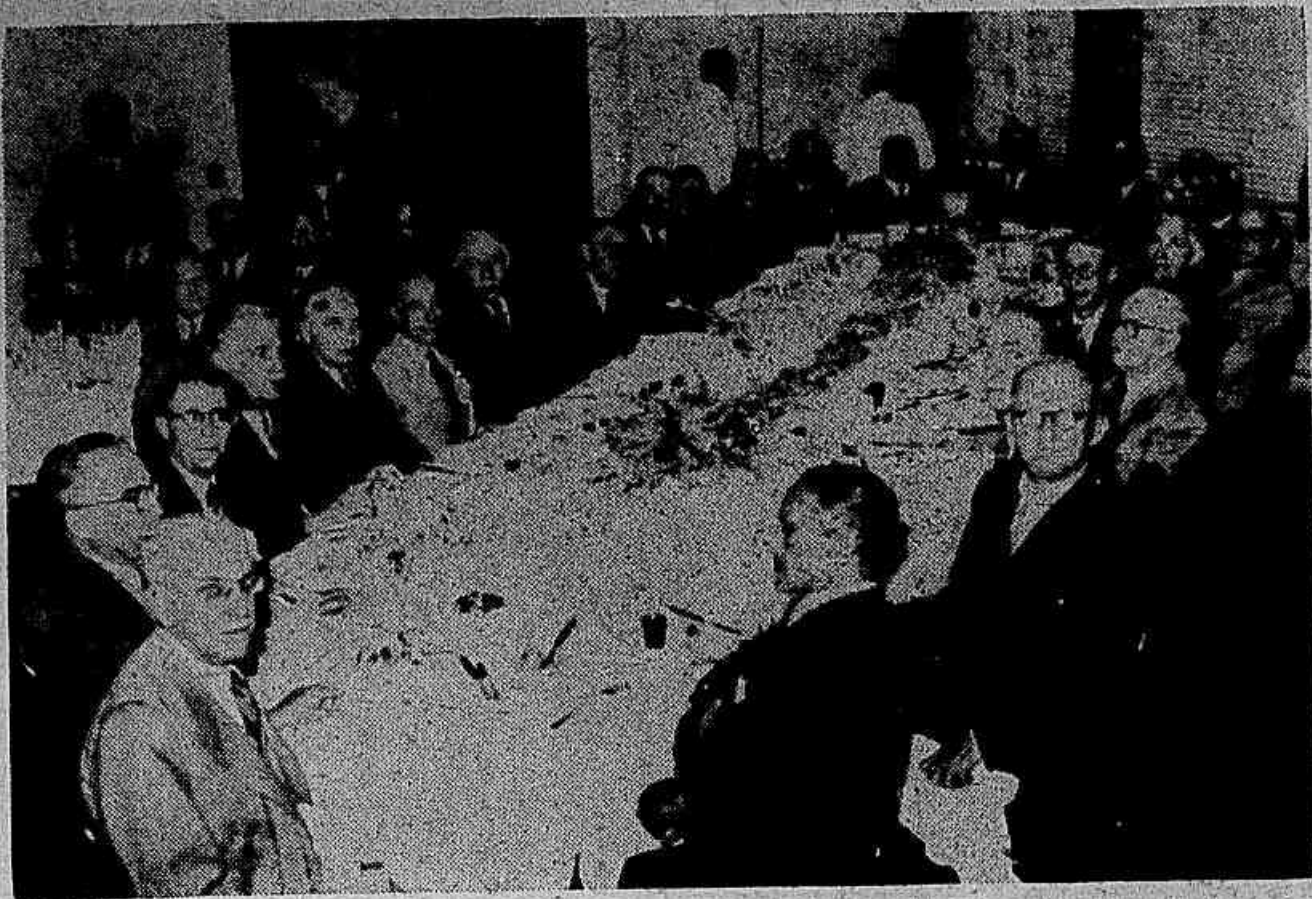


Realizou-se à semana passada, no Instituto Nacional de Musica, uma expressiva solenidade *in memoriam* do poeta Paulo Silva Araujo, do famoso grupo dos simbolistas brasileiros, a que pertenceram Castro Meneses, Gonzaga Duque, Emiliano Pernet e outros. Nas fotos vemos alguns aspectos da solenidade que constou de uma conferencia do dr. Carlos Silva Araujo e de números de canto e declamação.



O Instituto Brasileiro de Cultura homenageou Madeleine Rosay, primeira bailarina do Municipal, por sua brilhante interpretação nessa temporada. Assim o salão do Liceu Literário Português reuniu as figuras mais representativas dos nossos círculos intelectuais e artísticos. A REVISTA DA SEMANA também compareceu, obtendo dois aspectos dessa reunião: no primeiro, Madeleine Rosay agradece a manifestação de que foi alvo. O segundo mostra parte da assistência.

DE SÃO PAULO



Almoço oferecido ao dr. Cesar Lacerda de Vergueiro, pelos seus amigos e admiradores por motivo de seu aniversário natalício.



Almoço de Beneficencia organizado pela Liga das Senhoras Catolicas, para o o Berçário Dom Duarte.



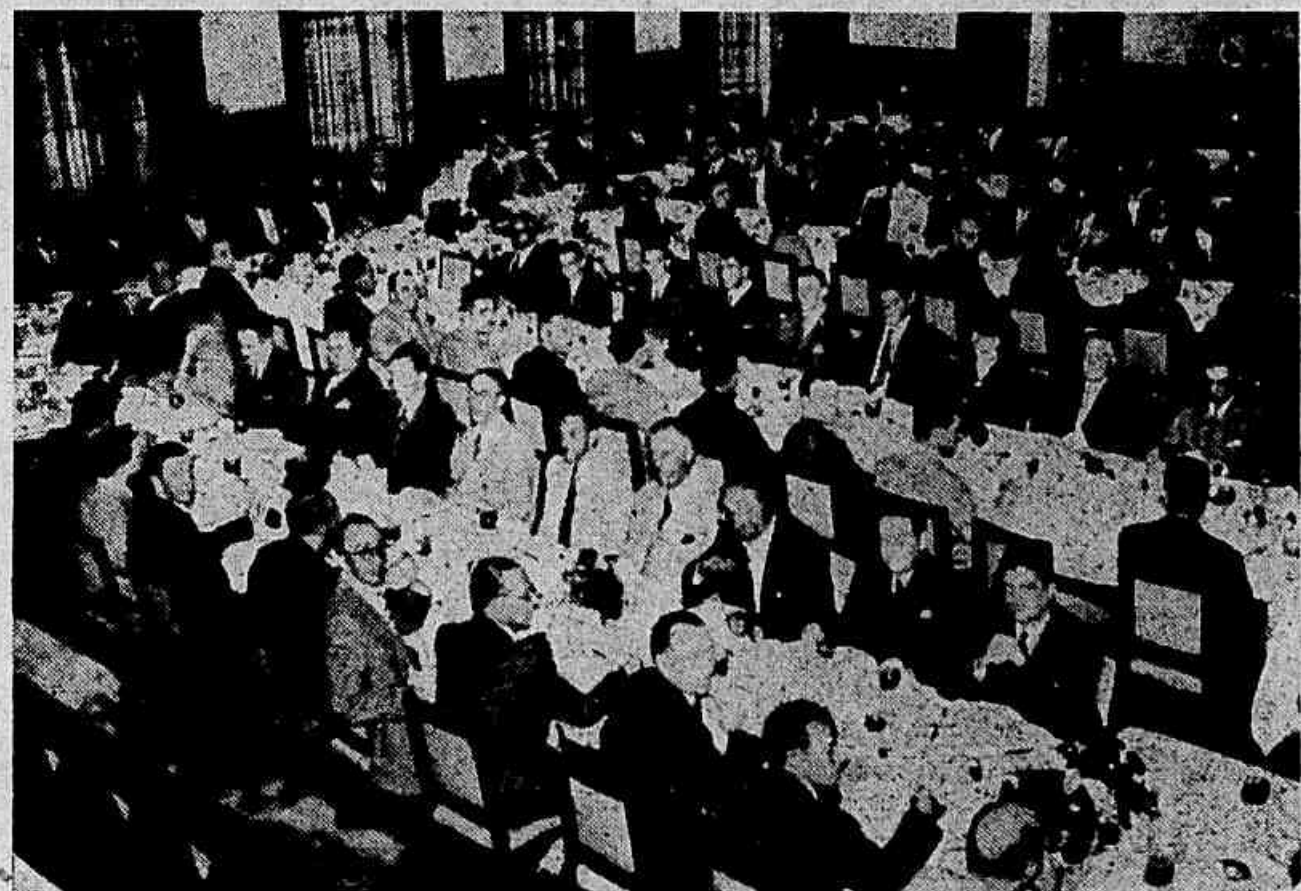
Cocktail à imprensa oferecido pela Liga das Senhoras Catolicas, vendo-se à frente uma das diretoras, senhora Mendes Vieira Souza.



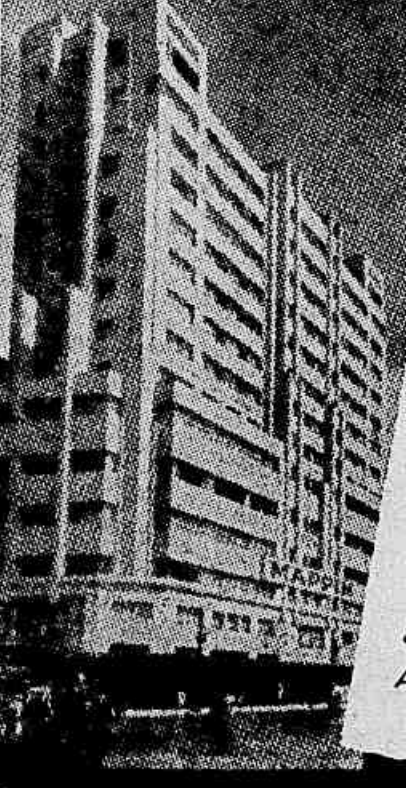
O dr. Casper Libero, diretor da "Gazeta", agradecendo a homenagem que lhe foi prestada, por motivo de sua viagem aos Estados Unidos, na caravana de jornalistas brasileiros.



NO PALACIO DOS CAMPOS ELYSEOS — Um dos colegas do Liceu Coração de Jesus, saudando o Interventor Fernando Costa.



Constituiu um acontecimento de grande relevo social, o banquete levado a efeito, nos salões do Automovel Clube, em homenagem ao coronel Leônidas Cardoso e oferecido pelos seus amigos e admiradores, por motivo de importante missão que lhe foi confiada pelo governo federal, no Ministério da Guerra. Compareceram a essa festa de cordialidade as figuras mais expressivas da sociedade paulistana, representantes do Governo do Estado, altas autoridades e jornalistas. Associaram-se à homenagem, por telegrama, os srs. ministro da Guerra, ministro da Aeronáutica e o sr. chefe de Polícia do Distrito Federal. O nosso clichê fixa um aspecto do banquete oferecido ao ilustre militar.



Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succadora da MAPPIN STORES D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

Esta é

Louise Allbitton, a elegantíssima da "Universal" que oferece lindas sugestões para você.



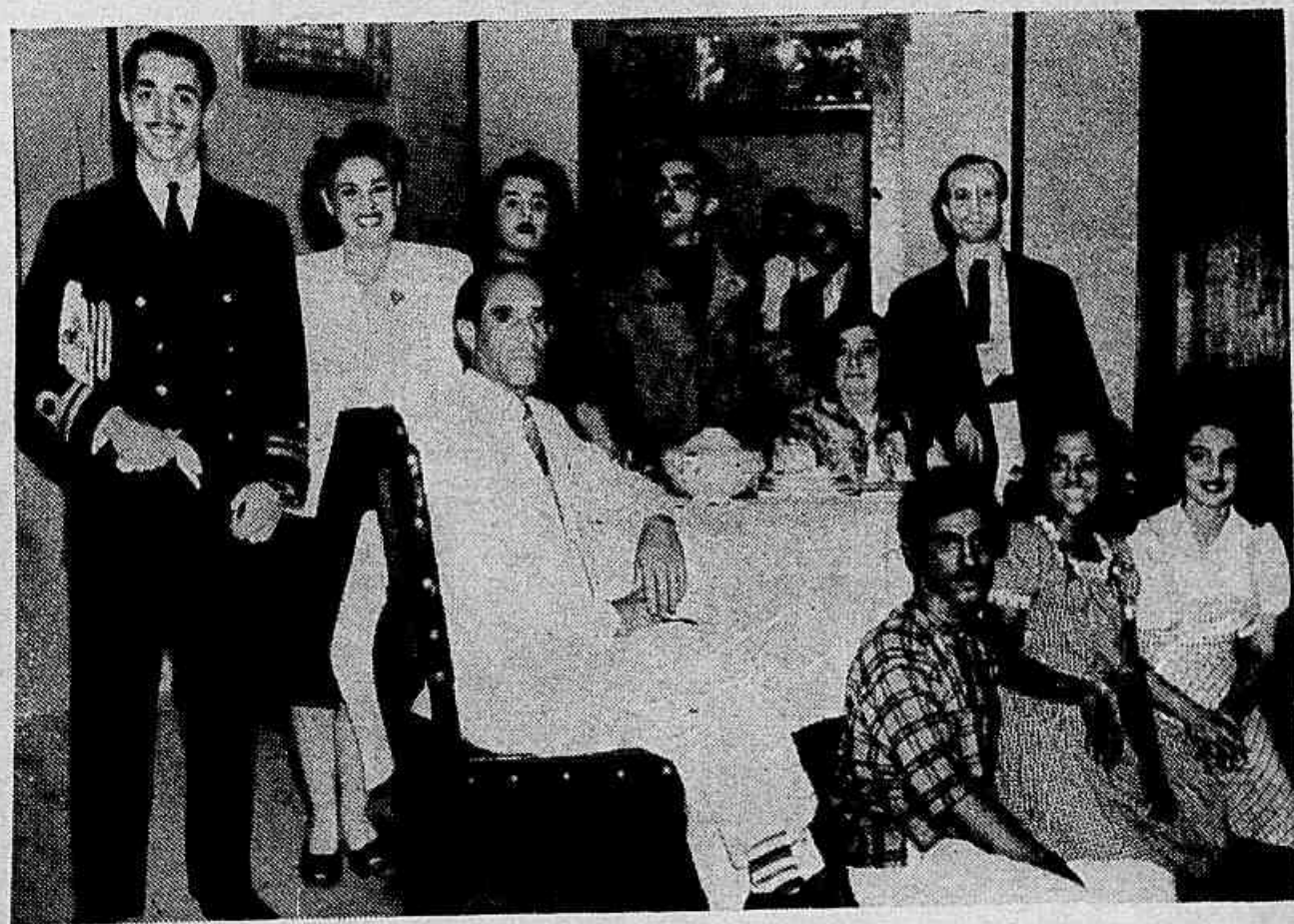
RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

O 27.º Aniversário do Instituto La-



DO ALTO PARA BAIXO E DA ESQUERDA PARA A DIREITA — O professor La-Fayette Côrtes, diretor geral do Instituto La-Fayette, e senhora, d. Alzira Lopes Côrtes, diretora do Departamento Feminino, assistem à missa em ação de graças que os membros católicos do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia e da administração, professores e amigos, mandaram celebrar na matriz do Engenho Velho, no dia 5 do corrente mês, 27.º aniversário da fundação do Instituto La-Fayette e também aniversário natalício

do conhecido educador. — Aspecto parcial da assistência à solenidade religiosa. — A aluna Maria Lia, da Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette, saudando, após a missa, a senhora La-Fayette Côrtes, a quem ofereceu uma braçada de flores. — Grupo colhido num dos salões da matriz do Engenho Velho, onde o casal de educadores recebeu cumprimentos. Falaram nessa ocasião o professor La-Fayette Côrtes e monsenhor MacDowel.



Grupo de alunos e ex-alunos que representaram FLORES DE SOMBRA nas festas comemorativas do 27.º aniversário do Instituto La-Fayette, notando-se entre eles a amadora sra. Esther Gonçalves Maia e o ensaiador Abílio Machado.

No auditorium do Instituto La-Fayette, a assistência à representação de FLORES DE SOMBRA, levada à cena no dia 5 deste mês, destacando-se a representação oficial, inclusive a das autoridades do ensino, professores, amigos e pessoas gradas.



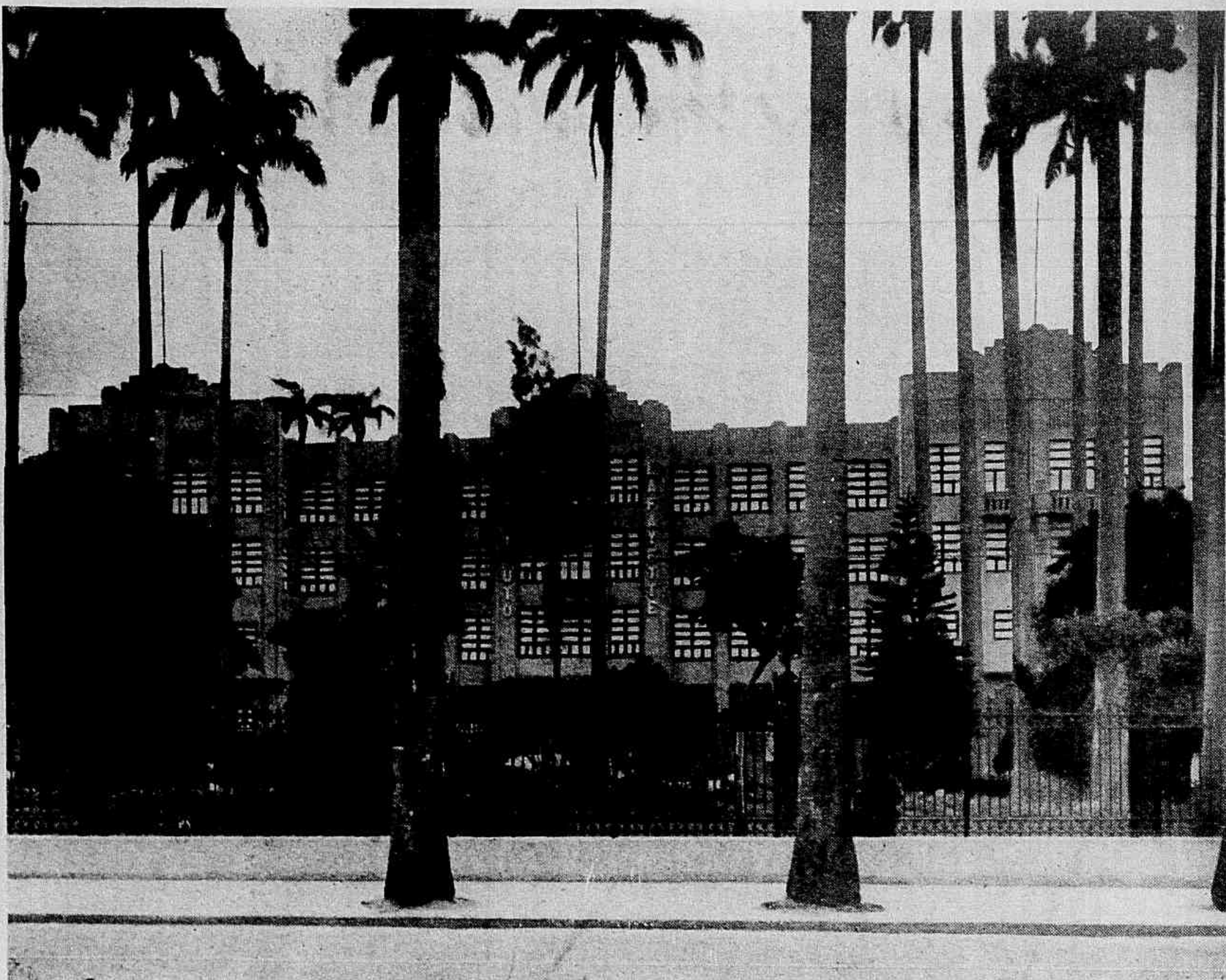
Fayette

As festividades que abri-
lhantaram o acontecimento,
de tanta significação para os
nossos meios educacionais.

DESDE os velhos tempos, do império que o ensino, no Brasil, apesar do pessimismo de muitos, vai avançando sempre para novos horizontes. Muitos foram os varões de valor marcante que iniciaram os estudos nos velhos colégios brasileiros, notadamente no Caraça, no Pedro II e no Abílio. Proclamada a República, logo após os primeiros momentos de perturbação, com a ordem geral veio o refflorir do ensino, tendo grande realce na pedagogia brasileira, dentre outros, o Colégio Militar.

Em 1916, abriram-se as portas do Instituto La-Fayette, no edifício da rua Haddock Lobo, 419. Nasceu sob bom signo esse educandário, pois, com o correr dos anos, tornou-se um estabelecimento modelo, onde, ao lado do ensino primário e secundário, funcionavam cursos técnicos, para o preparo de homens que se destinassem ao comércio e à indústria. Sua direção sentiu que se aproximava a época atual de tendências tecnocráticas e cuidou de realizar algo de mais completo para a educação da mocidade brasileira. Com as do Instituto La-Fayette, surgiram outras escolas técnicas e as mais antigas, como a Academia de Comércio, continuavam, com as novas, o trabalho necessário de dar ao Brasil homens aptos a enfrentar uma era nitidamente industrial.

O Instituto La-Fayette, que procurou sempre aprimorar o ensino técnico e elevar a grau bem alto de eficiência o ensino primário e o secundário, compõe-se presentemente de quatro departamentos: o Colégio Masculino, o Colégio Feminino, o Ginásio Misto e a Secção Preliminar, especializada esta em jardim da infância e



Fachada principal do edifício onde funciona a Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette.

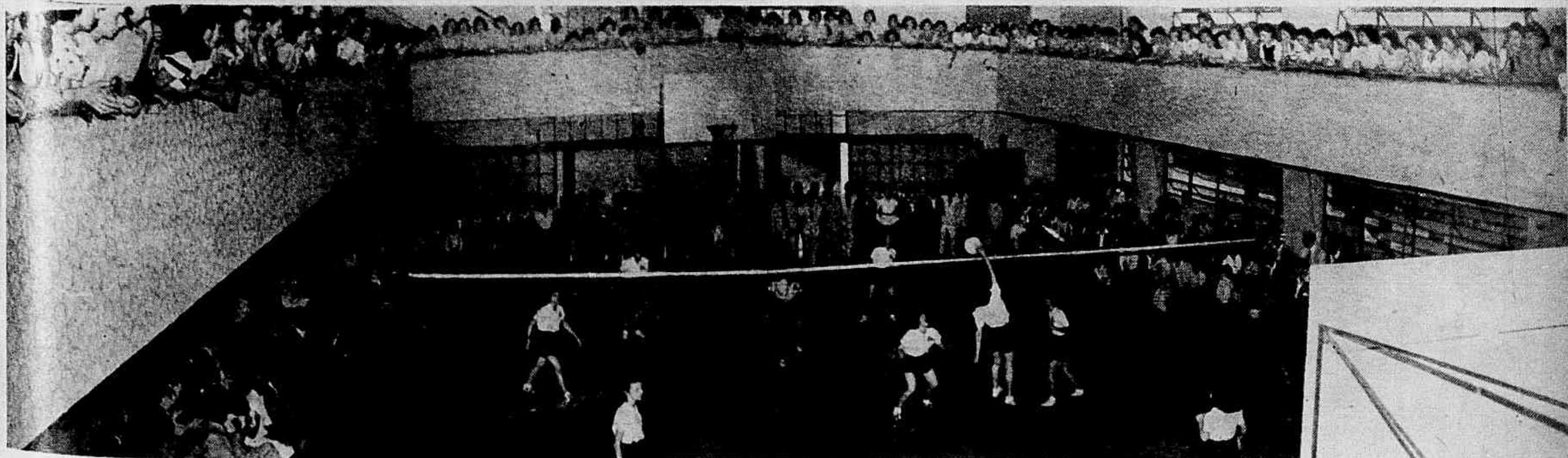
curso primário; além dos cursos primário, secundário e técnicos de comércio, é ministrado atualmente o ensino superior na Faculdade de Filosofia, já com grande frequência e perfeita ordem de trabalho.

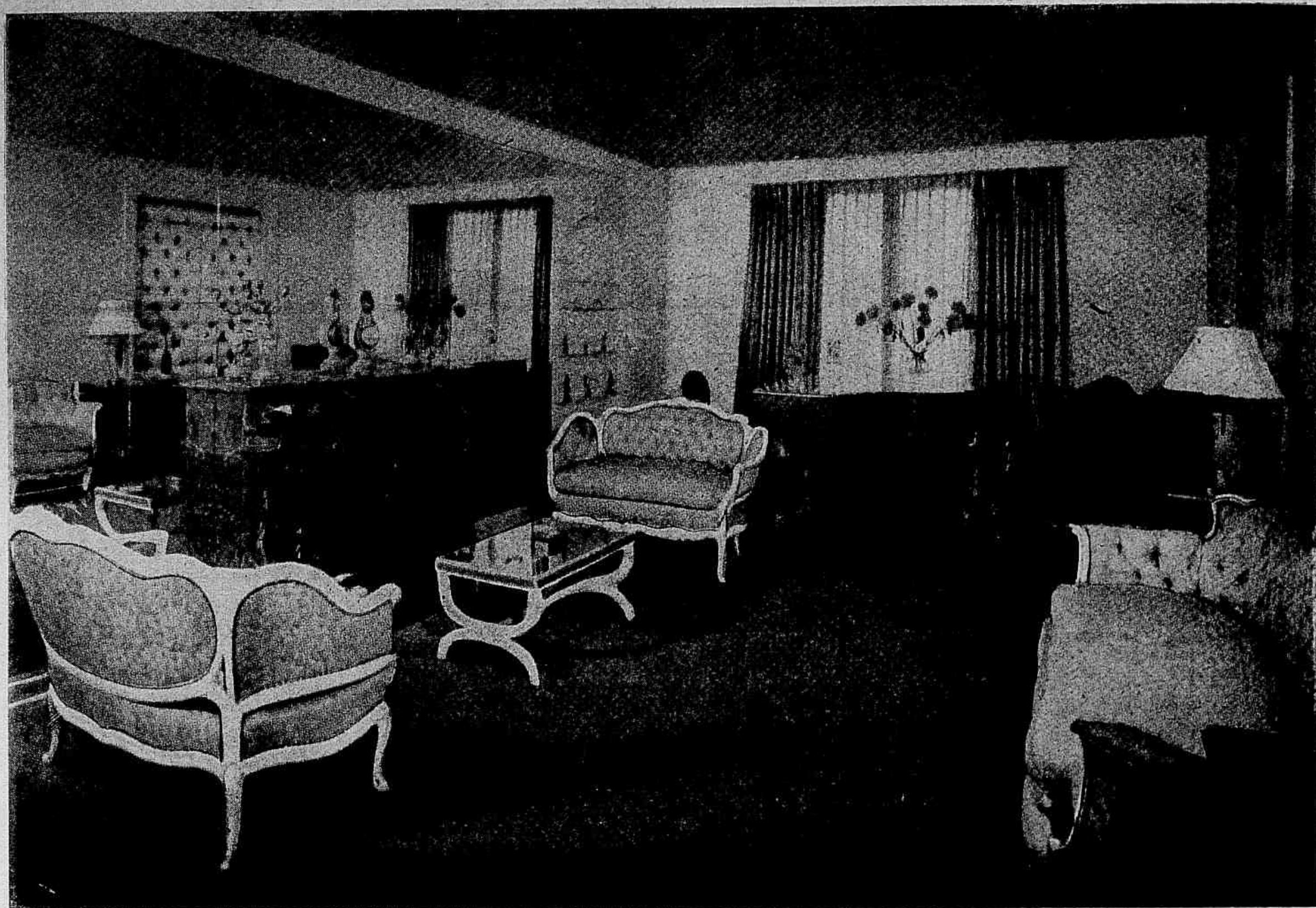
Cada departamento do Instituto La-Fayette funciona em edifício distinto, sendo que o da rua Haddock Lobo 253 é recém-construído, em estilo largo e imponente. Neste edifício, que foi inaugurado pelo Presidente da República, funciona também a Faculdade de Filosofia.

O professor La-Fayette Côrtes é o fundador dessa grande obra educativa, que neste mês comemorou o 27.º aniversário da sua fundação. A orientação educacional do Instituto fez levar à cena a comédia de Claudio de Souza *Flores de Sombra*, nos dias 4, 5, 6, 8, e 9. No dia 5, por ser também aniversário do professor La-Fayette Côrtes, membros católicos do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia, apoiados por professores e membros da administração, mandaram rezar missa em ação de graças, na matriz do Engenho Velho. À tarde desse dia realizaram-se várias competições esportivas no ginásio do Departamento Feminino, sendo disputadas diversas provas presenciadas por numerosa assistência.

Estas páginas registram as festividades comemorativas desse acontecimento social de dupla significação e grande relêvo, o 27.º aniversário do Instituto La-Fayette e o aniversário natalício do seu fundador, o professor La-Fayette Côrtes, ocorridos no dia 5 do mês em curso.

Assistindo aos jogos realizados no dia 5, o professor La-Fayette Côrtes se coloca entre os netos Mariza e Mario La-Fayette, crianças vivas e interessadas nos torneios daquela tarde festiva de 5 de Junho, realizados no recinto do ginásio de educação física do Departamento Feminino, onde a assistência enchia as poltronas e galerias, acompanhando o desenrolar da competição e incentivando os disputantes dos prêmios esportivos.





"LIVING-ROOM"

A impressão mais duradoura que deixa uma residência no espírito de quem a visita, é sempre a causada pelo "living-room", onde naturalmente o visitante passou a maior parte do tempo.

E' natural portanto que mais cuidado se tenha na ornamentação deste recanto do lar, entregando-a á pericia de um decorador experimentado e consciente, capaz de preparar um ambiente propicio a um descanso prolongado ou a uma palestra agradável.

Aqui apresentamos um exemplo de "living-room" modelo, que tanto encanta pelo luxo de seus móveis, como pela arte com que foi decorado.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

JULICA

Por MARGIT ALBERT — Ilustração de GOULART

ERA uma hora da tarde. Na Estação, suja de fuligem, havia tropas para embarcar com destino à fronteira. A população da localidade levou-lhes flores para enfeitar os uniformes e os vagões. Samaritanas, vestidas de branco, distribuíam cigarros e chocolates. Todos sorriam, mas, só por hábito, por obrigação, e não com aquele entusiasmo dos primeiros tempos, quando os recrutas atiravam chapéus ao ar e se exaltavam com fogosas canções de guerra. Mas, quando estes mesmos rapazes, robustos e alegres, voltavam da linha de fogo, mutilados, tendo nos olhos o pavor do inferno, o povo arrefeceu. Percebeu que a guerra é uma aventura séria, acompanha-a a desgraça, a fome, o luto. Estava já no seu quarto ano. Os soldados, cansados, queriam voltar ao lar, ao trabalho. O povo rezava pela paz.

Agudamente soou o sinal de partida. Mais uma recomendação, mais um abraço e os rapazes apressaram-se a ocupar as janelas dos seus alojamentos. Receberam ordem para que cantassem e, quando o trem se pôs em movimento, acenaram com os quepis enflorados, cantando, enquanto o comboio engolia a estrada...

Julica sentiu ainda nas faces os últimos beijos dele, que lhe enxugavam as lágrimas. U'LTIMOS? Assustava-se da palavra! Até agora não deixara vir à tona seu pavor, mas um pensamento recôndito a está seguindo, e cerra os ouvidos a qualquer outro som. Repete incessante: "foi-se, foi-se, para sempre..."

Não distinguiu mais nada. Dentro de seu olhar fixo havia um vácuo doloroso, nem ouvia a voz preocupada de sua mãe, nem de suas amigas. Pediu que a deixassem só. Desnorteada, procurou a porta de saída da plataforma...

— 'A cascata! — ordenou ao cocheiro em voz baixa. Os cavalos começaram a trotar. Ela se refugiou num canto do carro. Ouviu, absortamente, a melodia de Grieg: *Morte de Ase* da Peer Gynt. Não levantou a cabeça. Lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

A carruagem atravessou a cidade, onde todo o mundo conhecia Julica. Era a moça mais interessante, chamavam-na de "menina de raça" e, agora, sendo casada, há três meses, é a "pequena excelência".

Como todos são bons para comigo, pensou, mas não quero consolos e não quero chorar!

Já deixavam atrás as últimas casas, e aproximavam-se das grandes plantações de beterraba. Sentiu o cheiro da terra, aquilo que desde os tempos remotos estremece a alma dos que estão ligados à gleba. Fez parar o carro e colheu rapidamente algumas flores silvestres. Subiu de novo e continuou a marcha. Quanta beleza modesta, luz e quietude se expandiam neste silêncio! Uma brisa tênue acariciou as folhas largas das beterrabas. Um pintaroxo, levantou vôo, plainando sobre elas. Julica sentiu o coração pulsar: "Pobre pássaro! Terás ainda a quem amar? Por quem te preocupas? Ou homens crueis já roubaram os teus entes queridos?... Ontem, neste mesmo caminho, ele estava comigo. Senti o seu corpo a meu lado. Agora está longe... muito longe... leva-o o trem... Talvez acenda um cigarro e comece a escrever a novela que lhe veio à idéia ontem, quando contemplávamos a cascata. Seus olhos profundos, sua voz sonora espelhavam o que sentia. Porque, dizem que ele é feio? É o mais lindo do mundo inteiro! Que maravilha pertencer a quem possui uma alma assim! Nós fomos feitos um para o outro. Extremamente românticos no amor, — noutro sentido iguais aos outros — mas, meu Deus, e no amor?... Pensamos que somos diferentes dos outros, porém todos os amorosos creem nisso mesmo. Isto dizem os *estragos*! Nosso amor é sagrado, é único, e abrange todo o sentimento do mundo. Não o queremos profanar, ninguém nos viu manifestá-lo, não damos espetáculos, nem para quem nos quer bem.

As lembranças voltavam-lhe em turbilhão.

Pela frialdade da temperatura, sentiu que entravam na floresta. Em cima da carruagem, entrelaçavam-se as árvores frondosas, deixando só estreita passagem para se enfiar alguns raios de sol. Uma doce tristeza a envolveu.

Como ontem, hoje ouviu também o zumbido das abelhas, e, vindo de mais longe, o barulho da cascata. Julica, sobraçando as flores colhidas, desceu, e desapareceu entre os arbustos. O ruído da água era mais intenso quando alcançou a ponte de madeira. Debruçou-se no balaustre. Emitiu um longo suspiro. Olhou em volta, antes que se entregasse ao pranto. Não viu ninguém. Podia chorar.

Em frente, majestosamente despejava-se a cascata. Ruidosa, exuberante, como se lhe pertencesse o mundo. Depois, mais calma, avançava na direção da ponte. Dissolviam-se as espumas brancas, e, cessado o rumor furioso, repousava em paz numa bacia larga, natural. Nem parecia a mesma água. As folhas das árvores, ao redor, refletiam-se na verde-escura. Daí continuava silenciosa, quase despercebida rolando pelo leito do riacho.

Ontem ele a comparava com esta cascata. Abundante no ano inteiro, incançável, leva vida à planície. Forte e árdega, como um potro. Sim. Ela era também forte e árdega, mas agora que lhe adianta? Ele se foi! E ontem lhe disse umas palavras exquísitas. Prometeu vir visitá-la em espírito, diariamente, e assegurou-lhe que estará com ela até o seu último momento: "depois, nunca mais te deixarei! Não te quero perder! Amo-te loucamente e quero-te sempre perto de mim! Se receberes o comunicado oficial de minha morte e os meus pertences do regimento..." Houve um silêncio. Ela, adivinhando-lhe o pensamento, com olhos cheios de espanto, tentava convence-lo da que voltaria. Ele não lhe respondeu, só a olhou tristemente. A voz de Julica tornou-se um murmúrio, quando perguntou:

— Queres que venha depois aqui e me atire nessas águas?...

Não a deixou mais falar. Tomou-a nos seus braços e Julica mal podia balbuciar:

— Mas venha buscar-me. Sozinha, não serei capaz!...

Seria mesmo ontem a última vez, em que estiveramos juntos aqui? Nós, duas crianças, que se querem mais que todos os pássaros desta grande floresta? Minha mãe teme por mim; ela sente que não é um amor qualquer que vive em nós, mas algum fogo raro, devorador, sagrado. Eu estou perguntando a mim mesma: será possível isto? Ainda em nossos dias, quando o cérebro domina? E comigo: que sempre fixei meus pés bem firmes na terra? Não me importa se imergirei, se me extinguirei. Estou contente e grata por sentir assim, por conhecer esse amor. Era maravilhoso amá-lo tanto, na alegria despreocupada do ano passado, quando praticávamos esportes juntos, brincando, e maravilhoso é agora também nesta tristeza. Tu voltarás, meu Amor! Temos que viver juntos! Felizes! Vou enterrar o pensamento inquietador e esperarei com fé por ti!

Com um olhar meigo, rapidamente lançou de um arremesso todas as flores na água.

Julica não queria abrir a mala. Tem entre as mãos a comunicação do regimento



e na mesa cartas dele. Quando ele partiu, brilhara o sol, agitara-se em volta deles a vida. Agora uma luz iria, azulada de inverno, ilumina os papeis. São cartas de amor dos grandes amorosos, que, dizem, são tão raros, como o gênio. Mandava-as de muitas páginas diaramente. Estão ordenadas. Ela as amarrava com fitas vermelhas. Julica não chora. Ouve a melodia que lhe é já tão familiar: *A morte de Ase*. Enfia as botinas de neve, veste o capote de pele e deixa-se levar à cascata. Trenós tilintam nas ruas e neve prateada cobre os campos. Debaixo dorme a terra. Um coelho corta a estrada. O velho Miguel murmura: "Oh, diabo! Isto dá azar!" Como relâmpago, escorrega-se o trenó na neve macia. A volta dos cavalos, fuma o calor de seus corpos. Os galhos de árvores, sem folha, vergam ao peso da neve fresca. Quando chegam, o bigode castanho, comprido de Miguel, já está branco da respiração congelada. Julica desce e, com pés ligeiros, encaminha-se até a ponte. Lá se queda imóvel. Ao lado, ergue-se o negro tronco duma árvore. Em seu braço, nu, duas folhas secas, esquecidas, se balançam ao triste vento. Julica olha-as e pensa: como são teimosas! Já mortas e não se desprendem. Não estou eu também morta? Meus lábios estão ainda quentes, rubros, minhas faces rosadas, mas a minha alma não é como esta floresta adormecida, coberta de neve? O silêncio é tão grande que lhe ouço o rumor... Mas a vida não pulsa debaixo deste quadro que parece estar dormindo? E não virá a primavera que faz nacer os brotos? O verão que resplandece, que cria? O outono das vindimas? E este inverno, encantado, não trará para o meu para o TEU filho, nova primavera? Quantas vezes estive aqui sentada, ouvindo o bulício da água? Sonho que estou contigo no mar, num vapor!... Fecho meus olhos, e estou no mundo das mil e uma noites... Convidaste-me para viajar hoje juntos. Mas não posso. Não por ser covarde! Deus não o quis. Mandou alguém que está para vir. Um pequeno órfão. A tua continuação. Não sejas cruel! Estive contigo até o último momento. — não temo, estou pronta também para o meu —, vi tua ferida atrás da orelha. Encostavas-te ao meu ombro, eu te segurava. Acredito em tudo que me disseste, e guardarei as tuas palavras, mas... por ora, não me chames! O teu filho não sofrerá! Eu lutarei por ele. Vem ao nosso encontro! Sê o nosso guia na estrada difícil, onde o sol ardente nos queimará, o vento nos rasgará, a chuva nos castigará. Fica no meu coração, donde nunca te perderei. A vida vai ser maravilhosa contigo! E eu QUERO viver! Eu TENHO que viver! Deixa-me ficar!... Por ele!...

Enxugou as lágrimas, sacudiu da cabeça a neve que já começava a cair mais densa e, com passos lentos, arrastados, voltou ao carro.

Um dia no Arizona

Elas foram à America. Viram New-York, assombraram-se com a Broadway, foram raptadas em S. Francisco e deixaram loucos os rapazes de Miami. Depois resolveram constatar se no Arizona ainda existiam homens como o elegante e irresistível *Caramelo* (Clark Gable em: *Quero-te como és.*) E de lá enviaram esse modelos especialmente para a REVISTA DA SEMANA.



IRENE: blusão e calças em jersey vermelho e azul marinho.



GISELDA: short e blusa de fustão branco.



LU': cullote de lã quadriculada e blusa esporte.



CLELIA: elegante conjunto para montaria, em casemira quadriculada marrom e vermelho e "cullote" cinzenta.

França.

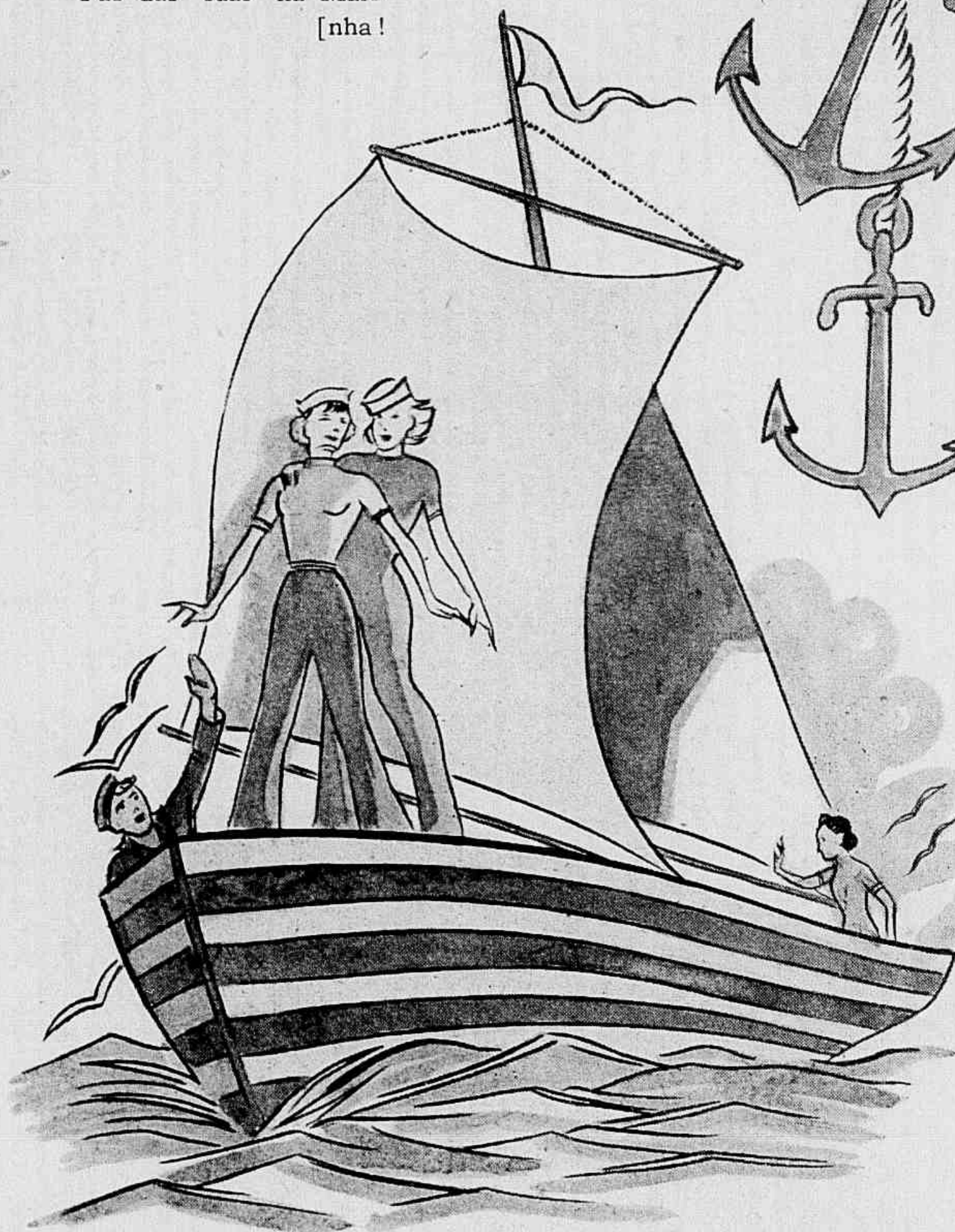
Bate-marco de Guerra

Legendas de SONIA REGINA
Ilustrações de GOULART

Com sutileza de artista
E malícia, na carinha,
O Amor — que malaba-
[rista! —
Faz das "suas" na Mari-
[nha!

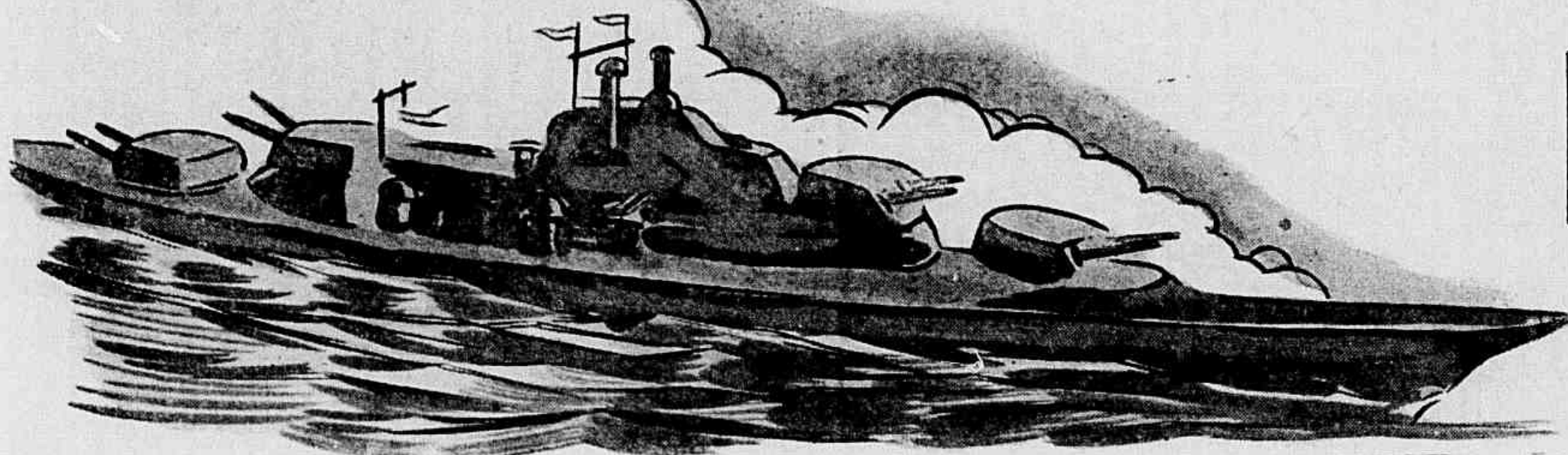


Além dela ser arisca
Tem olfato extraordinário
E uma técnica de escol.
Vai pescar... mal põe a isca
Logo um peixe milionário
Cai fogado pelo anzol.



João, ao chegar à praia
P'ra chorar a sua mágua,
Viu passar a "voluntária"
e...
caiu nágua!

Na guerra, como no amor
Essas gurias trigueiras
Têm rapidez e calor
De "lanchinhas" torpedeiras...



BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

Jay Thorpe, Franklin Simon e Abrahan. & Straus



sugerem: .

- 1.º que os modelos em lã azul marinho são a última nota da SEASON.
- 2.º que nenhuma outra roupa possui a distinção do costume...
- 3.º Mas... que as vezes um belo vestido inteiro também pode combinar admiravelmente com seu tipo...

Qual o número madame ?

Sim porque temos para todas as horas e ocasiões o sapato de que precisa. Não, por favor, não conteste: observe primeiro o nosso mostruário: e então?



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



Até á vista!



Um interessante desfile de costumes :

- 1 — Em lã negra, muito chic, com original golinha fantasia.
- 2 — Ainda em lã negra, com elegante jabot. O mesmo motivo repetido nas mangas 3/4.
- 3 — Juvenil, em casemira cinzenta. Próprio para viagens.



O espelho LHE DIRÁ

As pessoas de bom gosto que escovam os dentes regularmente com Creme Dental Squibb, o espelho revela coisas interessantes. Mostra dentes bem limpos, exibindo seu brilho natural... Dentes tratados com toda segurança porque o Creme Dental Squibb é tão puro que não pode prejudicar nem o esmalte dos dentes infantis, nem suas delicadas gengivas. A fórmula científica de Squibb não admite nenhuma

substância raspante, adstringente ou sabão. Ao invés, contém um eficaz anti-ácido — Leite de Magnésia Squibb. Use o Creme Dental Squibb, pela sua pureza — eficácia — e use-o para refrescar-se. O sabor é delicioso — todos o preferem — e a admirável sensação de frescor que deixa na boca torna um verdadeiro prazer escovar os dentes. Se ainda não usa este puro dentífrico, não deixe de comprar um tubo para experimentá-lo.

Creme Dental Squibb

254



ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.

RECEITAS PARA LIMPAR FACAS :

"Manchas comuns": sabão preto especial, mais 20 gotas de amoníaco por litro d'água, branco de Espanha. Ou apenas com limão ou pedra-pomes em pó ou álcool quente.

"Manchas de azinhavre": Friccionar com fraca solução de amoníaco.

"Manchas de Azinhavre": Friccionar com fraca solução de amoníaco.

"Manchas de ovo": Mergulhar em solução quente de borax, ou sal refinado bem seco.

"Manchas de ferrugem": Limpar com vinagre quente com um pouco de sal ou com uma cebola crua, ou batata crua. Secar em pó de saragem.

"Manchas de ácidos" Limpar com álcool quente.

"Manchas de frutas": Limpar com cinza.

RECEITAS PARA CONSERVAR FACAS :

Usar 2/3 de petróleo e 1/3 de óleo comum. Friccionar depois com um pano de lã aquecido.

CONSERVAÇÃO DOS CABOS :

PRATA — Usar preparados especiais.

MARFIM — Limpar com pedra-pomes em pó umedecida depois em branco de Espanha desmanchado em água com sabão. Polir com pano de seda.

NACAR — Usar um pano embebido em óleo. Polir com flanela.

OSSO — O mesmo processo do marfim ou com uma solução de amoníaco.

CHIFRE — Limpar com água quente e sabão. Polir a seco.

MADEIRA PRETA (renova) — Depois de bem limpo o cabo pincelar com vitriolo verde. Cuidado na operação porque mancha e queima.



Como era
verde &
mel vale...

DIÁRIO

26.3.40

Nunca esqueceremos a doçura daquelas tardes e a tranquilidade que existia na paisagem. As flores desabrocharam em profusão e, com elas, as crianças faziam guirlandas perfumadas. Sob a luz das estrelas, os pares enlaçados nos recordavam a ingenuidade e o lirismo dos idílios de Paulo e Virgínia.

Nós próprios, absorvidos no nosso amor, esquecíamos na casa de campo a inquietude e o dinamismo da cidade, as dissonâncias, a crueldade e os sofrimentos da guerra que desmembrava a Europa.

Muita gente afirma que aqueles momentos foram roubados, por nós, à causa da humanidade.



Talvez tenha sido egoísmo, quem sabe? Mas a verdade... a verdade é que vivemos dias esquecidos de paz e deslumbramento.

S. R.

Deanna Durbin (Universal), Ann Southern (Metro) e Rita Hayworth (Columbia) poderiam ter escrito o mesmo. Pelo menos, casa de campo e lindos modelos campestres elas têm... E o resto... bem, o "resto é silêncio..."

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

Acessórios

Se alguém escrevesse um tratado de modas certamente explicaria, em muitas páginas porque os *pequenos* *nada fazem o tudo*. Isso, minha jovem amiga, não é necessário repetir. Principalmente para você que possui um sentido de elegância inato. Entretanto muita gente não sabe avaliar devidamente a importância dos acessórios. O que é positivamente um mal. Por isso é que, esperando incentivar o acerto da seleção dos *detalhes* ofereço esses exemplos americanos cujo bom gosto é evidente.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

CARTAS DE AMOR



DA CORRESPONDENCIA DE NAPOLEÃO

'A Josefina

Verona 13 de Novembro de 1796

Não te amo de todo; ao contrário, te detesto. És uma Borracheira má, feia e boba. Nunca me escreves; não tens amor ao teu marido; sabes o prazer que me dão as tuas cartas, e no entanto não me mandas nem meia dúzia de linhas rabiscadas às pressas.

Que faz a senhora o dia inteiro? Que negócio tão importante é esse que não lhe deixa tempo de escrever ao seu fiel amante? Que outra afeição abafa e põe de lado o amor, o terno e constante amor que a senhora lhe prometeu? Que ser maravilhoso é esse novo amante que lhe absorve todos os momentos, lhe tiraniza os dias e a impede de dar qualquer atenção a seu esposo? Cuidado, Josefina! Uma bela noite cairão as portas e eu surgirei.

É verdade, meu amor, ando muito infeliz de não receber notícias tuas; escreve-me depressa quatro páginas — quatro páginas cheias de coisas boas que me encham o coração dos sentimentos mais agradáveis.

Espero muito breve poder esmagar-te nos meus braços e cobrir-te de um milhão de beijos ardentes como se estivéssemos sob o equador.

BONAPARTE

Milão, 27 de Novembro de 1796,
três horas da tarde.

Chego a Milão, corro ao nosso apartamento, deixando tudo para vir ver-te e apertar-te nos meus braços... Não estavas lá: andas de cidade em cidade atrás de festas; partes quando estou para chegar; não te interessas mais pelo teu querido Napoleão. Foi um capricho que te levou a amá-lo; a inconstância te fez indiferente a ele. Acostumado aos perigos, conheço o remédio para os aborrecimentos e males da vida. A má fortuna que sofro está acima da conta; eu deveria estar isento disso.

Permanecerei aqui até o dia 9. Não fiques irritada; diverte-te; os prazeres foram feitos para ti. Todo o mundo se sente feliz de te agradecer, e só teu marido está muito, muito triste.

BONAPARTE

Brumnn, 19 de Dezembro de 1805

Grande Imperatriz, estou sem carta de Vossa Majestade desde a sua partida de Estrasburgo. Esteve Vossa Majestade em Baden, Estugarda e Munique sem me escrever uma palavra. Não é muito amável nem afetuoso. Estou ainda em Brunn. Os rusos foram embora; fiz uma trégua. Dentro de poucos dias verei o que vou ser. Digne-se Vossa Majestade, do alto de sua grandeza, prestar um pouco de atenção aos seus escravos.

NAPOLEÃO

Berlin, 6 de Novembro de 1806
às 9 da Noite.

Recebi a tua carta, em que te mostras um tanto aborrecida por causa de umas palavras duras que tive para as mulheres; é verdade que acima de tudo odeio as mulheres intrigantes. Estou acostumado com mulheres bondosas, gentis e cordatas; são as únicas de que gosto. Se elas me habituaram mal, a culpa não é minha; é tua. Além disso verás que fui muito bom para com uma mulher que se revelou ajuizada e boa, Madame d'Hatzfeld. Quando lhe mostrei a carta do marido, disse-me ela soluçando com profunda emoção e franqueza: "Ahl é a letra dele com efeito!" E depois de ler, falou num tom que me foi direito ao coração; fez-me sofrer. Disse-lhe então: "Pois bem, minha senhora, queime esta carta; já agora não serei capaz de mandar castigar seu marido!" Ela atirou a carta ao fogo e pareceu-me muito contente. O marido está agora livre de ansiedade. Tivesse o encontro ocorrido duas horas depois e seria tarde demais. Vês que gosto das mulheres bondosas, sinceras e meigas; mas é porque se parecem contigo.

Adeus, meu amor; estou bem.

NAPOLEÃO

DA CORRESPONDENCIA ENTRE MARIA BASHKIRTSEFF E GUY DE MAUPASSANT

Monsieur:

Leio as suas obras, posso quasi dizer, com delicia. Na fidelidade à natureza, que

copia com religiosa exatidão, encontra o senhor uma inspiração verdadeiramente sublime, ao mesmo tempo que comove os seus leitores por uns toques de sentimento tão profundamente humano que é como se estivéssemos vendo a nós mesmos com um amor egoístico. O elogio é insignificante? Seja indulgente, ao menos falo com toda a sinceridade.

O senhor compreende que eu gostaria de dizer-lhe muitas coisas finas e bonitas, mas assim de repente a coisa é difícil. Lamento-o tanto mais quanto o senhor é bastante grande para inspirar a uma pessoa o sonho romântico de se tornar a confidente de sua bela alma, admitindo-se que a sua alma seja bela.

Se a sua alma não é bela, e se o senhor não fôr "dado a estas coisas", lamenta-lo-ei pelo senhor, em primeiro lugar; além disso classifica-lo-ei para mim como um simples fabricante de literatura e não pensarei mais no caso.

Há um ano que tenho tido vontade de lhe escrever e estive a ponto de fazê-lo, mas... às vezes pensava comigo mesmo que lhe estava exagerando os méritos e que não valia a pena. Faz dois dias, porém, vi de repente no *Gaulois* que alguém, o tinha honrado com uma epístola elogiosa e que o senhor tinha indagado o endereço da autora da amabilidade para responder-lhe. Imediatamente fiquei com ciúmes; os seus méritos literários voltaram a deslumbrar-me e... aqui está a minha carta.

Agora deixe-me dizer-lhe que guardarei sempre o meu incógnito. Não desejo nem sequer vê-lo de longe — a sua figura podia não me agradar — quem pode garantir? Tudo que sei a seu respeito é que o senhor é moço e solteiro, dois pontos essenciais, para uma adoração a distancia.

Mas devo dizer-lhe que sou encantadora; essa preciosa informação talvez o estimule a responder-me. Acho que se eu fosse homem não desejaria manter comunicação, mesmo apenas epistolar, com uma velha solteirona inglesa, qualquer que fosse a respeito a opinião de

MISS HASTINGS
(Agência Postal da Madeleine)

Madame-

Certo minha carta não será o que a senhora esperava. Antes de tudo, quero agradecer-lhe a sua bondade e gentilezas para comigo. Agora, conversemos como duas pessoas de juízo.

A senhora pede-me para ser a minha confidente. Com que direito? Não a conheço. Porque haveria de dizer a senhora — pessoa desconhecida, cuja inteligência, temperamento, etc., podem não estar afinados comigo — o que diria talvez, em voz alta e na intimidade, às mulheres que são minhas amigas? Não seria proceder como um idiota, como um mau amigo?

Que encanto pode dar às relações uma correspondência misteriosa? O que existe de agradável nas afeições — afeições castas — entre homem e mulher não vem em geral do prazer de estarem juntos, de conversarem e de verem nas cartas que se escrevem mutuamente a fisionomia do outro lendo o que o amigo confiou ao papel?

Como pode uma pessoa confessar as intimidades do seu coração a alguém cujo rosto, cor dos cabelos, sorriso e aparência lhe sejam desconhecidos?

Alude a senhora a uma carta que recebi recentemente. Era de um homem que me pedia um conselho. Olhe aqui. Para voltar ao caso das cartas de mulheres desconhecidas. Nos últimos dois anos, recebi cerca de umas cinquenta ou sessenta. Como haveria de escolher entre tantas mulheres a confidente de minh'alma, como a senhora diz?

Quando há da parte delas o desejo de se darem a conhecer, segundo as praxes da boa sociedade, então é possível estabelecerem-se relações de amizade e confiança; de outro modo, por que haveria eu de preferir amigas encantadoras, para atender a uma nova, que pode ser encantadora também, mas me é desconhecida? É que talvez mesmo seja desagradável tanto de aspecto como de inteligência? Tudo isto é pouco galante, não? Mas se eu me lançasse aos seus pés, por ventura a senhora acreditaria na fidelidade dos meus afetos?

Queira perdoar, Madame, o raciocínio de um homem mais prático do que poético, e creia-me ser grato e dedicado.

GUY DE MAUPASSANT

P. S. — Perdão para as emendas contidas nesta carta. Não sei escrever sem fazê-las e no momento não tenho tempo para passar a limpo.

Cetrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

«Hors d'oeuvres» e sobremesas

Mlle. Savarin



ABACATE COM MAYONAISE

Ingredientes: 3 cenouras cozidas, 4 abacates, 2 maçãs cruas, palmito cozido, 2 gêmas cozidas, 1 colher de crème de leite, sal e gotas de limão.

Descasque-se os abacates cortando-os, pelas partes mais largas, em rodelas, para conservarem o furo no centro. Depois de arrumadas em pratinhos, encha-se o centro com a mistura seguinte: picados os restantes abacates, junte-se as cenouras picadinhas, o palmito também picadinho e as maçãs cruas. Tempere-se com as duas gêmas cozidas, batidas com uma colher de crème de leite, juntando-se o sal e o limão.

ALCACHOFRAS AURORA BOREAL

Ingredientes: 12 fundos de alcachofras, molho russo ou molho Maionaise, 2 maçãs, 3 cenouras e 1/2 quilo de camarões.

Tome-se o fundo das 12 alcachofras cozidas em água e sal e escorridas, podendo ser substituídas pelas confidas em 2 latas de conservas, adicione-se o molho russo. Parta-se em cubos de 1 cm. as maçãs e as cenouras, juntando-se os camarões cozidos (podendo substituí-los por miúdos de galinha, sirís, etc.). Junte-se ao molho e encha-se as alcachofras em forma de pirâmide. Bem no topo coloque-se uma crista de galo e ao redor guarneca-se com bolas de melancia, tiradas com a colher n.º 2. Produz um lindo efeito.

AIPO COM QUEIJO DE MINAS

Ingredientes: 15 galhos de aipo (celeri), 1/4 de queijo de Minas, 1 colher de chá de molho inglês, sal e manteiga o necessário.

Tomar os 15 galhos de aipo, destacar a parte branca, raspar, aparar os fiapos e deitar de molho em água gelada. Fazer uma pasta bem ligada com o queijo ralado, juntando-se-lhe o sal, o molho e a manteiga. Enxugar os talos de celeri, recheiando-os até à metade, na parte côncava, com uma grossa camada do queijo, levando-se para a geladeira durante meia hora mais ou menos. Servir com "cocktail".

ANCHOVAS ENROLADAS

Ingredientes: 1 vidro de anchovas enroladas, 12 ovos, molho maionaise para "sandwichs", folhas de alface e pepinos em conserva.

Tome-se do vidro de anchovas e escorra-as. Cozinhe-se os 12 ovos, partindo-os depois, ao meio, sobre o comprido. Faça-se o molho de maionaise. Coloque-se 3 folhas de alface em cada pratinho, derramando-se no centro 1 colher de chá do molho e sobre este colocando 2 metades dos ovos. Passe por cima dos mesmos leve camada do molho e coloque uma anchova no centro de cada uma e 2 pedacinhos de pepino de cada lado, como a imitar duas folhas.

CARTUCHINHOS DE SIRÍ

Ingredientes: 300 grs. de farinha, 1 colher de manteiga, 1/2 colher de banha, 1 xícara de leite e 12 sirís.

Faça-se uma massa com a farinha, a manteiga e a banha, água e sal, até formar uma pasta lisa como para pastel. Depois de aberta bem fina, cortar em triângulos, enrolar em cartuchos de folha, colar com clara e levar a fritar em muita banha. Retirar os cartuchos e recheiar a massa com um creme feito com 1/2 colher de farinha, 1/2 de manteiga, a xícara de leite, sal e a carne dos 12

sirís cozidos. Estes podem ser substituídos por outros de 1 lata ou então camarões cozidos e picados.

CARTUCHOS DE PRESUNTO COM PATÉ

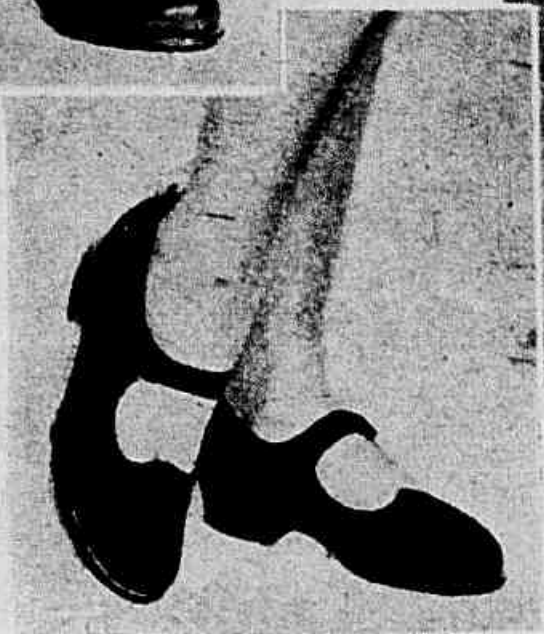
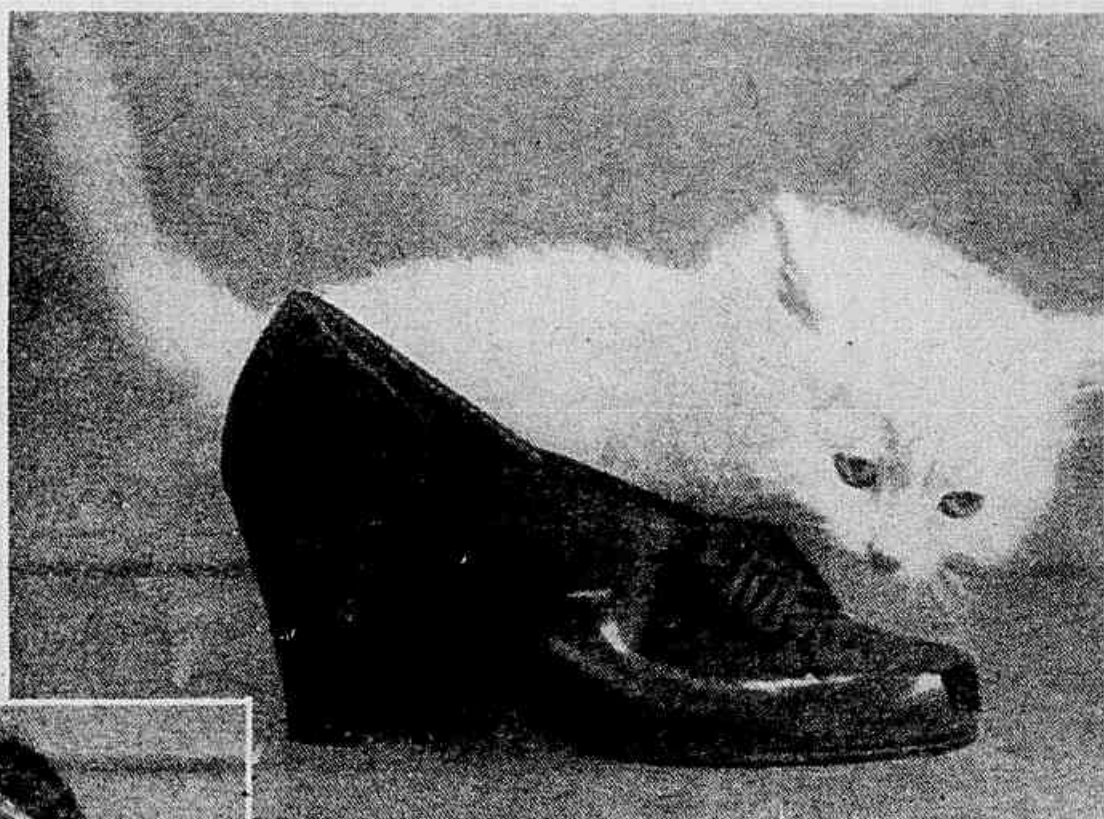
Ingredientes: fatias de presunto, paté, maionaise, manteiga e pão de forma.

Sobre fatias finas de presunto, recortar triângulos de 9 cm. por 7 cm. de base. Enrole como cartuchos, cole com manteiga e leve à geladeira para fixar. Recheie com paté, maionaise, etc. Em quadrados de pão de forma, com um pouquinho de manteiga fresca ao centro, colar os cartuchos.



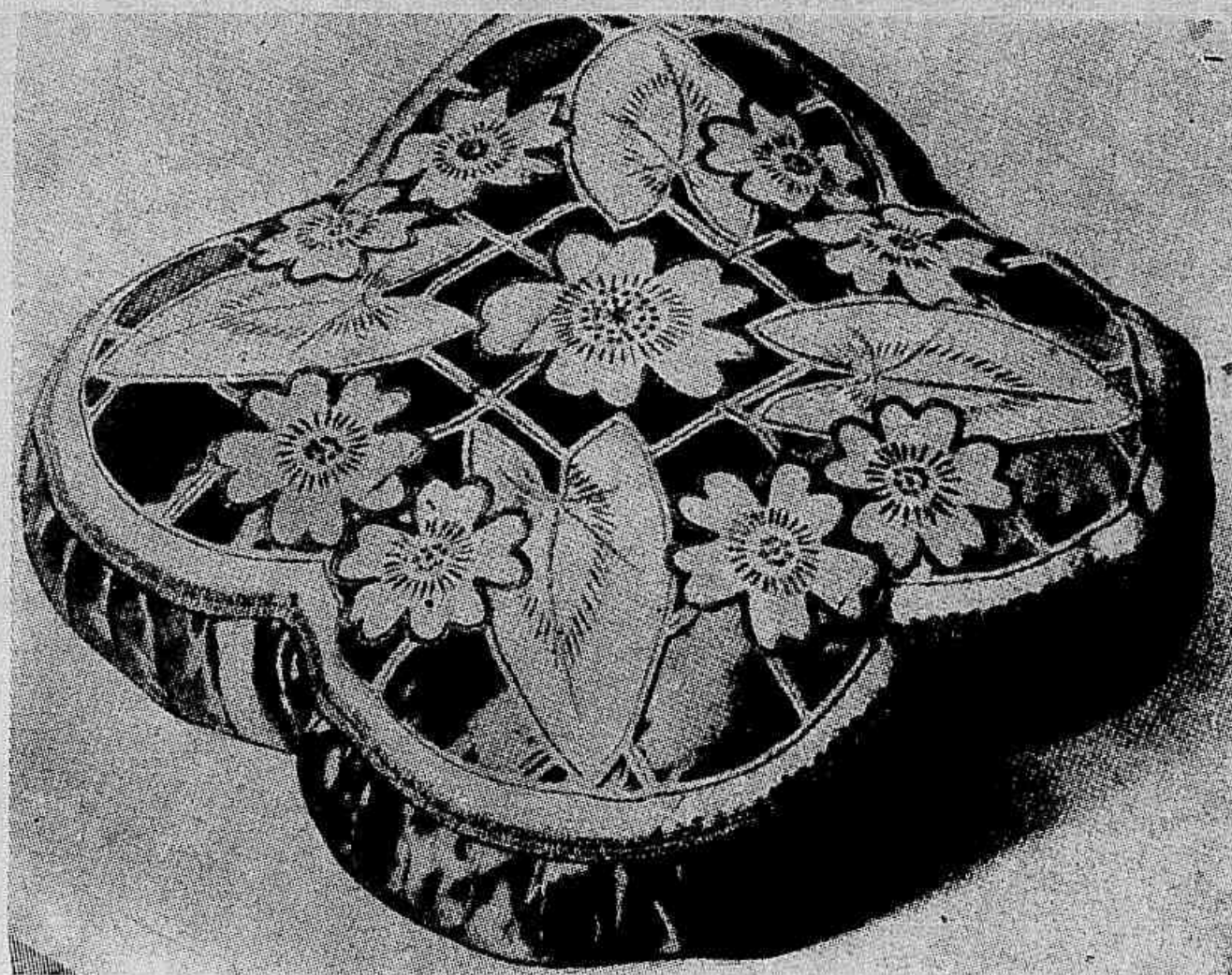
Qual o número, madame?

Sim porque temos para todas as horas e ocasiões o sapato de que precisa. Não, por favor, não conteste: observe primeiro o nosso mostruário: e então?



O Lar

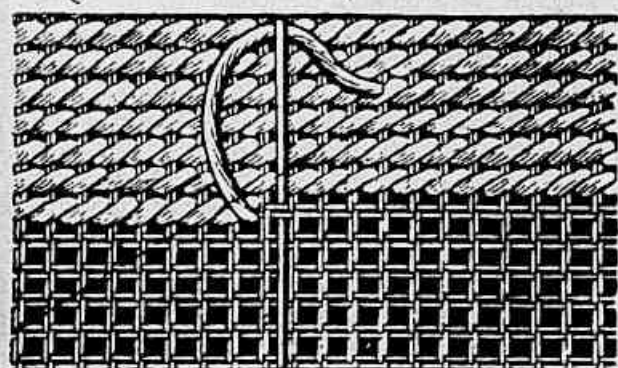
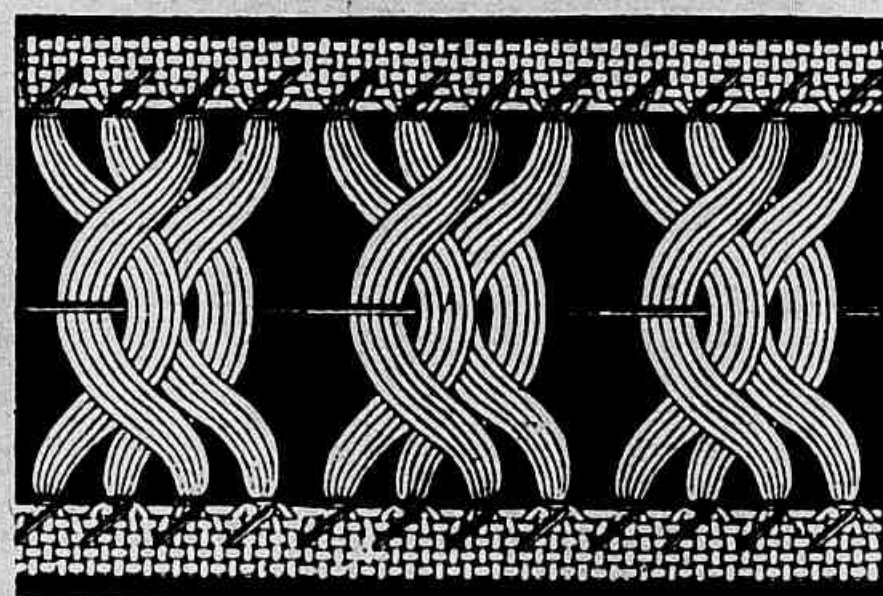
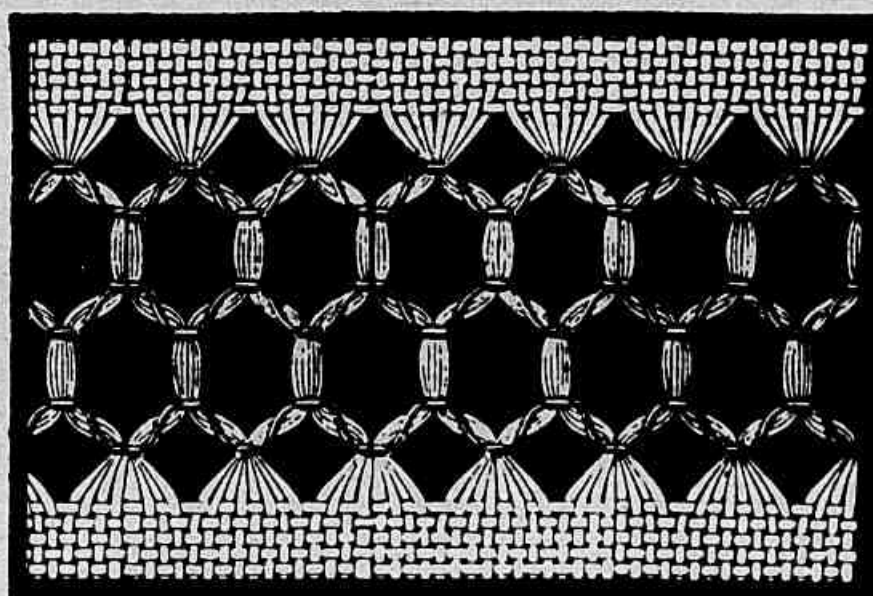
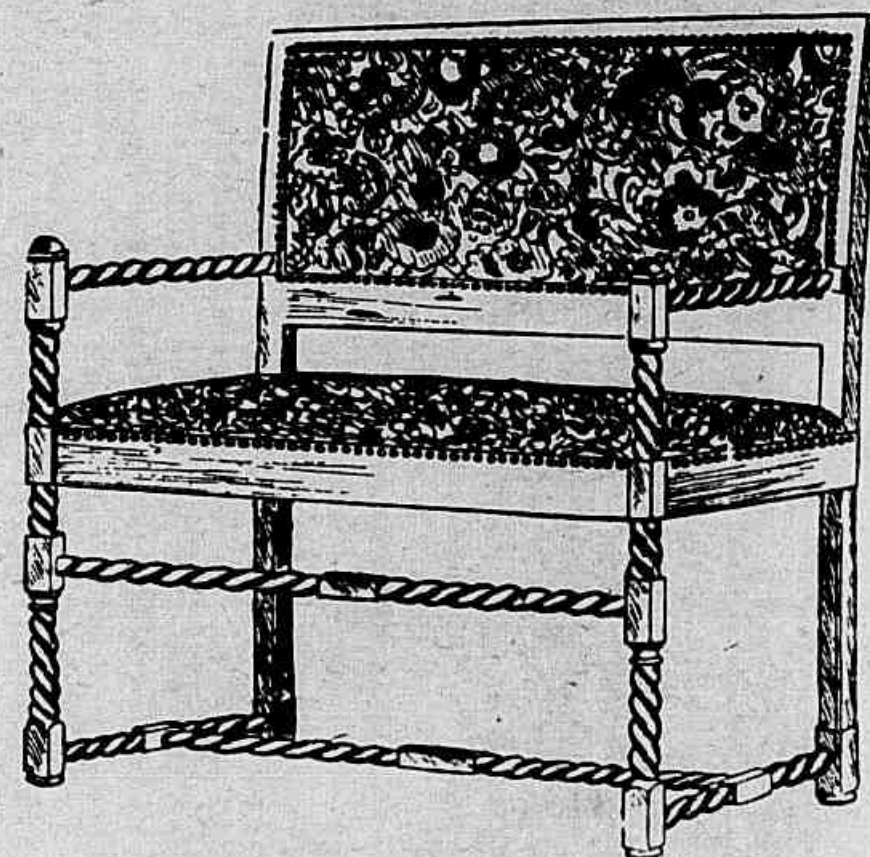
Torne sua casa
um mundo
maravilhoso



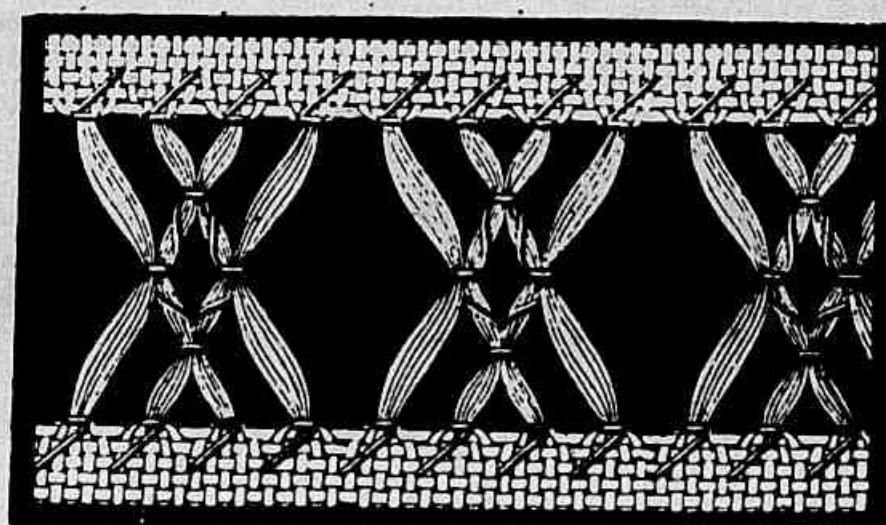
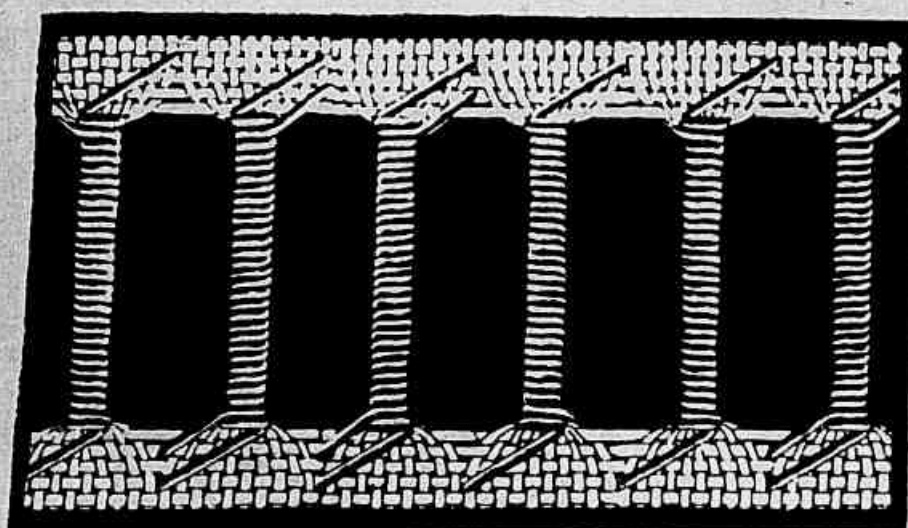
Linda almofada com aplicações sobre o selim. Contorna-a uma original cercadura da qual se pode observar as fases da sua confecção nas gravuras seguintes.



Tapeçaria de estilo Luiz XIII
para
recobrir
banque-
tas,
fauteils,
etc...



Este lindo modelo de tapeçaria é co- E' um trabalho que deve ser feito de es- quer outra. Os motivos do desenho são
piado de um antigo desenho Luiz XIII pessão média. A lã Colbert do Bom azues, bege e vermelho sobre um fundo
mais bonito que os modelos correntes. Pastor é utilizada de preferencia a qual- negro. As flores em tons antigos e chics.



MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" em seus grandes mostruarios anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residencias e Escritorios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionarios, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritorios, tendo competente seção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruarios junto à Fábrica.



CONFETARIA PASCHOAL. — Comemorando em 2 do corrente o 1.º aniversário de sua reabertura à rua Senador Dantas, 22, a nova firma proprietária, Sociedade Brasileira de Comércio Alimentício, inaugurou um serviço especial de pratos quentes, com uma especialidade para cada dia da semana. — Fazem parte da firma que explora a confeitaria Paschoal, o sr. A. Camliér (ex-proprietário dos Bars "Cintra" de Paris) e o sr. Roger Levy.



LEANDRO MONTENEGRO — o mais sincero galã do rádio-teatro carioca. "JOIA", o bandoleiro romântico, foi uma das suas grandes criações, ora em feliz "repêse" na Tupi. E agora firmou-se definitivamente como o galã mais sincero do nosso rádio, criando o difícil papel de "Pluma", o cigano da grande novela: — "...e as sombras desceram sobre nós..." que a Rádio Jornal vem apresentando com absoluto sucesso.

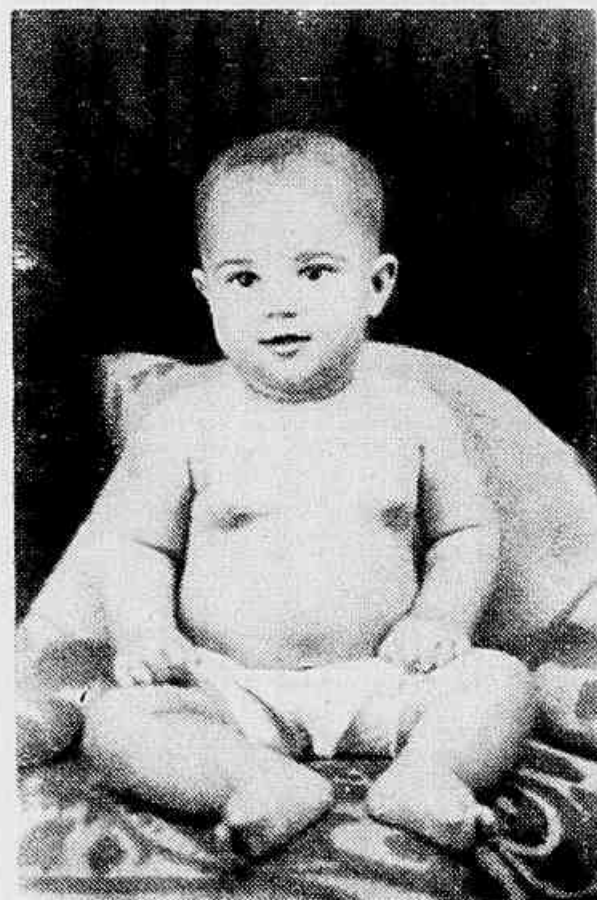


Walter de Almeida, aos 5 anos, filho do casal Olinda de Assunção de Almeida e José de Almeida — Distrito Federal.

CREANÇAS



Antonio Carlos, filho da sra. Maria Ruth Gomes Franco e do sr. Antonio Franco e netinho do comerciante desta praça, sr. Antonio Paulo Gomes e d. Mercê Gomes.



A interessante menina Silvia ao 6 meses filha do sr. Silvio Goulart de Oliveira e d. Odete Faria de Oliveira — Distrito Federal.

BANCO INDUSTRIAL BRASILEIRO S. A.

Capital Cr. \$ 10.000.000,00

MATRIZ

Rua General Camara, 71

Fone: 45-8850 — Telegramas: "CASABANCA" — Caixa Postal 785

FILIAIS NO DISTRITO FEDERAL:

BANDEIRA
MADUREIRA
MEIER

Praça da Bandeira, 505
Rua Maria Freitas, 15
Rua Frederico Meier, 8

Fone: 48-0212
Fone: 29-6606
Fone: 29-5355

FILIAIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

NITEROI — CAMPOS — PETROPOLIS — BARRA DO PIRAI
CAMBUCI — ITAPERUNA — NOVA IGUAÇU — VOLTA
REDONDA — REZENDE — VASSOURAS

Todas as operações bancárias às melhores taxas



Vilma Lucia, (5 anos) filha do sr. Francisco Rigoni e de d. Gioconda Rigoni. 1.º lugar no baile infantil do Casino Alegretense em 1942. — Alegrete — R. G. do Sul.

Bacuráu, bicho de fogo!

(Continuação da pag. 5)

devastando a fazenda com a morte e o incêndio... Aos poucos mataria todo o mundo... E a mãe de Mário... Depois o próprio Mário...

Era o sol esconder-se ele passava imperioso, detestável.

Um santo assim como Mário, saído do oratório de Romana, com certesa dominaria aquele bicho infernal, como aconteceu uma vez no céu, entre anjos máus e bons e também na fazenda, numa noite apagada de estrelas, á saída do "corte" quando o trem da noite surgiu.

Sobre a estrada de ferro, a língua de fogo da máquina derramava uma chãma ardente. Havia outra, maior ainda do que esta em intensidade e força, mas que não transluzia. O choque foi inevitável. Não houve recuo. Misturaram-se, confundiram-se, sangue e carvão. E "adeus babául!"

Amáquina resfolegava forte. Desta vez quem venceu foi o anjo máu.

Era uma vez o Dragão da floresta: — Bacuráu, bicho de fogo!



A interessante garotinha Rita, filha do sr. Ité Dacio Lisboa da Fonseca e d. Francisca Ribeiro Fonseca - Rio.



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ